

NYPL RESEARCH LIBRARIES



3 3433 00085471 5

11

Kenneth Roosevelt
São Paulo 1912.

pertence a

Jose Cardoso de Oliveira

B-10
543

POESIAS SELECTAS

9076 DE

MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE

COLLIGIDAS E ANNOTADAS

POR J. S. DA SILVA FERRAZ

E PRECEDIDAS D'UM ESBOÇO BIOGRAPHICO

POR

J. V. PINTO DE CARVALHO



PORTO:

NA LIVRARIA E TYP. DE F. G. DA FONSECA, EDITOR

Rua do Bomjardim, 72.

1864



MA NOEL MARIA BARBO-
ZA DU BOCAGE.

ADVERTENCIA DO EDITOR

Haverá onze ou doze annos que encarregamos o Illm.º Snr. J. S. da Silva Ferraz de confeccionar um volume de poesias selectas de Bocage, que pertendiamos publicar, para que o clarão d'este astro brilhante da poesia portugueza podesse illuminar a todós.

Encetou S. S.ª esse trabalho e já tinhamos em nosso poder as poesias e algumas notas, quando appareceu a ultima edição de Lisboa.

Apezar de não estar esta edição no caso da nossa, por não ser, como ella, accessivel a todos, todavia entendemos não dever publical-a por então. O Snr. Silva Ferraz deixou o trabalho incompleto e nós guardamos o ori-

ginal, que já tínhamos, e ahí o deixamos dormir em uma gaveta até o presente.

Ultimamente occorreu-nos a idéa de publicar o malfadado manuscrito, e encarregamos o nosso amigo J. V. Pinto de Carvalho de escrever a biographia do poeta, e de coordenar e fazer selecção das notas mais essenciaes á intelligencia dos versos, bem como de escrever algumas, que faltassem e fossem indispensaveis.

Eis a historia do presente volume, que entendemos dever contar ao publico, para motivar a sua apparição.

O EDITOR.

ESBOÇO BIOGRAPHICO

I

A 17 de Setembro de 1766 veio á luz em Setubal um menino, que, bafejado desde o berço pela deusa da poesia, devia um dia fazer ouvir em Portugal e fóra d'elle os maviosos eccos da sua lyra — sempre brilhante, ainda mesmo nos seus desvarios deploraveis.

Seu nome, quem o não sabe? E' Manoel Maria Barbosa du Bocage. Seu pae José Luiz Soares Barbosa, Bacharel em Canones, occupára diversos logares na magistratura: porém desgostoso da vida publica, retirou-se a Setubal, onde abriu escriptorio de advogado. Foi poeta satyrico e repentista, em cujas compo-

sições transparecia já a aurora do gênio, que em seu filho tão brilhante fulgurára:

Sua mãe D. Maria Joaquina Lestof du Bocage, de origem franceza, era uma excellente senhora e boa mãe, que Bocage teve a infelicidade de perder na idade de dez annos — quando mais precisava do seu amparo e direcção.

Concluidos os estudos necessarios para a carreira das armas em 1780, assentou praça de cadete no regimento de Setubal; d'onde mudou para a armada real no posto de Guarda marinha.

Contando apenas 19 annos, havia voltado para a arma de Infantaria, e no posto de tenente se embarcou para a India.

Qual o motivo d'esta expatriação, é ponto por averiguar: attribuiram-n'o alguns a versos contra altas personagens da côrte; porém o mesmo poeta nos diz o que o impelliu a tal resolução nos seguintes versos:

..... Um vivo ardôr de nome e fama
A nova região me altráe, me chama.

II

Não foi feliz. A fortuna, que elle esperava

achar propicia n'esta longinqua colonia, nem ao menos um sorriso lhe mostrou nos labios. Perseguiu-o uma má estrella — a sua musa satyrica e mordaz, que não guardando conveniencias, foi a causa das suas infelicidades.

Encontrando, em logar da heroica Gôa de outras eras, um estado em decadencia e uma nobreza orgulhosa e enfatuada, seu genio exaltado e impaciente indignou-se; molhou a pena no fel amargo da satyra violenta e immunda, e despediu os tiros, sem reparar que a elevação dos alvos, e o certo da pontaria, podia perdê-lo. E perdeu-o.

Muitos versos satyricos contra personagens de ambos os sexos attrairam-lhe o odio e a aversão de todos. Procuraram desaffrontar-se, e a vida do poeta esteve por vezes em eminente risco. Por fim veio o obsceno poema a — *Manteigui* contra a amante do Capitão-General D. Frederico Guilherme de Souza, desafiar as iras d'este contra o poeta audaz. Expulsou-o da cidade para Macau, onde chegou nos fins de 1788; foi na viagem d'esta possessão portugueza — ou na ida ou na volta — que, naufragando, salvou a modo os seus versos, como Camões salvára o seu immortal poema.

Pouco tempo se demorou em Macau, por-

que, obtendo do Governador soccorros, voltou á patria, e desembarcou em Lisboa em 1790.

III

Bocage chegou á patria demittido do posto, e sem bens de fortuna, de que vivesse. E' a isto, talvez, que devemos attribuir essa vida trabalhosa e essas aberrações deploraveis; em que o poeta, para agradar a admiradores dissolutos, que o instigavam, e de cujas mãos recebia talvez o sustento de cada dia, « sem ser mau, timbrou algumas vezes em o parecer; sem ser impio, não se envergonhou de o fingir » — como diz o Snr. Rebello da Silva, de cujo excellento estudo biographico me servi, para confeccionar este rapido esboço.

No anno seguinte (1791) fez imprimir o primeiro volume das suas Rithmas, e deslumbrado pelos applausos com que foi recebido, e pela fama, que seu talento d'improvisador, seus epygrammas e poesias satyricas lhe haviam já grangeado, tornou-se altivo; intolerante e vaidoso: julgou-se superior a todos e não poupou a ninguem a sua mordente satyra — nem mesmo os seus bemfeitores. D'este modo não podia Bocagé deixar de vêr com

maus olhos os poetas seus contemporaneos : com effeito assim aconteceu.

A *Nova Arcadia*, onde entrou em 1791, foi o theatro famoso, onde se gladiaram os athletas da poesia. N'ella tinha Bocage o nome de Elmano.

Belchior Curvo Semedo, o Dr. Luiz Corrêa da França, o Padre Joaquim Franco d'Araujo Freire Barboza, Abbade de Almoster, e José Agostinho de Macedo, foram n'esta lucta de epygrammas os principaes adversarios de Elmano. Não podendo alguns Arcades medianeiros congrassar os contendores, foi Bocage expulso do seio da Arcadia, o que mais contribuiu para exacerbrar-lhe o rancôr e tornar mais pungente o epygramma.

A Arcadia — infeliz — morreu no meio das inglórias contendas d'aquelles, que mais se deviam gloriar de servir-lhe de sustentaculo, que de abrir-lhe a sepultura.

Desvairado e allucinado cada vez mais pelos louros, que a superioridade da sua satyra sobre tantos adversarios, lhe grangeava; levado pela sua imaginação exaltada; enganado por entusiastas imprudentes; correndo atraz dos applausos deixou-se Bocage resvalar em uma voragem: deshonrou a sua penna, prostituiu o seu genio fecundissimo; contrariou os di-

ctames da consciencia e da razão, e entregou-se á composição de versos ímpios e immoraes. E' uma nodoa indelevel na sua vida e na sua gloria.

IV

A famosa epistola — *Pavorosa illusão* — apparecendo em Lisboa, motivou uma ordem de prisão contra o nosso poeta, passada pelo Intendente Geral da policia. Capturado em 10 de agosto de 1797 foi recolhido ao Limoeiro, procedendo-se depois a uma rigorosa devassa sobre o seu procedimento moral, civil e religioso, e ordenando-se a apprehensão de todos os seus escriptos.

Os esforços dos Marquezes de Ponte de Lima, de Abrantes, de Pombal, e do ministro José de Seabra da Silva, seus admiradores, conseguiram encaminhar o processo a restituir-lhe a liberdade.

Transferido para os carceres da Inquisição, mostrou-se esta muito indulgente com o accusado; contentou-se em admoestalo e em tomar-lhe uma declaração de que não mais escreveria contra a religião. Mandou-o depois para o hospicio das Necessidades, onde, em companhia e prática com os doutos e devotos

religiosos, que o habitavam, passou algumas semanas, durante as quaes seu espirito exaltado se tranquillizou e fortificou, para de futuro não mais cair em desvarios, eguaes aos que o levaram ao carcere.

v

Restituido á liberdade, chamou Elmano para sua companhia a sua irmã D. Maria Francisca, que esteve com elle até cerrar-lhe os olhos para o ultimo somno. Quebrou a penna, com que offendêra os costumes, a religião e a moral, e entregou-se ao estudo, principiando a traduzir Ovidio, e alguns até dizem queprehendêra a composição d'uma epopeia.

Sollicito em grangear o sustento para si e para sua irmã, acceitou Bocage um logar na Officina Chalcographica, de que era director Fr. José Marianno Velloso, religioso arrabido. Ganhava 24\$000 reis mensaes, e tinha por obrigação rever as provas dos livros destinados á instrucção e traduzir em portuguez obras poeticas de auctores acreditados.

A este contracto devemos as primorosas traducções, que nos legou este poeta.

Finalmente gasto por enfermidades, em que os padecimentos moraes se reuniram aos phisicos, provenientes do uzo frequente de bebidas espirituosas, do tabaco de fumo e de outras extravagancias, que nunca pôde de todo abandonar, falleceu a 21 de dezembro de 1805 com 39 annos de idade.

Nos seus ultimos momentos — já quando o pavoroso espectro da morte lhe ondeava diante dos olhos amortecidos — balbuciou a custo um soneto, onde confessa seus desvarios e d'elles se mostra arrependido: eis os tercetos:

Eu me arrependo: a lingua quasi fria
Brade, em alto pregão, á mocidade,
Que atras do som phantastico corria

Outro Aretino fui! A Santidade
Manchei.... Oh! se me crêste, gente impia,
Rasga meus versos! crê na eternidade!

Foi este soneto o derradeiro e mavioso canto do moribundo cysne. Balbuciou-o elle com vóz tremula e desfalecida envolto já nas pallidas sombras da morte. Meia hora apenas antes do poeta cerrar para sempre os olhos; já quando sua mão não podia segurar a pen-

na, foi o morgado de Assentis — seu dedicado amigo—quem salvou do nada esta preciosa peça poetica — recolhendo-a de seus tremulos e descorados labios e transmittindo-a por sua lettra á admiração da prosteridade.

E' um dos seus mais sublimes. E' a vóz da consciencia accusando-o de ter contrariado seus dictames, e pedindo a Deus perdão dos seus desvarios. Este, com todos os seus ultimos sonetos, são inegalaveis. Neste genero de poesia nenhum outro vate portuguez desferio as cordas da lyra de Elmano.

Durante a sua enfermidade todas as classes da sociedade procuravam com interesse noticias suas; a humilde caza, em que vivia, era constantemente visitada por nobres e plebeus, que lhe accudiam com soccorros, aliás o elegante traductor dos *Jardins de Delille*, das *Plantas de Castel* e do *Consortio das Flores de Lacroix* morreria de fome, antes que a aneurisma lhe vazasse a morte dentro do peito.

Seus restos mortaes enterrados no cemiterio da Egreja das Mercês, perderam-se!...

Ninguem hoje sabe onde repousa a ossada do poeta Manoel Maria Barbosa du Bocage. Suas obras são o seu unico monumento.

Fecharei este artigo citando o juizo de alguns homens competentes sobre o merito poetico de Bocage.

O snr. Borges de Figueiredo diz no seu resumido, mas valioso *Bosquejo historico da Litteratura Classica*: « Sua feliz musa se ensaiou em quasi todos os generos de poesia: escreveu *eclogas, elegias, tragedias, etc*; mas a composição, aque elle se dedicou com uma admiravel facilidade, é a dos sonetos, onde desenvolve uma sensibilidade ardente e profunda, e um talento poetico, que o faz olhar como inimitavel n'aquelle genero. »

O snr. Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, Professor de Rethorica na capital do Brazil, no seu *Curso Elementar de Litteratura Nacional*, obra magnifica e a mais perfeita, que conhecemos, neste genero, diz:

« A semelhança de Camões, raro é o genero de poesia, em que nos não legasse este illustre poeta alguns testemunhos do seu pasmoso engenho. Primou porem na especie de que nos occupamos; (a epigramatica) e ninguem, nem antes, nem depois d'elle, lhe ganhou a palma.

« Rebentavam-lhe em borbotões torrentes

de poesia, e como que instinctivamente superava difficuldades em que outros, encanecidos sobre os livros, haviam naufragado. Era a sua imaginação um vesuvio metrico, cujas ardentes lavas calcinavam as criticas de seus zoilos. Abundavam armas em seu arsenal, e conforme as necessidades do momento, ora lançava mão da ervada seta do epigrama, ora da clava do soneto. Não somente á satyra, mas a varios outros assumptos destinava elle esta graciosa fórmula poetica, não temendo ainda de conspurcal-a no tremedal da obscenidade. Sob todos os aspectos, que o consideremos, será Bocage o primeiro sonetista da litteratura portugueza.»

Finalmente o Snr. Rebello da Silva no seu profundo e consciencioso *Estudo litterario* para servir de complemento á biographia de Bocage, inserto no tomo VI das suas poesias diz :

«O soneto deveu-lhe uma superioridade, que depois e antes nunca teve. Rivalisando com Petrarcha, se a miudo o não offusca, faz pasmar a facilidade com que entra na estreita medida imposta pelas regras. Modulando os tons mais arduos, zomba dos curtos limites concedidos á idéa e aligeira, como se não pezassem, as prisões artificiosas da metri-

ficação... A viveza une-se á valentia do metro, e á opulencia da rima.»

Rematando o esboço biographico de Bocage com o juizo destes tres mestres sobre o seu merecimento poetico, nada mais nos resta, senão dizer que poderamos adduzir outras muitas opiniões todos unanimes neste mesmo sentido; porem o que fica transcrito é sufficiente para se fazer seguro juizo do poeta; pois quem por guias em tal materia tomar homens d'estes, difficilmente seguirá caminho errado.

SONETOS

I

Incultas produções da mocidade
Exponho a vossos olhos, oh leitores :
Vêde-as com mágoa, vêde-as com piedade,
Que ellas buscam piedade e não louvores :

Ponderae da Fortuna a variedade
Nos meus suspiros, lagrymas e amores :
Notae dos males meus a immensidâde,
A curta duração dos seus favores :

E se entre versos mil de sentimento
Encontrardes alguns, cuja apparencia
Indique festival contentamento,

Crêde, oh mortaes, que foram com violencia
Escriptos pela mão do Fingimento,
Cantados pela voz da Dependencia.

II

Chorosos versos meus desentoados,
Sem arte, sem belleza, e sem brandura,
Urdidos pela mão da Desventura ;
Pela baça Tristeza envenenados :

Vêde a luz, não busqueis desesperados,
No mudo esquecimento a sepultura :
Se os ditosos vos lêrem sem ternura,
Ler-vos-hão com ternura os desgraçados.

Não vos inspire, oh versos, cobardia
Da satyra mordaz o furor louco.
Da maldizente voz a tyrannia :

Desculpa tendes se valeis tão pouco,
Que não póde cantar com melodia
Um peito, de gemer cançado e rouco.

III

Já sobre o coche de ébano estrellado
Deu meio giro a noite escura e feia ;
Que profundo silencio me rodeia
N'este deserto bosque, á luz vedado !

Jaz entre as folhas Zéphiro abafado,
O Tejo adormeceu na lisa areia ;
Nem o mavioso rouxinol gorgeia,
Nem pia o môcho, ás trevas costumado.

Só eu vélo, só eu, pedindo á sorte
Que o fio, com que está minha alma preza
A' vil materia languida, me corte :

Consola-me este horror, esta tristeza ;
Porque a meus olhos se affigura a morte
No silencio total da natureza.

IV

Não, Marília, teu gesto vergonhoso,
A luz dos olhos teus, serena e pura,
Teu riso, que enche as almas de ternura,
Agora meigo, agora desdenhoso :

Tua candida mão, teu pé mimoso,
Tuas mil perfeições, crêr que a ventura
As guarda para mim, fôra loucura ;
Nem sou digno de ti, nem sou ditoso :

E que mortal emfim, que peito humano
Merece os braços teus, ó nympha amada ?
Que Narciso ? Que heroe ? Que soberano ?

Mas que lê minha mente illuminada !...
Céos !.. Penetro o futuro ! Ah ! não me engano :
De Jove para o thóro estás guardada.

V

A loura Filis, nã estação das flôres
Comigo passeou por este prado
Mil vezes, por signal trazia ao lado
As Graças, os Prazeres, e os Amores.

Quantos mimos então, quantos favores,
Que innocente affeição, que puro agrado
Me não viram gozar (ó doce estado!)
Mordendo-se de inveja os mais Pastores!

Porém, segundo o feminil costume,
Já Filis se esqueceu do amor mais terno,
E com Jonio se ri de meu queixume.

Ah! se nos corações fosses eterno,
Tormento abrazadôr, negro ciume,
Serias tão cruel como os do inferno.

VI

Marilia, nos teus olhos buliçosos
Os Amores gentis seu facho accendem ;
A teus labios voando os ares fendem
Ternissimos desejos sequiosos :

Teus cabellos subtis e luminosos
Mil vistas cegam, mil vontades prendem,
E em arte aos de Minerva se não rendem
Teus alvos curtos dedos melindrosos.

Reside em teus costumes a candura,
Mora a firmeza no teu peito amante,
A rasão com teus risos se mistura ;

E's dos Céos o composto mais brilhante :
Deram-se as mãos virtude, e Formosura
Para crear tua alma, e teu semblante.

VII

Olhos suaves, que em suaves dias
Vi nos meus tantas vezes empregados ;
Vista, que sobre esta alma despedias
Deleitosos farpões, no Céu forjados :

Santuarios de amor, luzes sombrias,
Olhos, olhos da côr de meus cuidados,
Que podeis inflamar as pedras frias,
Animar os cadaveres mirrados ;

Troquei-vos pelos ventos, pelos mares,
Cuja verde arrogancia as nuvens toca,
Cuja horrizona voz perturba os ares :

Troquei-vos pelo mal que me suffoca,
Troquei-vos pelos ais, pelos pezares :
Oh cambio triste ! oh deploravel troca !

VIII

Da perfida Gertruria o juramento
Parece-me que estou inda escutando,
E que inda ao som da voz suave e brando
Encolhe as azas, de encantado, o vento :

No vasto, infatigavel pensamento
Os mimos da perjura estou notando...
Eis Amor, eis as Graças festejando
Dos ternos votos o feliz momento.

Mas ah!... Da minha rapida alegria
Para que accendes mais as vivas côres,
Lisongeiro pincel da fantasia ?

Basta, cêga paixão, loucos Amores ;
Esqueçam-se os prazeres de algum dia,
Tão bellos, tão duraveis como as flôres.

IX

De Paphos o menino ardendo em ira,
Porque uma ingrata as suas leis detesta,
Tão grave insulto despicar protesta,
E a domar-lhe a altivez, teimoso aspira :

Dormindo encontra a desdenhosa Elmira,
Sobre a mão reclinada a nivea testa ;
Teu genio (diz) amansarei com esta
Farpa subtil — e do Carcaz a tira :

Mas a bella Acidalia, a quem sómente
Rende o travesso infante vassalagem,
Lhe apparece, e lhe grita : « Amor, detem-te !

« Tu, filho que não soffres, que me ultragem,
« Elmira vens ferir, irreverente !
« N'ella de tua mãe não vês a imagem ?

X

Oh tranças, de que Amor prisões me tece,
Oh mãos de neve, que regeis meu fado!
Oh thesouro! oh mysterio! oh par sagrado,
Onde o menino aligero adormece!

Oh ledos olhos, cuja luz parece
Tenue raio do sol! oh gesto amado,
De rosas e assucenas semeado,
Por quem morrera esta alma, se pudesse!

Oh labios, cujo riso a par metira,
E por cujos dulcissimos favores
Talvez o proprio Jupiter suspira!

Oh perfeições! oh dons encantadores!
De quem sois?... Sois de Venus? E' mentira:
Sois de Marilia, sois de meus amores.

XI

Já se affastou de nós o inverno agreste
Envolto nos seus humidos vapores ;
A fertil Primavera, a mãe das flores
O Prado amêno de boninas veste :

Varrendo os ares o subtil Nordeste,
Os torna azues ; as aves de mil côres
Adejam entre Zephyros, e Amores,
E toma o fresco Tejo a côr celeste :

Vem, oh Marilia, vem lograr comigo
D'estes alegres campos a belleza,
D'estas copadas arvores o abrigo :

Deixa louvar da côrte a vã grandeza :
Quanto me agrada mais estar contigo
Notando as perfeições da natureza !

XII

Qual o avaro infeliz, que não descança,
Volvendo os olhos de um para outro lado,
Por cuidar, que ao thesouro idolatrado
Cubiçosa vontade as mãos lhe lança :

Tal eu, meu doce amor, minha esperança,
De suspeitas crueis atormentado,
Receio que a distancia, o tempo, o fado,
Te arranquem meus carinhos da lembrança :

Receio que, por minha adversidade,
Novo amante, sagaz e lisongeiro
Macule de teus votos a lealdade :

Ah ! crê, bella Gertrúzia que o primeiro
Dia, em què eu chore a tua variedade,
Será da minha vida o derradeiro.

XIII

Grato silencio, tremulo arvoredado,
Sombra propicia aos crimes, e aos amores,
Hoje serei feliz! — Longe, temores,
Longe, fantasmas, illusões do medo.

Sabei, amigos Zephyros, que cedo
Entre os braços de Nize, entre estas flôres,
Furtivas glorias, tácitos favores
Hei de emfim possuir; porém segredo!

Nas azas frouxos ais, brandos queixumes
Não leveis, não façaes isto patente,
Que nem quero que o saiba o pae dos numes:

Cale-se o caso a Jove omnipotente,
Porque se elle o souber, terá ciumes,
Vibrará contra mim seu raio ardente.

XIV

Por terra jaz o Empório do Oriente,
Que do rígido Affonso o ferro, o raio
Ao gran' filho ganhou do gran' sabaio,
Envergonhando o deus armipotente.

Caiu Goa, terror antigamente
Do naire vão, do perfido malaio,
De barbaras nações... ah! que desmaio
Apaga o marcio ardor da Lusa gente.

Oh! seculos de heróes! Dias de gloria!
Varões excelsos, que apesar da morte
Viveis na tradição, viveis na historia!

Allouquerque terrivel, Castro forte,
Menezes, e outros mil, vossa memoria
Vinga as injurias, que nos faz a sorte.

XV

Se o Destino cruel me não consente
Que o ferro nú brandindo, irado e forte,
Lá nos horrendos campos de Mavorte
De louros immortaes guarneça a frente:

Se prohibe que em solio refulgente
Faça os povos felices, de tal sorte
Que o meu nome apezar da negra morte,
Fique em padrões e estatuas permanentes:

Se as suas impias leis inexoraveis
Não querem que os mortaes em alto verso
Cantem de mim façanhas memoraveis:

Submisso á má ventura, ao fado adverso,
Ao menos por desgraças lamentaveis
Terei perpetua fama no universo.

XVI

Por esta solidão, que não consente
Nem do sol, nem da lua a claridade,
Ralado o peito já pela saudade
Dou mil gemidos a Marilia ausente :

De seus crimes a mancha inda recente
Lava Amor, e triumphá da verdade ;
A belleza, apesar da falsidade,
Me occupa o coração, me occupa a mente :

Lembram-me aquelles olhos tentadores,
Aquellas mãos, aquelle riso, aquella
Bocca suave, que respira amores...

Ah! Trazei-me, illusões, a ingrata, a bella!
Pintae-me vós, oh sonhos, entre flores
Suspirando outra vez nos braços d'ella!

XVII

Marilia, se em teus olhos attentára,
Do estellifero solio reluzente,
Ao vil mundo outra vez o omnipotente,
O fulminante Jupiter baixára:

Se o deus, que assanha as Furiás, te avistára
As mãos de neve, o cóllo transparente,
Suspirando por ti, do cahos ardente
Surgira á luz do dia, e te roubára:

Se a vêr-te de mais perto o sol descêra
No aureo carro veloz dando-te assento:
Até da esquiva Daphne se esquecerá

E se a força igualasse o pensamento,
Oh alma da minha alma, eu te offrecêra
Com ella a terra, o mar, e o firmamento.

XVIII

Olha, Marilia, as flautas dos pastores
Que bem que soam, como estão cadentes !
Olha o Tejo a sorrir-se ! Olha, não sentes
Os Zephiros brincar por entre as flores ?

Vê como ali beijando-se os Amores
Incitam nossos osculos ardentes !
Eil-as de planta em planta as innocentes,
As vagas borboletas de mil côres !

N'aquelle arbusto o rouxinol suspira,
Ora nas folhas a abelhinha pára,
Ora nos ares susurrando gira :

Que alegre campo ! Que manhã tão clara !
Mas ah ! Tudo o que vês, se eu te não vira,
Mais tristeza que a noite me causára.

XIX

Em vão, para tecer-me um ledô engano,
Filosopho ostentoso industrias cança:
Diz-me em vão, que exhalando-se a esperança,
Repousa na apathia o peito humano:

O nauta a soçobrar no pégo insano
Vê rir-se ao longe a cérula bonança;
A mente esperançosa enfrêa, amansa
Os roncô, e as bravezas do oceano.

Se nos miserô cãe da mão dos fados
O negro desengano, eil-os anciosos,
E á desesperaçã, e á furia dados!...

Dourai-nos o porvir, oh Céos piedosos!
Justos Céos! Dêem sequer jardins sonhados
As flores dá ventura aos desditosos!

XX

Os milhões de aureos lustres coruscantes
Que estão de azul abobada pendendo ;
O sol, é a que illumina o throno horrendo
D'essa, que anima os ávidos amantes :

As vastissimas ondas arrogantes,
Serras d'espuma contra os Céos erguendo,
A leda fonte humilde o chão lambendo,
Lourejando as searas fluctuantes :

O vil mosquito, a próvida formiga,
A rama chocalheira, o tronco mudo,
Tudo que ha Deus a confessar me obriga :

E para crêr n'um braço, author de tudo,
Que recompensa os bens, que os maus castiga,
Não só da fé, mas da razão me ajudo.

XXI

Fiei-me nos sorrisos da ventura,
Em mimos feminis, como fui louco !
Vi raiar o prazer ; porém tão pouco
Momentaneo relampago não dura :

No meio agora d'esta selva escura,
D'entro d'este penedo humido, e ouco
Pareço, até no tom lugubre, e rouco
Triste sombra a carpir na sepultura :

Que estancia para mim tão propria é esta !
Causais-me um dôce, e funebre transporte,
Aridos matos, lóbrega floresta !

Ah ! não me roubou tudo a negra sorte :
Inda tenho este abrigo, inda me resta
O pranto, a queixa, a solidão, e a morte.

XXII

Arde em vão por Elysa, em vão porfia
Contra a constancia da heroína augusta
O barbaro senhor d'Africa adusta,
Que do sangue de Jove se gloria :

Em vão lhe off'rece a vasta monarchia,
Aonde a espadao atlantica robusta
Sustenta os Céos, o caminhante assusta,
E horridos monstros indomaveis cria :

Não cede Elysa ; e vendo que, furioso
Usa da força o libycò tyranno,
Ella intrépida escolhe um fim glorioso.

Mentes, mentes, injusto mantuano !
Dido infeliz foi victima do esposo,
Foi victima da Fé, não do troyano.

XXIII

Os suaves effluvios, que respira
A flôr de Venus, a melhor das flores,
Exhalas de teus labios tentadores,
Oh doce, oh bella, oh desejada Elmira :

A que nasceu das ondas, se te vira,
A seu pezar cântára os teus louvores :
Ditoso quem por ti morre de amores !
Ditoso quem por ti, meu bem, suspira !

E mil vezes ditoso o que merece
Um teu furtivo olhar, um teu sorriso,
Por quem da mãe formosa Amor se esquece !

O sacrilego atheu, sem lei, sem siso,
Contemple-te uma vez, que então conhece
Que é força haver um Deus, e um paraíso.

XXIV

Oh rei dos reis, oh arbitro do mundo,
Cuja mão sacro-santa os maus fulmina,
E a cuja voz terrífica, e divina
Lucifer treme no seu cahos profundo!

Lava-me as nodoas do peccado immundo,
Que as almas cega, as almas contamina:
O rosto para mim piedoso inclina,
Do eterno imperio teu, do Céu rotundo:

Estende o braço, a lagrimas propicio,
Solta-me os ferros, em que choro e gemo
Na extremidade já do precipicio:

De mim proprio me livra, oh Deus supremo!
Porque o meu coração propenso ao vicio
E', sênhor, o contrario que mais temo.

XXV

Da triste, bella Ignez, inda os clamores
Andas, Ecco chorosa, repetindo ;
Inda aos piedosos Céos andas pedindo
Justiça contra os impios matadores ;

Ouvem-se ainda na fonte dos Amores
De quando em quando as nayades carpindo ;
E o Mondego, no caso reflectindo,
Rompe irado a barreira, alaga as flores :

Inda altos hymnos o universo entôa
A Pedro, que da morta formosura
Comvosco, Amores, ao sepulcro vôa :

Milagre da belleza, e da ternura !
Abre, desce, olha, geme, abraça e c'rôa
A malfadada Ignez na sepultura.

XXVI

Sonhei que nos meus braços inclinado
Teu rosto encantador, Gertruria, via;
Que mil ávidos beijos me soffria
Teu niveo collo, para os mais sagrado :

Sonhei que era feliz por ser ousado,
Que o siso, a força, a voz, a côr perdia -
N'um extasis suave em que bebia
O nectar nem por Jove inda libado :

Mas no mais doce, no melhor momento
Exhalando um suspiro de ternura
Acordo, acho-te só no pensamento :

Oh Destino cruel ! Oh sorte escura !
Que nem me dure um vão contentamento!
Que nem me dure em sonhos a ventura!

XXVII

Eu me ausento de ti, meu patrio Sado,
Mansa corrente deleitosa, amena,
Em cuja praia o nome de Filena
Mil vezes tenho escripto e mil beijado :

Nunca mais me verás entre o meu gado
Soprando a namorada e branda avena,
A cujo som descias mais serena,
Mais vagarosa para o mar salgado:

Devo emfim manejar por lei da sorte
Cajados não, mortiferos alfanges
Nos campos do colérico Mavorte ;

E talvez entre impavidas phalanges
Testemunhas farei da minha morte
Remotas margens, que humedece o Ganges.

XXVIII

Os garços olhos, em que Amor brincava,
Os rubros labios, em que Amor se ria,
As longas tranças de que Amor pendia,
As lindas faces, onde Amor brilhava :

As melindrosas mãos, que Amor beijava,
Os niveos braços, onde Amor dormia,
Foram dados, Armania, á terra fria
Pelo fatal poder que a tudo aggrava :

Seguiu-te Amor ao tácito jazigo,
Entre as irmãs cobertas de amargura;
E eu que faço (ai de mim !) como os não sigo !

Que ha no mundo que vêr, se a formosura,
Se Amor, se as Graças, se o prazer contigo
Jazem no eterno horror da sepultura ?

XXIX

Musa chorosa, que por terra estranha,
Tão longe de teu patrio ninho amado
Andas errante, suspirando ao lado
Da saudade fiel, que te acompanha:

Do chão, onde a lançaste, a lyra apanha,
E seja em brando som por ti cantado
Um peito de virtudes adornado,
A piedosa, a magnanima Saldanha :

Louva os dons d'aquella alma excelsa e pura, .
Que as tuas gastará magoas penosas,
Como a Aurora desfaz a noite escura :

Depois ás lindas filhas melindrosas,
Rivaes da mãe de Amor na formosura,
Tecem capellas e festões de rosas.

XXX

Do Mandovi na margem reclinado
Chorei debalde minha negra sina,
Qual o misero vate de Corina,
Nas tomitanas praias desterrado :

Mais duro fez ali meu duro fado
Da vil calumnia a lingua viperina;
Até que aos mares da longinqua China
Fui por bravos tufões arremessado :

Atassalhou-me a serpe, que devora
Tantos mil, perseguiu-me o gran' gigante,
Que no terrivel promontorio mora :

Por barbaros sertões gemi vagante;
Falta-me inda o peor, falta-me agora
Vêr Gertruria nos braços d'outro amante.

XXXI

Adamastor cruel ! De teus furores
Quantas vezes me lembro horrorizado !
O' monstro ! Quantas vezes tens tragado
Do soberbo oriente os domadores !

Parece-me que entregue a vis traidores
Estou vendo Sepulveda affamado
Co'a esposa, e c'os filhinhos abraçado,
Qual Mavorte com Venus e os Amores :

Parece-me que vejo o triste esposo,
Perdida a tenra prole, e a bella dama,
A's garras dos leões correr furioso :

Bem te vingaste em nós do affeito Gama!
Pelos nossos desastres és famoso ;
Maldito Adamastor ! Maldita fama !

XXXII

Camões, grande Camões, quam semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo !
Igual causa nos fez perdendo o Tejo,
Arrostar co' sacrilego gigante :

Como tu, junto ao Ganges susurrante
Da penuria cruel no horror me vejo;
Como tu, gostos vãos, que em vão desejo
Tambem carpindo estou, saudoso amante:

Ludibrio, como tu, da sorte dura
Meu fim demando ao Céu, pela certeza,
De que só terei paz na sepultura :

Modêlo meu tu és... Mas oh tristeza !...
Se te imito nos transes da ventura,
Não te imito nos dons da natureza.

XXXIII

Sobre os contrarios o terror e a morte
Dardeje embora Achilles denodado,
Ou no rapido carro ensanguentado
Leve arrastos sem vida o Teucro forte:

Embora o bravo Macedonio corte
Co'a fulminante espada o nó fadado,
Que eu de mais nobre estimulo tocado,
Nem lhe amo a gloria, nem lhe invejo a sorte:

Invejo-te, Camões, o nome honroso;
Da mente creadora o sacro lume,
Que exprime as furias de Lyêo raivoso:

Os ais de Ignez, de Venus o queixume,
As pragas do gigante procelloso,
O céu de Amor, o inferno do Ciume.

XXXIV

O ledo passarinho, que gorgéa
D'alma exprimindo a cândida ternura,
O rió transparente, que murmura,
E por entre pedrinhas serpentêa :

O Sol, que o céu diaphano passêa,
A lua, que lhe deve a formosura,
O sorriso da aurora alegre e pura,
A rosa, que entre os Zéphiros ondêa :

A serena, amorosa primavera,
O doce author das glorias que comsigo,
A deusa das paixões, e de Cythéra :

Quanto digo, meu bem, quanto não digo,
Tudo em tua presença degenera,
« Nada se pôde comparar contigo. »

XXXV

Já o Inverno, espremendo as cans nevosas,
Geme, de horrendas nuvens carregado ;
Luz o aéreo fusil, e o mar inchado
Investe ao pólo em serras escumosas ;

Oh ! benignas manhãs ! tardes saudosas,
Em que folga o pastor, medrando o gado,
Em que brincam no hervoso e fertil prado
Nymphas, e Amores, Zéphiros e Rosas !

Voltae, retrocedei, formosos dias :
Ou antes vem, vem tu, doce belleza
Que n'outros campos mil prazeres crias ;

E ao vêr-te sentirá minha alma acceza
Os perfumes, o encanto, as alegrias
Da estação, que remoça a natureza.

*

XXXVI

Eurindo, charo ás Musas, e aos Amores,
Das tágides louçans cantor mimoso,
Não damnes o almo verso delectoso,
Não sôe o lasso Elmano em teus louvores:

Exprime d'Hero as lagrimas, as dores,
Do andar d'Abydo o transito afanoso,
E em fôfos escarceus Neptuno iroso
Mugindo, suffocando-lhe os clamores:

Pinta os males d'Amor, de Ignez os fados,
Canta as glorias d'Amor, canta de Alzira
Os olhos, as madeixas, e os agrados:

Em vez de aviventar co'a maga lyra
Musa infeliz, que em ancias, em cuidados,
Em soluços, em ais arqueja, expira.

XXXVII

Da minhã ingrata Flérída gentil
Os verdes olhos esmerados são;
E' de candida prata a lisa mão,
Onde eu de um beijo passaria a mil :

A trança, côr do sol, rede subtil
Em que se foi prender meu coração,
E' de oiro, o pae da tùmida ambição,
Prole fatal do calido Brazil :

Seu peito delicado e tentador
E' porção de alabastro, a quem jámais
Penetraram farpões do deus traidor ;

Mas como ha de a tyranna ouvir meus ais,
Como ha de esta cruel sentir amor,
Se é composta de pedras, e metaes !

XXXVIII

Eu vim c'roar em ti minhas desgraças,
Bem como Ovidio misero entre os gétas,
Terra sem lei, madrasta de poetas,
Estuporada mãe de gentes baças :

Tens filhos, antes cães de muitas raças,
Que não mordem com dentes, mas com tretas,
E que impingir-nos vem, como a patetas,
Gatos por lebres, ostras por vidraças.

Tens varias casas, armazens de ratos,
Tens febres, mordachins em demasia,
De que escapamos a poder de tratos :

Mas a tua peor epidemia,
O mal, que em todos dá, que produz flatos,
E' a van, negregada senhoria.

XXXIX

Já com tenue clarão, já quasi escura
A nocturna Diana o céu voltêa,
E sobre o Tejo azul, que mal pratêa
Vae duplicando a trémula figura:

Aura subtil nas arvores murmura,
No lago adormecido a ran vozêa,
Môcho importuno agouros mil semêa
D'entre as umabrosas moutas da espessura:

Lethargico vapôr Morpheu derrama,
Com que insinua um doce desalento
No livre coração de quem não amã :

Triste de mim ! Se repousar intento,
Os olhos me abre Amor, Amor me inflamma,
E Analia me persegue o pensamento.

XL

Das faixas infantis despido apenas,
Sentia o sacro fogo arder na mente;
Meu tenro coração inda innocente,
Iam ganhando as placidas Camenas.

Faces gentis, angelicas, serenas,
De olhos suaves o volver fulgente,
Da idéa me extraíam de repente
Mil simples, maviosas cantilenas.

O Tempo me soprou fervor divino,
E as Musas me fizeram desgraçado,
Desgraçado me fez o deus menino.

A Amor quiz esquivar-me, e ao dom sagrado:
Mas vendo no meu genio o meu destino,
Que havia de fazer? Cedi ao fado.

XLI

Sobre estas duras, cavernosas fragas,
Que o marinho furor vae carcomendo,
Me estão negras paixões n'alma fervendo.
Como fervem no pego as crespas vagas:

Razão feroz, o coração me indagas,
De meus erros a sombra esclarecendo,
E vás n'elle (ai de mim!) palpando e vendo
De agudas ancias venenosas chagas:

Cêgo a meus males, surdo a teu reclamo,
Mil objetos de horror co'a idéa eu corro,
Solto gemidos, lagrimas derramo :

Razão, de que me serve o teu soccorro?
Mandas-me não amar; eu ardo, eu amo;
Dizes-me que socegue, eu peno, eu morro.

XLII

Tenta em vão temeraria conjectura
Sondar o abysmo do invisivel Fado,
Que, de umbrosos mysterios enlutado,
Sóme aos olhos mortaes a luz futura:

Presumia (ai de mim!) vendo a ternura
D'aquella, que me trouxe enfeitado,
Presumia que Amor tinha guardado
Nos braços do meu bem minha ventura:

Oh terra! Oh céu! ~~Mentiram-me~~ os brilhantes
Olhos seus onde achei suave abrigo;
Quam faceis de enganar são os amantes!

Humanos, que seguis as leis que sigo,
Vós, corações, que ao meu sois semelhantes,
Ah! comigo aprendei, chorae comigo.

LXIII

Vem, suspirada, carinhosa Armia,
Remir o escravo, consolar o amante,
Que afflicto, que saudoso, a cada instante
Te envia um pensamento, um ai te envia.

Dá-me nos olhos teus mais puro o dia,
E flôres mais gentis em teu semblante
Que a flôr de Cytherea, a flôr brilhante,
Que o manso Abril prefere a quantas cria.

Inimiga de amor é a tardança :
Não tardes, não, meu bem, que me flagellas
Em prolongar-me a sôffrega esperança :

Vem olhar n'este rio as faces bellas,
Vem, por doce illusão da semelhança,
Vêr enganar-se os Zéphiros com ellas.

LXIV

Voai, brandos meninos tentadores
Filhos de Venus, deuses da ternura,
Adoçai-me a saudade amarga e dura,
Levai-me este suspiro aos meus amores:

Dizei-lhe que nasceu dos dissabores,
Que influe aos corações a formosura;
Dizei-lhe que é penhor da fé mais pura,
Porção do mais leal dos amadores:

Se o fado para mim sempre mesquinho,
A outro off'rece o bem de que me affasta,
E em ais lhe envia Ulina o seu carinho:

Quando um d'elles soltar na esphera vasta,
Trazei-o a mim, torcendo-lhe o caminho:
Eu sou tão infeliz, que isso me basta.

LXV

Mil poetas enphaticos, e ufanos,
Pintando em verso natalicio dia,
Fazem voar nas azas da harmonia
Aurea chusma de hyperboles e enganos :

Dizem, que sobrepondo-se aos humanos
O objecto, que o furor lhes desafia,
Ha de vêr entre os risos da alegria
Sua gloria sem fim, sem fim seus annos :

Desça a mentira ao ultimo terceto
Nos outros ; — que eu desejo-te saude,
Mas sêres immortal não te prometto !

Só rogo a Deus, que em premio da virtude
Cada verso que vai n'este soneto,
A teu favor n'um seculo se mude.

LXVI

Queimando o véo dos seculos futuros
O vate accezo em divinaes luzeiros,
Assim cantou, (e aos eccos pregoeiros:
Exultaram, Sion, teus sacros muros) :

« O Justo descera dos astros puros
Em deleitosos, candidos chuveiros,
As fêras dormirão com os cordeiros,
Soarão doce mel carvalhos duros;

A virgem será mãe, vós dareis flôres,
Brenhas intensas em remotos dias;
Porás fim, tórva guerra, a teus horrores. »

Não, não sonhou o altisono Isaias;
Oh reis ajoelhai, correi pastores!
Eis a prole do Eterno, eis o Messias!

LXVIII

Voaste, alma inócete, alma querida,
Foste vêr outro sol de luz mais pura,
Falsos bens d'esta vida, que não dura,
Trocaste pelos bens da eterna vida.

Por Deus chamada, para Deus nascida,
Já de vans illusões vives segura:
Feliz a fé te crê; mas a ternura
C'o punhal da saudade está ferida:

Desgraçado o mortal, insano, insano
Em dar seu pranto aos fados de quem mora
No palacio do eterno soberano!

Perdôa, Anarda, ao triste que te adora:
Tal é a condição do peito humano;
Se a Razão se está rindo, Amor te chora.

LXVIII

Perdi tudo (ai de mim!) perdi Marfida,
Marfida, a gloria minha, a minha amada;
Tenra flôr, a esperança mallograda
Do mimoso matiz caiu despida.

Pede meu coração mortal ferida,
Só aos ditosos a existencia agrada;
Vida entre angustias equivale ao nada,
No risonho prazer consiste a vida.

Eia, amante infeliz, teu fim procura!
Phantastico terror não te reporte,
Nos tumulos não reina a formosura!

Diga triste letreiro a minha sorte;
Dai-me piedosa sombra á sepultura
Teixos, cyprestes, arvores da morte.

LXIX

Lá onde o Fado impenetrável mora,
Vôa o menino Amor entre os Amores;
Loureja a trança, que matisam flores,
Scintilla o facho, que a Razão devora :

Entra, saúda o nume, ao nume implora
Que de Marilia os olhos tentadores
Vejam sempre ante as Graças, e os Louvores
De seus annos gentis surgir a aurora :

Fronte rugosa vezes tres sacodê
O deus, cujo poder tudo atropella,
E ás supplicas d'Amor d'est'arte acode :

« Escape ás minhas leis Maria bella,
Seja, seja immortal ; durar não pôde
O mundo sem amor, amor sem ella. »

LXX

Quantas vezes, Amor, me tens ferido?
Quantas vezes, Razão, me tens curado?
Quam facil de um estado a outro estado
O mortal sem querer é conduzido!

Tal, que em grau venerando, alto e luzido,
Como que até regia a mão do fado,
Onde o sol, bem de todos, lhe é vedado
Depois com ferros vis se vê cingido:

Para que ao nosso orgulho as azas corte,
Que variedade inclue esta medida,
Este intervallo da existencia á morte!

Travam-se gosto, e dôr; socego, e lida:
E' lei da natureza, é lei da sorte
Que seja o mal e o bem matiz da vida.

LXXI

Oh tu, que tens no seio a Eternidade,
E em cujo resplendor o sol se accende,
Grande, immutavel ser, de quem depende
A harmonia da etherea immensidade:

Amigo, e bemfeitor da humanidade,
Do mesmo que te nega, e que te offende,
Manda ao meu coração, que á dôr se rende,
Manda o reforço de efficaz piedade.

Opressa, consternada a natureza
Em mim com vozes languidas te implora,
Orgãos do sentimento, e da tristeza:

A tua intelligencia nada ignora ;
Sabes que, de alta Fé minha alma acceza
Té nas angustias o teu braço adora.

LXXII

Aquelle, que domina os céos brilhantes,
Artifice da machina estrellada,
Ante cuja grandeza os reis são nada,
Átomo a terra, os seculos instantes:

O Deus, que contra os vicios negrejantes
Pela voz dos trovões ao homem brada,
Da misera virtude atropellada
Vinga os tristes suspiros penetrantes:

Sem que o mortal com lagrimas o peça,
Juiz imparcial, juiz superno
Na causa do innocente se interessa :

Manda-te resurgir do horror eterno,
Devorante remorso! Em ti começa
O supplicio dos maus, dos maus o inferno.

LXXIII

Oh tu, consolador dos malfadados,
Oh tu, benigno dom da mão divina,
Das magoas saborosa medicina,
Tranquillo esquecimento dos cuidados :

Aos olhos meus, de prantear cançados,
Cançados de velar, teu vôo inclina;
E vós, sonhos d'amor trouxe-me Alcina,
Dae-me a doce visão de seus agrados :

Filha das trevas, frouxa somnolencia,
Dos gostos entre o fervido transporte
Quanto me foi suave a tua ausencia!

Ah! findou para mim tão leda sorte;
Agora é só feliz minha existencia
No mudo estado, que arremeda a morte.

LXXIV

Dos negros mausoléos a deusa escura,
Que o véo desdobra do funereo dia,
Já Marília sumiu na estancia fria,
Deu mais um triste exemplo á formosura:

Soltou-se alma gentil, vida immatura
De corpo, que em mil graças florescia ;
Saudade perennal geme, e avalia
Thesouro de que é cofre a sepultura :

Chora, doce Tirsea, encanto amado !
Feliz essa corrente maviosa,
Se lagrimas podessem mais que o fado !

Se aos choros te surgisse a irmã formosa,
Qual em êrmo jardim desamparado
Aos prantos da manhã revive a rosa !

LXXV

Tributo em ais no coração gerados
Não dêis á chara cinza, afflictô esposo,
Roçam da vida o circulo afanoso
Caminhos florescentes, e estrellados.

Espiritos gentis, por Jove amados,
Volvendo a seu principio luminoso,
Olham sol não crestante, e mais formoso,
Vagueiam sem temor por entre os fados.

Com alta fantasia, e rosto enxuto,
Vê nos elysios a immortal consorte,
Vê da virtude a flôr tornar-se em fructo:

Doce, augusta Verdade Amor conforto ;
Em vós, oh impios, a existencia é lucto,
E' nos eleitos um sorriso a morte.

LXXVI.

Se é doce no recente, ameno estio
Vêr tocar-se a manhã d'ethereas flores,
E lambendo as arêas, e os verdores,
Molle e queixoso deslizar-se o rio :

Se é doce no innocente desafio
Ouvirem-se os volateis amadores,
Seus versos modulando, e seus ardores
D'entre os aromas de pomar sombrio:

Se é doce mares, cêos vêr anilados
Pela quadra gentil, de Amor querida,
Que esperta os corações, florêa ós prados :

Mais doce é vêr-te de meus ais vencida,
Dar-me em teus brandos olhos desmaiados
Morte, morte de amor, melhor que a vida.

LXXVII

Pela porta de ferro, onde ululando
O cão trifauce está perpetuamente,
Entraste, Orpheu, co'a cythara eloquente
Os monstros infernaes domesticando:

Penedos com teus sons amontoando
Lá ergues Thebas, Anfion cadente,
Pulsa Arion a lyra, e de repente
Vê delphins, vê tritões no mar dançando:

Tu, linguagem do céo, tu, melodia,
A tudo encantas. para tudo és forte,
Menos para aplacar a ingrata Armia:

Mais facil te ha-de ser, domando a sorte,
Ir de novo á tartarea monarchia
Vêr outra vez o carcere da morte!

LXXVIII

Oh nympha que das graças melindrosas
Tens na face a lindeza, o riso, as côres,
Na face mimos toda, e toda flôres,
Que é metade jasmims, metade é rosas !

Nympha suave, para quem saudosas
Dou magoas mil aos Zephiros, e Amores !
Tu gosas de meus ais, e dos louvores
De estremado cantor, meu bem, tu gosas.

Em sons (pinceis phebêos) em sons copia
Teu rosto, um céu ; do original o encanto
Eis, eis n'alma em tumulto a imagem cria :

Eu vate, eu amador não logro tanto ;
Amor fogo me dá, Phebo harmonia,
E és mais no coração do que és no canto.

LXXIX

Co'a mente juvenil, sublime, alada,
Sahas da terrea mansão, mansão profana ;
Introduzês, Moniz, a idéa ufana
Lá na de sóes sem conto estancia ornada :

Já, de Lysia cantando a historia honrada,
Sôas qual grega musa, ou qual romana ;
Já medrando nos céos a força humana,
Teu metro creador faz ente o nada:

Nove deusas louçans, tres deusas nuas
Te abrem thesouros ; cada qual te admira
No verso graças mil, que foram suas:

Assás luziu teu estro ; a mais aspira,
E extranho não será que substituas
A tuba de Marão de Flacco á lyra.

LXXX

C'um diadema de luz no Elysio entrava
Envolto Nelson em sanguineo manto ;
Lavrou nos manes desusado espanto,
E a turba dos heróes o rodeava:

Grita Alexandre : (e n'elle os olhos crava)
«Quem és, que entre immortaes fulguras tanto?»
«Sou (lhe diz) quem remiu de vil quebranto
«Europa curva, oppressa, e quasi escrava :

«Deixei de sangue o pégo rubicundo,
«Trophéos em meu sepulchro a patria arvora,
«Raio ardi sobre o gallo furibundo.»

N'isto de novo o Macedonio chora,
E o que immensa extensão venceu do mundo,
Quem venceu um só povó inveja agora.

LXXXI

Mãe de chefes heroes, de heroes soldados,
A Gallia herdou de Roma o genio, a sorte ;
Seus filhos no igneo jogo de Mavorte
Viram marcios leões tremar curvados:

Mas alta lei dos penetraes sagrados
Baixou, que o fatal impeto reporte ;
Fervendo em raios no oceano a morte
Te obedece, oh Britannia, ao mando, aos fados:

No continente o gallo é deus da guerra ;
O anglo audaz sobre o pélagos iracundo
Da victoria os pendões, troando, afferra :

Ah ! Nutram sempre assim rancôr profundo !
Um triumpho no mar, outro na terra ;
Se as mãos se derem, que será do mundo ?!

LXXXII

Um Ente, dos mais entes soberano,
Que abrange a terra, os céos, a eternidade;
Que diffunde annual fertilidade,
É aplanar as altas serras do Oceano:

Um numen só terrível ao tyranno,
Não á triste mortal fragilidade;
Eis o Deus, que consola a humanidade,
Eis o Deus da razão, o Deus d'Elmano:

Um déspota de enorme fortaleza,
Prompto sempre o rigor para a ternura,
Raio sempre na mão para a fraqueza:

Um creador funesto á creatura;
Eis o Deus, que horrorisa a natureza,
E Deus do fanatismo, ou da impostura.

LXXXIII

Liberdade querida, e suspirada,
Que o Despotismo acerrimo condemna ;
Liberdade, a meus olhos mais serena
Que o sereno clarão da madrugada!

Attende á minha voz, que geme e brada
Por vêr-te, e por gosar-te a face amena ;
Liberdade gentil, desterra a pena
Em que esta alma infeliz jaz sepultada:

Vem, oh deusa immortal, vem, maravilha,
Vem, oh consolação da humanidade,
Cujo semblante mais que os astros brilha:

Vem, solta-me o grilhão d'adversidade ;
Dos céos descende, pois dos céos és filha,
Mãe dos prazeres, dôce liberdade !

LXXXIV

Liberdade, onde estás? Quem te demora?
Quem faz que o teu influxo em nós não caia?
Porque (triste de mim!) porque não raia
Já na esphéra de Lysia a tua aurora?

Da santa redempção é vinda a hora
A esta parte do mundo, que desmaia;
Oh, venha!... Oh! venha, e trémulo descaia
Despotismo feroz, que nos devora!

Eia! Acode ao mortal, que frio e mudo
Occulta o patrio amor, torce a vontade,
E em fingir, por temor, empenha estudo:

Movam nossos grilhões tua piedade;
Nosso numen tu és, e gloria, e tudo,
Mãe do genio e prazer, oh! Liberdade!

LXXXV

Oh triste malfadada Academia !
O vate Elmano em satyras se espraia ;
Fervem correios ao loquaz Talaia,
Que a todos teu descredito annuncia:

Apollo exulta, o povo te assobia ;
A gloria tua em convulsões desmaia ;
Ah ! primeiro que a pobre em terra caia,
Corte-se o vôo da fatal porfia:

Áo satyrico audaz põe duro freio,
Pune o declamador, que te flagella ;
Dá-lhe assento outra vez no magro seio :

Bem como a quem profana uma donzella,
Que em lugar de affrontoso estupro feio
Fazem próvidas leis casar com ella.

LXXXVI

Jonio meu, inda meu (porque o jazigo
Titulos immortaes, não vos devora)
Que encantador, e que encantado outr'ora
Que eras d'elle, e tua luz o amigo!

D'Elmano é grato á dôr vagar contigo
Plagas fataes, onde o silencio mora;
E' doce á minha dôr, que em vão te chora,
Das sombras tuas suspirar no abrigo.

Vate de Ignez! Perderam-te os Amores,
Que em ti gosavam duplicado encanto,
Flores no metro, e no caracter flores:

Sôpro da morte se gelar meu pranto,
Ais canoros o claro entre os cantores
Sagre aos dois genios, que se amaram tanto.

LXXXVII

Póde o tosco pincel, que mal sustento
Pintar ousado divinal belleza ?
Oh ! Quanto fôra temeraria empreza !
Pagára icaria sorte o louco intento.

Não pinta humana penna um tal portento,
Milagre da sublime natureza !
Tens mais alto pintor, que não despreza
Pintar-te... a mão, que fez o firmamento:

Tanto não posso, oh d'entre as bellas bella !
E baixará dos céos fiel soccorro,
P'ra traçar-te a paixão, que me flagella ?

Deliro, amavel Jonia ; em vão discorro :
Confunde-me a afflicção que me flagella,
Mal sei balbuciar que por ti morro.

LXXXVIII

Vós, oh França, Semmedos, Quintanilhas,
Macedos, e outras pestes condemnadas;
Vós, de cujas buzinas penduradas
Tremem de Jove as delicadas filhas :

Vós, nescios, que mamais das vis quadrilhas
Do baixo vulgo insonsas gargalhadas,
Por versos maus, por trevas aleijadas,
De que engenhaes as vossas maravilhas :

Deixae Elmano, que innocente e honrado
Nunca de vós se lembra, meditando
Em cousas sérias, de mais alto estado :

E se quereis, os olhos alongando,
Eil-o! Vêde-o no Pindo recostado,
De perna erguida sobre vós !

LXXXIX

Oh ! deusa que proteges dos amantes
O destro furto, o crime deleitoso,
Abafa com teu manto pavoroso
Os importunos astros vigilantes:

Quero adoçar meus labios anhelantes
No seio de Ritalia melindroso ;
Estorva que os máos olhos do invejoso
Turvem de amor os sôffregos instantes :

Thetis formosa, tal encanto inspire
Ao namorado sol teu niveo rosto,
Que nunca de teus braços se retire !

Tarde ao menos o carro á Noite opposto,
Até que eu desfalleça, até que expire
Nas ternas ancias, no ineffavel gosto.

LXXX

Triste quem ama, cego quem se fia
Da feminina voz na van promessa !
Aspira a vê-la estavel ! Mais depressa
O facho apagará, que espalha o dia.

Alada exalação, que na sombria
Tácita noite os ares atravessa,
Foi comigo a paixão volúvel d'essa
Que o peito me affagava, e me feria :

Do desengano o balsamo lhe applico,
E a teus laços, Amor, sem medo exponho
Dos beneficos céos o dom mais rico :

Vejo mil Circes placido, risonho ;
E se fé me prometeu, ouço, e fico
Como quem despertou de aéreo sonho.

LXXXI

Famosa geração de falladores
Sôa que foi, Risêo, a origem tua ;
Que nem todos os cães ladrando á lua,
Tiveram que fazer com teus maiores :

Um a lingua ensinou dos palradores,
Outro o *moto continuo* achou na sua ;
Outro, além de encovar toda uma rua,
Açaimou n'uma junta a cem doutores :

Teu avô, santanario venerando !
Soube mais orações que mil beatas,
Com reza impertinente os céos zangando :

Teu pae foi um trovão de pataratas ;
Teu tio, o bacharel, morreu fallando ;
Tu fallando, Risêo, não morres, matas.

LXXXII

Magro, de olhos azues, coração moreno,
Bem servido de pés, meão n'altura,
Triste de facha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio, e não pequeno :

Incapaz de assistir n'um só terreno,
Mais propenso ao furor do que á ternura ;
Bebendo em niveas mãos por taça escura
De zêlos infernaes lethal veneno :

Devoto incensador de mil deidades
(Digo, de moças mil) n'um só momento,
E sómente no altar amando os frades ;

Eis Bocage, em quem luz algum talento ;
Sahiram d'elle mesmo estas verdades
N'um dia em que se achou mais pachorrento.

LXXXIII

Excedo lustros seis por mais tres annos,
Mas bem que juvenis meus annos sejam,
Já murcham de agonia, e já me alvejam
Não raros na cabeça os desenganos.

Os fados, meus verdugos, meus tyrannos,
Que de Pandora o cofre em mim despejam,
Folgam de que os mortaes nas cans me vejam
Tristes amostras de frequentes damnos.

Parece que devia a formosura
Vingar-me dos crueis comigo irados,
E da ternura o premio ser ternura :

Mas Nise (oh vãos extremos desgraçados!)
Na trança infausta branquear procura
O resto escuro, que escapou aos fados.

LXXXIV

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava :
Ah ! Cego eu cria, ah ! misero eu sonhava
Em mim quasi immortal a essencia humana :

De que innumerós sóes a mente ufana
Existencia fallaz me não dourava !
Mas eis succumbe a Natureza escrava
Ao mal, que a vida em sua origem damna.

Prazeres, socios meus, e meus tyrannos,
Est'alma, que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos :

Deus, oh Deus !... Quando a morte á luz me roube
Ganhe um momento o que perderam annos,
Saiba morrer o que viver não soube.

LXXXXV

Comtigo, alma suave, alma formosa,
Celeste imagem, de que o céu me priva,
Que eu vivesse não quiz, não quer que eu viva
Lei (sendo ethérea) ao coração penosa :

Vendo sumir-me por morada umbrosa,
Ah! Não desmaies, a constancia aviva,
E por artes de amor, de amor oh diva,
Do não-gosado amante os manes gosa :

Mais doce orvalho de teus olhos desça,
A' linda (como tu) melhor das flores,
Que em torno á campa se abotõe, e cresça ;

Passêa entre os meninos voadorés,
Une a mãe aos filhinhos, e pareça
Da morte a solidão jardim de amores.

LXXXVI

Debalde um véo cioso, oh Nise, encobre
Intactas perfeições ao meu desejo ;
Tudo o que escondes, tudo o que não vejo
A mente audaz e aligera descobre :

Por mais e mais que as sentinellas dobre
A sisuda Modestia, o cauto Pejo,
Teus braços logro, teus encantos beijo,
Por milagre da idéa affouta, e nobre :

Inda que premio teu rigor me negue,
Do pensamento a indómitta porfia
Ao mais doce prazer me deixa entregue :

Que póde contra Amor a tyrannia,
Se as delicias, que a vista não consegue,
Consegue a temeraria phantasia ?

LXXXVII

Oh terra, onde os seus dons, os seus favores
Derrama de aureo cofre a Natureza,
Que na estação do gelo, e da tristeza
Borda teus prados de verdura, e flores :

Oh clima dos heróes, e dos amores,
Esmalte e perfeição da redondeza,
Tu, que abrigas em ti tanta belleza,
Tantos olhos gentis, e encantadores :

Tu, que do Grego errante e cauteloso,
Da mão que ao nada reduziu Dardania,
Tens em teus campos monumento honroso :

D'elles todos, oh patria, oh Lusitania,
O do Tejo é mais ledo, é mais viçoso ;
Graças ao riso da celeste Armania.

LXXXVIII

Tu, por Deus entre todas escolhida,
Virgem das virgens, tu, que do assanhado
Tartareo monstro com teu pé sagrado
Esmagatse a cabeça entumecida :

Doce abrigo, santissima guarida
De quem te busca em lagrimas banhado,
Corrente com que as nodoas do peccado
Lava uma alma, que geme arrependida :

Virgem, d'estrellas nitidas c'roadá,
Do Espirito, do Pae, do Filho eterno
Mãe, filha, espõsa, e mais que tudo amada :

Valha-me o teu poder, e amor materno ;
Guia este cêgo, arranca-me da estrada,
Que vae parar ao tenebroso inferno !

LXXXIX

A fronte, que de louro ergui cingida,
Ufana do louvor, e da innocencia,
Jaz por effeito d'horrida apparencia,
Curvado pelo opprobrio, e denegrida :

De mil gratos objectos guarneçada
Rutilava a meus olhos a existencia;
Hoje, amavel prazer, na tua auzencia
Parece aos olhos meus um ermo a vida.

De quantas côres se matiza o Fado!
Nem sempre o homem ri nem sempre chora,
Mal com bem; bem com mal é temperado;

Os estados variam de hora em hora;
Sabio o mortal que em um, que em outro estado
(Disposto a tudo) a Providencia adora.

C

Meus olhos, attentae no meu jazigo,
Que o momento da morte está chegado;
Lá sôa o corvo, interprete do fado;
Bem o entendo, bem sei, falla comigo :

Triumphá, Amor ; gloria-te inimigo ;
E tu, que vês com dôr meu duro estado,
Volve á terra o cadaver macerado,
O despojo mortal do triste amigo :

Na campa, que o cøbrir, piedoso Albano,
Ministra aos coraçõs, que Amor flagella,
Terror, piedade, aviso, e desengano :

Abre em meu nome este epitaphio n'ella :
« Eu fui, ternos mortaes, o terno Elmano ;
Morri de ingratições, matou-me Isbella. »

CANTATAS

I

MEDEA

Já de Colchos a féra, ardente Maga
Horridos versos murmurando havia ;
Ao som de atroz conjuro, e negra praga
Já tinha amortecido a luz do dia :

Já co'a força do encanto

Os implacaveis monstros subjugará
Na feia habitação do eterno pranto,
E á voz terrivel, ao potente aceno
A triforme carranca em fim curvára
Do rei das sombras a feroz consorte.
Embebidas n'um fêrvido veneno
As roupas nupciaes, brilhante ornato,
Em que ia disfarçada, alegre a Morte,
Instrumento da raiva, e do ciume,
Punindo a vil traição do esposo ingrato,

O invisível por arte, aéreo lume
Pouco a pouco ateavam
Nas lisas carnes da real donzella,
E a preferida, a bella,
Miseranda rival desesperavam.
Descendente do Sol, do deus feroso,
Tu, zeloz, frenetica Medéa,
Fôste colher ao carro luminoso
Tenue, fatal porção de luz phebéa ;
Talhaste fulvo anel da ígnea trança,
E d'elle urdiste asperrima vingança.
Estás desaffrontada ? Estás contente ?
Nas garras da afflicção já Creusa expira ;
Jason sem alma a sente,
Jason, que te offendeu, Jason delyra,
Brama de horror, de angustia desfallece,
E mais que teu furor teu dó merece :
Eis o envolve, o consterna amargo lucto,
Foi falso, foi traidor, foi réo seu fructo.
Que novo crime insólito, execrando,
Que atrocidade insana
Vaes contra a natureza apparelhando ?
Poupa os filhinhos, barbara, inhumana,
Poupa os meigos filhinhos :
Elles são innocentes,
Elles inda tem jús aos teus carinhos.
Não vês que, descontentes,
Não vês que, enternecidos,

A teu fado, a teu mal dão mil gemidos,
Soluçam, tremem, choram,
Se lamentam do pae, e a mãe deploram?
Oh céos! No coração da maga horrenda
Natureza e vingança
Armam fervente, pertinaz contenda:
Ora a ternura suspirando amansa
Dos zelos a raivosa tempestade,
Ora de agro despeito
Ao vigoroso impulso
Cede a benigna, maternal piedade:
Emfim do irado peito
Foge, vòu carpindo Amor expulso.
Eis a mãe (já não mãe) qual impia Furia,
Medonha, e desgrenhada,
Te faz, oh Natureza, atroz injuria!
A tua doce voz em vão lhe brada,
Em vão lhe representa, em vão lhe pinta
Com mimoso pincel, com vária tinta
Aureos instantes, scenas deleitosas;
Nos meninos gentis em vão lhe aponta
De amor suave as prendas carinhosas:
Co'as imagens brilhantes
Se assanha do divorcio a crua affronta,
Dobra-se a pena, a raiva se requinta.
Já lança mão dos candidos infantes,
E empunhando o mortífero instrumento
Com que a Ternura espanca

No sagrado aposento
Estas vozes crueis do peito arranca :
« Longe, affectos piedosos,
Longe, materno amor !— Estes, que eu mato,
São prole de Jason, são criminosos,
Detestavel porção de um peito ingrato.
Morra, morra com ellas a memoria
Do pérfido consorte.
Justiça, Indignação, dae-me a victoria !
Cessa de murmurar, oh Natureza,
Recebe as tenras victimas, oh Morte !... »
N'isto em chammas do inferno a maga acceza,
Vibra o ferreo punhal contra os mesquinhos,
Lacrimosos filhinhos :
Ao acto de os ferir lhe cae por terra,
Mas a dextra fatal de novo o aferra.
Infancia, formosura, a dôf, e o pranto
Nada o terrivel impeto embaraça,
Um após outro os miseros traspassa :
Tu, Ciume cruel, tu podes tanto !
No horror da morte as victimas arquejam,
E, inda sentindo a filial ternura,
A mãe, o algoz acarinhar desejam.
Ella, mais que rochedos secca, e dura,
Denso véo luctuoso
Sobre os rotos cadaveres estende,
E aos olhos tristes do culpado esposo
A triste scena renovar pertênde...

Eil-o, ah! Eil-o, convulso, arrebatado,
Derriba a porta da luctuosa estancia
No liso pavimento ensanguentado :

Ferro mortal brandindo

Corre a Medéa com terrivel ancia.

Ao vél-o, em novas fúrias se affogueia,

Relampagos dos olhos sacudindo

A torva maga, e súbito meneia

Com rapido susurro a tenue vara,

Que ás longas vestes do perjuro applica :

Elle treme, elle pára,

Calado, immovel, qual estátua fica ;

Porém se perde a voz, e o movimento,

Conserva illesos vista, e sentimento.

Logo o funebre véo Medéa alçando,

Do falsario Jason a angustia dobra,

Aponta ao espectaculo nefando,

Mostra-lhe os filhos, e a traição lhe exprobra.

Depois, abominando os impios lares,

Theatro de seus horridos furores,

As soberbas abobadas atrôa

Com mil imprecações, com mil clamores,

E em leve salto se arremessa aos ares,

E pelos ares vôa

De aligeros dragões n'um carro enorme,

Dádiva de Prosérpina triforme.

Das Górgonas, das Furiás negro bando

Retorce os olhos, que arremedam brazas,

A segue, e vae correndo, e vae crestando
Com rubro facho ardente ao vento as azas.

Unisono alarido

A sanhuda caterva aos céos levanta,

E da brutal fereza

O triumpho atrocissimo decanta.

O sol na escuridão fica sumido,

Negreja horrorisada a natureza,

Montanhas ergue o mar, volcões a terra,

Aos sons que o côro estygio desencerra :

E entretanto o miserrimo consorte

Jaz entre os filhos, a luctar co'a morte.

« Triumpho (os monstros clamam,

E a Compaixão suspira)

Triumphe, reine a Ira,

Caia, pereça Amor.

« Teus raios, oh Vingança

Jámais, jámais se apaguem :

Sempre o altar te alaguem

Ondas de rubra côr.

« Pasmae, tartareas hydras,

Pasma, infernal tyranno ;

Inda o furor humano

Transcende o teu furor.

« Da atroz Medéa o nome
Em perennal memoria
Será do Averno a gloria,
E dos mortaes o horror.

« Tropel de acerbos males
O mundo assalte e fira ;
Reine, triumphe a Ira,
Caia, pereça Amor. »

II

A MORTE DE IGNEZ DE CASTRO

Longe do caro esposo Ignez formosa
Na margem do Mondego
As amorosas faces aljofrava
De mavioso pranto.
Os melindrosos, candidos penhores
Do thálamo furtivo,
Os filhinhos gentis, imagem d'ella,
No regaço da mãe serenos gozam
O somno da innocencia.
Côro subtil de aligeros Favonios

Que os ares embrandece,
Ora enlevado affaga
Com as plumas azues o par mimoso,
Ora solto, inquieto
Em leda travessura, em doce brinco,
Pela amante saudosa,
Pelos tenros meninos se reparte,
E com tenue murmurio vae prender-se
Das aureas tranças nos aneis brilhantes.
Primavera louçã, quadra macia
Da ternura, e das flores,
Que á bella Natureza o seio esmaltas,
Que no prazer de Amor ao mundo apuras
Prazer da existencia,
Tu de Ignez lacrimosa
As magoas não distrahes com teus encantos.
Debalde o rouxinol, cantôr de amores,
Nos versos naturaes os sons varia;
O limpido Mondego em vão serpeia
C'um benigno susurro, entre boninas
De lustroso matiz, almo perfume;
Em vão se doura o sol de luz mais viva,
Os céos de mais pureza em vão se adornam
Por divertir-te, oh Castro!
Objectos de alegria Amor enjôam
Se Amor é desgraçado.
A meiga voz dos Zephyros, do rio,
Não te convida o somno:

Só de já fatigada
Na lucta de amargosos pensamentos,
Cerras, misera, os olhos ;
Mas não ha para ti, para os amantes
Somno placido, e mudo :
Não dorme a phantasia, Amor não dorme :
Ou gratas illusões, ou negros sonhos
Assomando na idéa espertam, rompem
O silencio da morte.
Ah ! Que fausta visão de Ignez se apossa !
Que scena, que espectaculo assombroso
A paixão lhe affigura aos olhos, d'alma !
Em marmóreo salão de altas columnas,
A solio magestoso, e rutilante
Junto ao Regio amator se crê subida :
Graças de neve a purpura lhe envolve,
Pende augusto docél do tecto de ouro ;
Rico diadema de radioso esmalte
Lhe cobre as tranças, mais formosas que elle ;
Nos luzentos degraus do throno excelso
Pomposos cortezãos o orgulho accurvam ;
A lisonja sagaz lhe adoça os labios,
O monstro da politica se aterra,
E se Ignez perseguia, Ignez adora.
Ella escuta os extremos,
Os vivas populares ; vê o amante
Nos olhos estudar-lhe as leis que dicta ;
O prazer a transporta, Amor a encanta ;

Premios, dádivas mil ao justo, ao sabio
Magnanima confere,
Rainha esquece o que soffreu vassala :
De sublimes acções orna a grandeza,
Felicita os mortaes, do sceptro é digna,
Impéra em corações... Mas, céos! Que estrondo
O sonho encantador lhe desvanece !

 Ignez sobresaltada

Desperta, e de repente aos olhos turvos
Da vistosa illusão lhe foge o quadro.
Ministro do Furor, tres vis algozes,
De huidos punhaes a dextra armada,
Contra a bella infeliz bramindo avançam.
Ella grita, ella treme, ella descóra,
Os fructos da ternura ao seio aperta,
Invocando a piedade, os céos, o amante ;
Mas de marmore aos ais, de bronze ao pranto,
A' suave attracção da formosura,

 Vós, brutos assassinos,

No peito lhe enterraes os impios ferros.

 Cáe nas sombras da morte

A victima d'Amor lavada em sangue :

As rosas, os jasmins da face amena

 Para sempre desbotam ;

Dos olhos se lhe some o doce lume,

 E no fatal momento

Balbuçia, arquejando : « Esposo ! Esposo !... »

 Os tristes innocentes

A' triste mãe se abraçam,
E soltam de agonia inutil choro.

Ao suspiro exhalado,
Final suspiro da formosa extincta,
Os Amores acodem.

Mostra a prole de Ignez, e tua, oh Venus,
Igual consternação, e igual belleza :
Uns dos outros os candidos meñinos

Só nas azas differem,
(Que jázem pelo campo em mil pedaços
Carcazes de marfim, virotes de ouro)

Súbito vôam dous do cõro alado ;
Este, raivoso, a demandar vingança
No tribunal de Jove,

Aquelle a conduzir o infausto annuncio
Ao descuidado amante.

Nas cem tubas da fama o gran desastre
Irá pelo universo :

Hão de chorar-te, Ignez, na Hyrcania os tigres,
No torrado sertão da Lybia fera
As serpes, os leões hão de chorar-te.

Do Mondego, que attónico recua,
Do sentido Mondego as alvas filhas
Em tropel doloroso

Das urnas de crystal eis vem surgindo ;
Eis, attentas no horror do caso infando,
Terriveis maldições dos labios vibram
Aos monstros infernaes, que vão fugindo.

Já c'rôam de cypreste a malfadada,
E, arrepelando as nítidas madeixas,
Lhe urdem saudosas, lúgubres endeixas.

Tu, Ecco, as decoraste;
E cortadas dos ais, assim resôam
Nos côncavos penedos, que magôam :

« Toldam-se os ares,
Murcham-se as flores,
Morrei, Amores,
Que Ignez morreu.

« Misero esposo,
Desata o pranto,
Que o teu encanto
Já não é teu.

« Sua alma pura
Nos céos se encerra ;
Triste da terra,
Porque a perdeu !

« Contra a cruenta
Raiva ferina

Face divina
Não lhe valeu.

« Tem rôto o seio,
Thesouro occulto,
Bárbaro insulto
Se lhe atreveu.

« De dôr e espanto
No carro de ouro
O numen louro
Desfalleceu,

« Aves sinistras
Aqui piaram,
Lobos uivaram,
O chão tremeu.

« Toldam-se os ares,
Murcham-se as flores;
Morrei, Amores,
Que Ignez morreu. »

III

A MORTE DE LEANDRO E HERO

De horrenda cerração c'roada a Noite
Surgira ha muito da cimeria gruta
Tapando o longo céo co'as azas longas ;
Reina em meio universo :
Occupam-lhe os degráos do negro throno
A Tristeza, o Silencio,
O Mêdo, a Solidão, o Amor, e o Crime ;
Vôam-lhe em roda os lúgubres fantasmas,
Aves sinistras pousam-lhe no gremio.
Eis manso e manso as nuvens se entumecem,
Eis o liquido pezo
Rompe os enormes, carregados bôjos,
Em torrentes susurra, e cae na terra.
Rebentam furacões, flammejam raios,
O estrondoso trovão no céo rebrama,
O Hellesponto nas rochas ferve, e ronca.
Tu, Abydeno amante,
Tu vélas n'este horror com a saudade.
Já corres insoffrido ás êrmas praias,
D'onde é teu uso arremessar-te ao pégo,
E, destro nadadôr, talhando as vagas,

Teus gostos demandar na opposta margem.
Ao longe em celsa torre, estancia chara

De Hero, sol dos teus dias,
O brilhante signal, o amigo lume
(Que é no facho de Amor por ella accêzo)
Vês entre as sombras scintillar a espaços,
E como que te acena, e te suspira.
Debalde o mar bramindo, o céu troando

Teu impeto ameaçam :
Ardem-te n'alma os sôffregos desejos ;
Fulgurante illusão, dourando as trevas,
N'um quadro tentadôr te offrece aos olhos
Glorias a furto, vividos prazeres,
Doces mysterios, que da luz se temem.

A sagaz esperança
Te reforça, te incita,
Jura aplacar-te o ar, pôr freio ás ondas,
Dar-te os suspiros da suave amada.
Attento á meiga voz, que attrahe, que mente,
No montuoso pélago te arrojas:
A' queda repentina alteia um grito
O côrvo grasnador na dextra parte,
E os eccos, despertando ao som medonho,
Gemem nas brutas, cavernosas fragas.
O triste agouro te arripia as carnes,
Teus cabellos erriça ;
Mas prevalece Amor, e, expulso o mêdo,
Fôrças a equorea tímida braveza.

Metade já do transito affanoso

Indústria, e robustez vencido haviam :

N'isto a procella horrisona recresce,

Fingem sombras do inferno os véos da noite,

Que o súbito relampago retalha ;

Braveja o mar, aos astros se remontam

Serras, e serras de fervente espuma :

Carrancudos tufões arrebatados

Dobrando a força, a raiva, lutam, berram,

E revolvem do pélago as entranhas :

Rochedo immovel, afferrado á terra,

Rebate apenas o horroroso assalto...

Ah ! Leandro infeliz ! Tu já fraqueias,

A destreza, o vigor, nas mãos, nas plantas

Já, misero amator, já te fallecem.

Procuras o distante o caro lume,

Astro benigno, que te influe, e guia,

Olhas, vês que te falta,

Que desapareceu, que jaz extinto :

Suspiras, esmoreces,

Da tua doce luz desamparado.

Invocas o gran deus que rege os mares ;

De teus rogos não cura immoto, e surdo,

Invocas de Nerêo potente as filhas ;

Ellas ardem por ti; mas, invejosas

Do objecto encantador, que lhes preferes,

A's maritimas furias te abandonam.

Hero invocas, e Amor, e os Céos, e a Sorte :

A sorte é implacavel,
Dos males, que dispõe, não se arrepende,
Teus dias signalou de um termo infausto.
Debalde te auxilia o deus mimoso,
O alado creador de teus suspiros,
Dos amorosos bens, que desfructaste ;
O facho luminoso em vão meneia
 Para eneurtar-te as sombras,
E mais facil tornar a úndosa estrada ;
 Em vão co'as azas brandas
Tenta arrazar os orgulhosos mares.
Sobre altos escarcéos o fado escuro.
 Folga, triumpha e reina.
Punge, ameaça, desespera os ventos,
Enrola a morte nas horrendas vagas.
Ella, prompta a seu mando, ella accomette
 O deploravel moço :
Eis dos olhos gentis lhe turva o lume,
O tardo movimento eis lhe sopeia,
Pelas aguas o embebe, e d'Hero o nome
Do ancioso coração n'um ai lhe arranca.
Abaixo, acima, co'as cavadas ondas
Vae, vem mil vezes o infeliz mancebo...
Ai ! Já sem vida aqui, e ali vagueia
A' discripção do mar, e o mar com elle
De Sésto ás praias súbito arremette ;
Dá contra a torre d'Hero, ali rebenta,
E deixa o triste corpo á margem nua.

Tu entretanto, carinhosa amante,
Que fazias, (oh céos!) que imaginavas?
Solitaria, anhelando,
Nas trévas espantosas,
Nos soltos ventos, alterosos mares,
Lias de feio azar presagios feios.
Em tórno á viva luz, que vigiavas,
(Que em raro véo com arte envolto havias,
Resguardando-a dos ares indignados)
Em tórno á viva luz eis de improviso
Negro insecto voou, zuniu tres vezes,
E á terceira apagou a esperta chamma:
(Foi no ponto funesto em que o mancebo
Com teu nome adoçou o extremo arranco!)
De repente assombro espavorida,
Attónita, convulsa
O agourado clarão não renovaste.
Em ancias implorando os deuses todos,
E mais que todos o que em ti reinava,
A bem do affouto, desvellado amante,
Ao numen indulgente, á mãe piedosa
Mil incensos, mil victimas votaste.
Depois, cevando a revoltosa ideia
Em terriveis imagens,
Ora do moço audaz o usado arrôjo
Reprovavas comtigo,
Ora a cêga imprudencia maldizias
Com que em tão desabrida, horrivel noite

A perigosa senha aventuráras...

Ah triste ! Contra ti não te conjures ;

Foi lei dos fados a imprudencia tua.

Hero desanimada

Mettida em profundissimo lethargo,

Jaz sem tino, e sem voz, até que aponta

A purpúrea manhã no céu já ledó.

Farto o cruel Destino,

Adelgaçára os ares,

Ao pégo a mansidão restituíra

Depois que a terna victima saudosa

Foi suffocada nas voragens feras.

Elle, o duro oppressor dos desditosos,

Elle, o almo prazer, que os dous gozavam,

Está vingado em parte, e da vingança

A' desesperação commette o resto.

Hero, ah ! Hero infeliz ! tu pelas aguas,

Humida vista suspirando alongas.

Não vês o nadadôr por quem desmaias,

O teu bem não fluctúa

Pelas ondas desertas :

Eis a consternação te inclina os olhos

A' pedregosa areia

Aonde o desventurado está sem alma.

Que vista ! Que terror !... As alvas carnes.

Rotas nas rochas pelo embate undoso,

Inda gotêjam sangue ; aberta a bocca

Parece que inda quer, que inda procura

Chamar-te, oh Hero, murmurar teu nome !

No espectáculo horrendo

Misera, tu reparas

Tu... (Céus, não lhe acudis?...) tu reconheces

O querido semblante, o corpo amado,

Entre as sombras da morte inda formoso :

Com pallidez, que a pinta,

Gritas, arquejas, desespéras, fremes,

Deitas as mãos de neve ás tranças d'ouro,

E as tranças d'ouro, delyrando, arrancas.

Levada enfim de um impeto raivoso

Te arremessas da torre, e dás, e entregas

O teu ai derradeiro ao mudo amante.

Lá jazem sobre a areia luctuosa

As victimas do fado :

Nas angustias mortaes a linda moça

Inda, estendendo os amorosos braços,

Tenta apertar o suspirado objecto.

Apiedados delphins nas ondas surgem,

E altos sons (oh prodigio !) derramando,

Lamentam junto á praia o duro caso :

As mesmas nymphas invejosas d'Hero

Soluçam de pezar nos vitreos lares.

Um marmoreo padrao se erige em breve ;

Compadecidas mãos a historia triste

Gravam na lisa pedra ; a pedra existe :

Mas o monstro voraz, que rõe penedos,

Comendo em parte a fúnebre escriptura,

Só deixa soletrar-lhe
O remate piedoso,
Em meus piedosos versos trasladado,
Carpido ao som da lyra :
Inda agora de ouvil-o Amor suspira.

Aos dous amantes
D'Abydo e Sésto
Amor funesto
Deu negro fim.

Fôram-lhe algozes
Os seus extremos ;
Mortaes, amêmos,
Mas não assim.

ODES

I

AO EXM.º SNR. JOSÉ DE SEABRA
DA SILVA

Do Lacio portentoso e d'alta Grecia,
Tenaz memoria minha,
Os fastos, os annaes em vão revolves :
Em vão me representas
Sócrates devorando entre os alumnos
A venefica planta
Com repousado aspecto imperturbavel :
Além Regulo, entregue
A raivas brutas da feroz Carthago,
Dando em longos tormentos
A' natureza horror, trabalho á morte :
Aqui o estoico invicto,
O rispido Catão, brandindo o ferro,
Lacerando as entranhas,

Na gloria abstracto de morrer com Roma.
Que presta ao mal o exemplo ?
Reflectir, e soffrer, quanto differem !
Por haver desgraçados
Sou menos infeliz, sou menos triste ?
E se o sabio d'Athenas
O oraculo moral, ao termo infausto
Volveu olhos tranquilllos ;
Se avêssô a Cesar o Uticense austero
Suffocou agras dôres
No ardôr, na furia, na aversão, no orgulho,
Ou talvez na virtude ;
Se em garras de leões com visos de homens
Transpoz a humanidade
O aprisionado heroe no atroz supplicio ;
Todos, ah ! todos viam
D'entre o ponto mortal surgir-lhe a fama :
Em padrão venerando
Dar-lhe eterno character, nome eterno.
A' san posteridade
Ouviam d'ante-mão denominal-os
Martyres da calumnia,
Alvos da inveja, victimas da patria.
A mim, desventurado,
N'um carcere cruel envolto em sombras ;
A mim, curvo, abatido
Ao pezo do grilhão, da injuria ao pezo,
Ente vulgar, inutil,

De mil tribulações, que recompensa,
- Que futuro me resta ?
A desesperação meus fados cinge
A meu peito afanoso ;
Eis fêrvido tição, roubado ás Fúrias,
Arremessa ululando ;
Eis... mas Céos! Que visão! Que luz! Que assombro!
Candida imagem leda
Me abala o coração, me encanta os olhos!...
E's chymera, ou deidade,
Sócia dos numes, ou ficção da ideia,
Tu, que benigno raio
Derramas n'este horror, n'este amargoso
Domicilio dos males?...
Ah! Tens ethéreo ser, em ti rutila
O reflexo de Jove!
Mas dignas-te de vir ao triste seio
De medrosa masmorra?...
Habitantes do céu brilhar no abysmo!...
Attraiu por ventura,
Encaminhou talvez aqui teu vôo
O não raro accidente
De estar sem crime habitação de crimes?
Tu vês, ente celeste,
Tu vês meu coração: não é perjuro,
Não cruel, não ingrato,
Ama o dever, a probidade, a honra,
Dá hymnos á virtude,

Aos altares incenso, aos solios culto...

Ah! Que dôces lembranças

Teu ar approvador me accorda n'alma!

Das trevas o costume

Quanto me confundia a vista escassa?

Já outr'ora a meus olhos

Tua face luziu, já foste outr'ora

Meu refugio, meu nume.

Santa Beneficencia! E's tu, que affagas

A desventura minha,

Da desesperação tu vens salvar-me

Co'a ridente esperanza,

Thesouro de infelizes, dom do eterno!

Ah! Tu, que em mim restauras

A massa constancia, o ferreo escudo

Contra os golpes do Fado,

Meu numen tutelar, não dês ao Tempo;

Azo não dês aos males

De aviltar-me outra vez, d'unir-me á terra

A descaida fronte;

Em beneficio meu de mim te aparta,

Grato lugar demanda,

Logar digno de ti, sagrada estancia

Do perfeito heroismo,

Da gloria, que não é romper muralhas,

Tragar a natureza,

Ou nutrir illusões, dar vulto ao nada:

Mas em jugo macio

Docemente prender geral vontade ;
 Idear que prospere
Mais ò publico bem, que o bem privado ;
 De aureo, sacro volume,
Volume da razão, que luz no throno,
 Transcrever puramente
Leis amigas do céu, do mundo amigas.
 No logar, que te aponto,
Conheces, deusas, de Seabra os lares;
 Seu louvôr no seu nome,
Na gloria, que descrevo, a gloria sua.
 Ao paternal brilhante
Onde os influxos teus dos astros descem,
 Leva o quadro funesto
Das minhas oppressões, dos meus desastres
 Roça com elle o peito
Do preclaro varão, que afflicto invoco :
 Deploraveis objectos
N'alma piedosa o sentimento apuram :
 Sejam, sejam remidos
Pela dextra efficaz do heroe prestante
 Meu prazer, meu repouso,
A mente, a liberdade, a luz e a vida
 N'este horror suffocados.

II

ALLEGORICA — MORAL :

O QUADRO DA VIDA HUMANA

De porto mal seguro a turvo pégo
São mesquinho baixel com raras vélas,
Vae crespas ondas pávido talhando
A' discripção dos ventos :

Nauta inexperto lhe dirige o leme,
Chusma bisonha lhe marêa o panno;
De um lado fervem Syrtes, d'outro lado
Navifragos penedos :

Susurrante chuveiro os ares cerra,
Luz sulphúreo clarão de quando em quando,
D'imminente procella os negros vultos
Fero estrago ameaçam :

Já bravos escarcéos, que se amontôam,
Por cima do convéz soberbos saltam :
Proseguê na derrota o debil pinho,
Das vagas quasi absorto.

Depois de longamente haver corrido
A estrada desigual com céos adversos,
Em logar de colhel-o, o panno augmenta,
Desafia o naufragio :

Imaginária terra se lhe antólha,
De mil, e mil venturas semeada:
Anhêlas por surgir no porto amigo,
Cubiçosa esperança :

Para cevar o horror mais campo havendo,
A torva tempestade então mais zune,
Em raios, em tufões todo o ar converte,
Todo o pèlago em serras :

O misero baixel desmantelado
Aos duros encontrões do mar, do vento,
Sóbe ás estrellas, aos abysmos desce
Entre o pavôr, e a morte :

Súbito acóde próvido piloto,
Que opprimido até'li jazêra em ferros
N'um vil carcere escuro, onde rebeldes
O tinham sopeado :

Estende a mão forçosa, afferra o leme,
O lenho desaffronta, o rumo escolhe,

Com saber efficaz, com alta industria
Vae sustendo a tormenta.

Já volumosas nuvens se adelgaçam,
O vento se amacia, o mar se aplanã :
Do benigno Santelmo o ténue lume
Reluz no aéreo tópe.

Reina um pouco a suave, azul bonança ;
Mas eis se toldã o cêo de novas sombras ;
Mais negra, mais feroz, mais horrorosa
Resurge a tempestade.

O sabio director, que todo ufano
Da recente victoria inda folgava,
A repetido assalto oppõe debalde
Arte, vigôr, constancia.

Tremendo aos furacões impetuosos,
Lã descorçôa emfim, lã desalenta,
Co'a machina infeliz, que já não rege,
Miserrimo soçobra :

Oh ente racional ! Oh ente fragil !
Escravo das paixões, que te arrebatam !
Othos sizudos n'este quadro emprega :
Eis o quadro da vida.

ODES ANACREONTICAS

I

A BORBOLETA

Veloz Borboleta,
Que leda gyrando
Penosas ideias
Me estás avivando :

Insecto mimoso,
Aos olhos tão grato,
Da minha tyranna
Tu és o retrato :

A graça, que ostentas
Nas plumas brilhantes,
Tem ella nos olhos
Gentís, penetrantes ;

Tu andas brincando
De flôr para flôr ;

Anarda vaguêa
D'amor em amor.

II

Os teus prisioneiros,
Cupido, os que devem
Saber definir-te,
Que mal te descrevem !

E's áspide (affirmam)
Coberto de flôres,
Sedento d'êstragos,
Amigo de horrores :

Sustentam carpindo
Que os feres, e enlêas
Com aureos virotes,
Com ferreas cadêas :

Enganam-se, oh nume!
Teus laços, teus tiros
São longas madeixas,
São ternos suspiros.

III

De liquido aljofar
As faces bordadas,

Ao vento dispersas
As tranças douradas:

« Vingança, meu filho
(Clamava Erycina)
Que a vil natureza
Se atreve á divina:

« Em damno de um impio
Mortal, que me affronta,
Venenos prepara,
Tormentos a prompta:

« Elmano em seus hymnos
Prefere-me Isbella;
Diz que é mais mimosa,
Mais loura, mais bella.

« Os teus males todos
Me vinguem, oh nume!... »
Amor a interrompe:
— Não basta o ciume?

IV

Formosa Marilija,
Modêlo das Graças,
Que mil pensamentos
Accendes, e enlaças:

A'quelle, que animam
Teus doces agrados,
Terror dos amantes,
Mimoso dos fados,

Se folgas de ouvil-o
Por ti suspirar,
Ao céu dos amores
Não deixes voar.

Dos homens ignoras
A indole errante!
Quem é muito amado,
Não é muito amante.

v

Do vasto abysmo
Do eterno horror
Surgiu a Angustia
De negra côr :

Logo após ella
Veio o Queixume,
E o delirante,
Feroz Ciume :

Determinavam
Em crua guerra
De pranto, e sangue
Banhar a terra :

Eis que Amarilis
Idolo meu,
Entre mil graças
Lhe appareceu.

Oh milagroso
Dom da belleza !
No mesmo instante
Riu-se a Tristeza :

O agro lamento
Mudo ficou ;
Só o Ciume
Desesperou.

VI

Poupando votos
A' loira Isbella,
Se Amor fallasse,
Nos olhos d'ella :

De almos Prazeres
Me pousaria
Candido enxame
Na fantazia.

Outros, que as almas
Tambem tem prezas,
Se regosijam
De ouvir finezas :

Eu antes quero
Muda expressão ;
Os labios mentem,
Os olhos não.

ODES SAPHICAS

.1

A GRATIDÃO.

Offerecida ao Sr. Lazaro da Silva Ferreira,
Governador de Matau.

Ao som confuso da celeuma os nautas,
A's duras barras arrimando os peitos,
O cabrestante, que emperrado geme,
Rígidos volvem :

Galerno as azas transparentes bate
Nos azues prados onde o sol passeia ;
Içam-se gaveas, e do fundo a curva
Ancora sóbe.

Amenos campos, agradável clima
Onde o meu Tejo por arêas de oiro,
Por entre flores murmurando, e rindo,
Limpido corre :

Paternos lares, que saudoso anhelou,
Sacros Penâtes, que de longe adoro,
Suave Asylo, que perdi vertendo
Lagrims ternas :

Eu torno, eu torno por Amor guiado,
Exposto á furia dos tufões, dos mares;
Eu torno, eu torno para vós: ouviu-me
Jupiter alto.

Do formidavel tribunal supremo,
Ante quem pasma a Natureza, e d'onde
Os nossos crimes, as virtudes nossas
Integro julga:

Do throno eterno, que as estrellas calca,
Throno adoravel, cuja luz divina
Os proprios olhos immortaes, que o cercam,
Trémulos soffrem:

A's méstas preces da minha alma afflicta
O Deus dos deuses annuiu clemente,
E em rósea nuvem pelos ares desce
Nitido Genio.

Purificando c'um sorriso o dia,
Affaveis olhos para mim volvendo,
Me diz: « Não chores, oh mortal, não chores;
Misero, basta.

Dos orbes de oiro innumeraveis baixo
A suffocar-te as clamorosas queixas:

Teus bruscos dias vão trocar-se em ledos
Prosperos dias, »

Disse o brilhante corteção de Jove,
(Era a Piedade) que na rubra nuvem
Abrindo os ares, mais veloz que os ventos
Subito foge.

Varão sublime, tu ouvindo os éccos
Do mensageiro do inefavel numen,
Ardes em gloria, para mim teu rosto
Placido voltas.

Eis os sorrisos, que a Tristeza amarga
De vós banira com decreto horrendo,
Eil-os de novo sobre vós, oh minhas
Pallidas faces.

Clama, não cesses, Gratidão, não cesses ;
Sê minha musa, Gratidão, virtude
Que desconhecem, desacatam, mancham
Sórdidas almas.

Lembrem-te as feias, ululantes Furias
Postas em torno de meu berço infausto ;
Das igneas fauces contra mim vibrando
Hórrido agoiro :

Lembrem-te os males, as terriveis ancias
Que este sensivel coração farparam;
De fracos peitos que sem dó me ouviram.
Lembra-te, oh deusa!

Se eu vou nas aras dos Penátes caros
Pendurar votos, consumir incensos,
Depositando sobre a Lysia praia
Osculo grato:

Se as innocentes, fraternaes caricias
Vou cubiçoso recobrar na patria,
Em cuja ausencia fugitivas horas
Seculos julgo.

Se as cans honradas vou molhar de pranto
Ao sabio velho, que me deu co'a vida
Os seus desastres, por fatal, por negra
Lúgubre sina:

Se estou já livre da cruel Desgraça,
Que nas entranhas me enterrava os dentes,
Bem como a Ticio nos infernos morde
Sôfrego abutre:

Tudo a ti devo, oh bemfeitor, oh grande,
Que a raçagante, veneravel toga

Mais veneravel pelos teus preclaros
Meritos fazes.

Tudo te devo : a gratidão não soffre
Que teus favores generosos calle ;
Julga tu mesmo, se o silencio é crime,
Árbitro excelso.

Aos estrellados, aos cerúleos globos
Sempre em meus hymnos subirá teu nome,
Emquanto o golpe me não der no fio
Átropos crua.

Oh ceus ! oh fados ! conservaes Ferreira ;
São necessarios os heróes no mundo :
E tu, ferrolha os procellosos monstros,
Eólo amigo.

II

A' Excellentissima Senhora D. Catharina Mi-
chaela de Sousa Cesar e Lencastre, etc.
(depois Visconde de Balsemão)

Consoladora de meus negros males,
Musa, que á sombra dos feraes cyprestes
Comigo entôas lacrymosas nénias,
Lugubres cantos :

Eia, deixemos uma vez, deixemos
O horrivel ermo, que arremeda o cahos,
E em cujas trévas apinhados guicham
 Funebres môchos :

Eia, saíamos uma vez, saíamos
D'esta medonha habitação da noite ;
Vamos um dia respirar serenos,
 Limpidos ares.

Mas não arranques da mirrada fronte,
Não, não arranques a funérea c'rôa,
Nem dispas essa lastimosa, antiga
 Rustica veste.

Vamos carpindo, soluçando, oh Musa,
Aos venerandos magestosos lares,
Que o rubro Phebo co'as irmãs, e as Graças
 Candidas piza.

Segue meus passos ; em lugar das campas,
Em vez das portas do silencio eterno,
Hoje de illustre pavimento os lisos-
 Marmores toca :

Mas não te esqueça a luctuosa off'renda,
Que envolta em pranto consagraste ás cinzas,

E ás mil virtudes immortaes do luso
Principe excelso.

Alta heroína, singular Lencastre,
D'árida planta não rebentam flôres,
Nem méstas aves agoireiras sabem
Cantico alegre.

Outros nas azas de melifluos hymnos
Doces prazeres pelos ares soltem :
Brandos Amores, deleitoras Graças,
Cantem-vos outros.

A luz primeira, que meus olhos viram,
Foi de phantasmas infernaes turbada ;
Elles o berço me embalaram, dando
Hórridos gritos :

As torvas Parcas me fadaram logo,
Negros agoiros sobre mim cahiram,
E de meu lado com terror voaram
Jubilo, e riso.

Tu pois, matrona, que no gráo sublime,
Em que a Fortuna com seus dons te c'róa,
Mais da fecunda Natureza as grandes
Dádivas prézas :

Tu, que passeias o Pierio cume,
Onde entre flôres, que não murcha o tempo,
Aromatiza c'os effluvios d'ellas
Zéphyro os ares:

Ouve propicia dissonantes versos,
Nas mudas trévas pela dôr creados,
Mais nada quero do favor celeste;
Ouve-me, e basta.

Se te deverem compassivo agrado
Os acres fructos da roaz Tristeza,
Que no chagado coração me crava
Lividos dentes:

Embora as boccas do profundo Averno
Milhares de furias contra mim vomitem:
Embora á porta do meu pobre asylo
Cerberero ladre.

Peitô de bronze, coração de ferro,
Sempre á Desgraça mostrarei constante;
Nunca meu sangue gelarão teus sopros,
Frigido susto.

ODE ALCHAICA

A' improvisa morte do Excellentissimo Principal
Mascarenhas (D. Domingos d'Assis)

Offerecida ao Illustrissimo e Reverendissimo Mon-
senhor José Pedro Hasse de Belem, etc.

..... Tuum Poenos etiam ingemuisse Leones
Interitum, montesque feri, Sylvaeque loquuntur.

VIRG. — Eclog. V.

Canora Musa do culto Pindaro,
Que remontavas seu estro fêrvido
Sobre as purpuras azas
D'almos, fogosos extasis:

Longe os arômas, com que teu hálito
Fecunda as mentes dos vates inclytos,
Que em altisono metro
Vão enrostar com Jupiter.

Desce a meus 'gritos só tu, Melpómene,
Só tu, que, envolta no manto lúgubre
A lastimosas scenas
Dás suspiros, das lagrimas.

Desce a meus rogos, traze-me, inspira-me
Nénias queixosas, funebres canticos,
Que desgrenhada entôas
Sobre os medonhos tumulos.

Negra phalange de Pragas horridas
Assalte o monstro voraz e indómito,
Que restitúe ao nada
Os vãos humanos miseros :

Eia, imprequemos a Morte lívida,
Que nos abysmos em throno d'ebano,
Preside á turma enorme
Das Furias, Hydras, Górgonas.

Ella, a tyranna, de estragos ávida,
Toucada a grenha de crueis-áspides,
Mordendo-se, ululando,
Surge do ardente bárathro :

D'estygios monstros maldito séquito
Une-se a ella ; da Terra as humidas,
Pedregosas entranhas,
Fende a caterva rábida.

E eis apparecem no mundo, e súbito
Murcham-se as flôres, seccam-se as arvores,
O sol pára enfiado,
Coalham-se as fontes lúbricas.

Das igneas fauces maligno tóxico
Solta nos ares o tropel improbo :

Cáem por terra arquejando
Envenenadas victimas.

Em torno os olhos a Morte pallida
Mil, e mil vezes, volve phrenetica,
E anniquillar deseja
A Natureza pávida.

Por entre a chusma de fieis súbditos
Que a rodeava, descobre a barbara
Excelso heróe, munido
De fresca idade flórida :

Varão sublime, pio, magnifico,
Ramo de antiga planta fructifera,
Sempre, oh santa Virtude,
Com teus orvalhos mádida :

Varão eximio, que honrava a purpura,
Que as fôfas azas do orgulho tímido
Prendia, cerceava
Com gésto brando, e placido.

Sciencia augusta, dos deuses dádiva,
Tu exornavas sua alma candida ;
Tu jámais o cegaste,
Vã grandeza phantastica :

A vil, bilingue lisonja pérfida
A seus ouvidos sempre foi aspera ;
Só lhe inflammava o peito
A sã verdade lúcida.

A' macilenta pobreza languida
Sempre incansavel sua mão próvida
Arrancava as mordazes,
As esfaimadas viboras.

De avôs egregios o vasto numero
Só recordava para ser émulo
Da brilhante virtude
Que os fez na patria célebres.

Bom Mascarenhas ! A morté horrífica,
Como invejando teu alto merito,
Corre, e crava em teu peito
A garra curva, e rispida.

Com riso horrivel, com impio jubilo
A fera escuta suspiros trémulos,
Que de mil almas vôam
Aos grossos ares turbidos ;

E c'os sequazes no feio Tártaro
Cae a perversa : do baque horrisono
Espantadas as Furias,
Tremem, palpitam, erguem-se !

Mas tu, ditoso, placido espirito,
Entre os risonhos côros angelicos
N'um turbilhão de luzes
Sóbes aos astros nitidos.

Eu, eu penetro co'a mente aligera
Os sacros muros do céu diaphano,
Lá vejo, sim, lá vejo
Aureo diadema ornando-te.

E ainda carpimos, Hasse magnanimo!
Ah! Não reguemos o surdo marmore
Do heróe, que em paz eterna
Logra a visão beatifica.

Troquem-se os chôros em hymnos mélicos,
Em ledos cantos as nénias funebres;
Desarraiguemos d'alma
A seva dôr anguífera.

Sim; adoremos calados, timidos,
O Deus terrivel, dos homens árbitro,
Que empunha, que arremessa
O raio horrendo, e rapido.

Tu, que professas virtudes sólidas,
Ah! Não consintas, christão philosopho,
Que abale inutil mágoa
Tua constancia rigida.

IDYLLIOS

I

IDYLLIO MARITIMO

TRITÃO

*Omnia vincit Amor.
VIRGIL. ECLOG. X.*

A' foz do Tejo, em branca penedia
Minada pelas ondas salitrosas,
Prisioneiro de Amor, Tritão gemia.

Luziam-lhe as espadoas escamosas,
Sustentava o maritimo instrumento,
O buzio atroadar nas mãos callosas:

Conchas da côr do liquido elemento
Parte do corpo enorme lhe vestiam,
Egual na ligeireza ao proprio vento:

Da barba salsas gotas lhe cahiam,
E nos olhos, que amor affogueava,
Em borbotões as lagrimas ferviam.

Lilia, que um bosque proximo habitava,
Lilia a Napéa, desdenhosa e bella,
Amorosos clamores lhe arrancava:

Um dia a viu na praia, e só de vél-a

Seu coração, feroz enfeitado,
Voou, gemendo, para os olhos d'ella,

Das entranhas do pélago salgado,
Louco de amores, louco de saudades,
O queixoso amador tinha saltado :

Do pae, que abafa as negras tempestades,
Já seu voraz tormento era sabido,
E das outras equóreas divindades.

De aéreas esperanças illudido,
Gran tempo seu espirito saudoso,
Rastejando a cruel, vagou perdido ;

Gran tempo glorias vãs sonhou, teimoso,
Antes que dêsse fructuosa entrada
Ao acre deseagano o peito ancioso.

Já pela transparente, immensa estrada
No coche rutilante o Sol corria
Apoz a Aurora candida, e rosada,

Quando envolto nas sombras da agonia,
Ao vento derramava o deus amante,
Taes queixas, que eu não longe occulto ouvia :

«Lilia ! Lilia ! Ah cruel ! Vêr um instante
Teus olhos garços, tuas loiras tranças
Para meu linitivo era bastante.

Ardo, choro, e não vens, e não te amansas !
Oh céos ! Talvez nos braços cabelludos
De vil, bicórnio Sátyro descansas ?

Féra, peor que os jacarés sanliudos,

Rirás talvez como elle, em quanto abalo
Com meus suspiros os penhascos mudos !

Ah ! De zelos frenéticos estalo,
E doces illusões desvanecendo,
Na desesperação o inferno igualo.

Quantas serpes contém seu bojo horrendo
Vem cravar-me o lethal, maligno dente
Pelas entranhas, que me estão fervendo.

Como te soffre o céu, como consenté
Que ultragem teus desdens a prole augusta
Do numen, que maneja azul tridente !

Não ponderas quem sou, barbara injusta !
Se o meu rendido amor te não commove,
Nem meu grande poder sequer te assusta !

No mar á minha voz tudo se move :
Eu aos deuses undívagos intimo
Altos decretos do cerúleo Jove :

De Éolo as furias em tão pouco estimo,
Que até na horrivel, sinuosa gruta
Com cem cadêas os tufões lhe opprimo :

Muge o mar, treme a terra, o céu se enluta
Apenas, tempestade apregoando,
Este meu buzio concavo se escuta :

Tambem, se quero, os duros sons lhe abrando;
E os magos versos do cantor de Thracia
Vou no rijo instrumento arremedando ;

E desprezas-me ainda, e tens a audacia

De regeitares com soberbo enfado.
O Filho de Neptuno, e de Salacia?

Em que, nympha cruel, te desagrado?
Que te affugenta? As lucidas escamas,
As verdes conchas, de que estou forrado?

Pois isto, que por feio, em mim desamas,
E que te obriga a nunca me escutares,
Gera em mais docil peito ardentés chammás.

Oh quantas vezes sahe dos vitreos lares,
Só para vêr-me Arginia, que, em se rindo,
Enfrêa os ventos, agrilhôa os mares!

A Dóris, á benigna mãe fugindo,
Brando affago me traz no lateo rosto:
O teu vaidosa, o teu não é mais lindo;

Mas a seus doces mimos sempre opposto
Acha meu coração, que foge d'ella,
E vem sacrificar o amor ao gosto:

Debalde a triste nympha se desvéla
Em finezas, e em lagrimas, que tudo
Engeito por amar-te, oh dura, oh bella.

Com semblante enrugado, e carrancudo,
Lhe atalho os ternos ais, e, se porfia,
Ou as costas lhe volto, ou fico mudo.

Oh pasmo! Nem Protêo pensar devia,
Que eu por uma campestre semidéa
A prole de Nerêo desprezaria.

Mas ah! Já sinto Amor, que me refreia

A petulante voz. — Não mais, perdôa
A' desesperação, gentil Napéa :

Para meus braços amorosos vóa,
Vóa, e verás então, que alegres hymnos
Meu rude buzio, respirando, entôa.

Depois de ouvires os meus sons divinos,
Mergulhando commigo, irás sem medo
Aos magestosos Paços neptuninos :

Lá no seio de um concavo rochedo
Jaz de meu pae a esplendida morada,
D'onde para te vêr sahi tão cedo :

De oiro, e saphiras altamente obrada,
E de lustrosas conchas de mil cores
Com mimoso artificio variada,

Attrahirá teus olhos, e os Amores,
Que te acompanham, lograrão, pasmados,
Mais prazer entre as aguas, que entre as flôres:

Ali sobre diaphanos estrados,
Oh Lilia, a par de Thetis, e Amphitrite
Repousarão teus membros delicados :

Em honrá tua festival convite
Farei aos patrios deuses : o meu gosto
Nos mesmos immortaes inveja excite:

Meu venerando pae, no sôlio posto,
Com grave riso, e placida alegria
A senil ruga alisarâ no rosto :

Rubros coraes, fulgente pedraria

Te offerecerá nos candidos regaços
A chusma das Nereidas á porfia :

Aquella mesma, que em gostosos laços
Pertende unir-me a si, teus olhos vendo
Confio que te aperte entre seus braços :

Tanto poder terás! Ah! Vem correndo,
Que já seus raios de oiro o Sol dardeja
Do ethéreo carro, o mundo esclarecendo :

Punge os Ethontes, como que deseja
A quéda anticipar nas agoas, onde
De perto, oh nympha, tuas graças veja.

Vem, pois, encanto meu, vem, corresponde
Ao fervoroso amor, em que me inflammo,
Sáe d'entre a vasta selva, que te esconde.

Masai, que em vão te rogo, em vão te chamo:
Nem fazes caso de meu ser divino,
Nem das lagrimas tristes, que derramo.

Peito insensível, peito diamantino,
As maviozas preces da ternura
Não amaciam teu rigor ferino.

Ah! Basta de cegueira, e de loucura,
Basta de suspirar, paixão funesta :
Quem ha-de n'uma penha achar brandura ?

Viboras, que jazeis n'essa floresta,
Vingae-me, envenenae, c'o ténue dente
A ingrata, que me foge, e me detesta :
Sinta rábidas ancias, como sente

Meu triste coração, de amor ferido,
Atassalhado de peor serpente....

Mas não. Furias do inferno, eu vos convido!
Sois mais dignas de vista: de vós se vale
Um deus irado, um deus escarnecido :

Rebentai de vulcão, que o mundo abale,
E a peste que exhalaes do peito horrendo,
O ferreo coração de Lilia rale!»

Calou-se, e do alto escolho á pressa erguendo
O formidavel corpo, inda mais alto,
E as negras mãos, frenetico, mordendo,
Por entre as ondas se abysmou de um salto.

II

IDYLLIO PASTORIL

FILENA, OU A SAUDADE

Que terna, que saudosa cantilena
Ao som da lyra Melibeo soltava,
O pastor Melibeo, que por Filena,
Pela branca Filena em vão chorava!
Inda me fere o peito aguda pena,
Quando recordo os ais que o triste dava,

O pranto que vertia, amargo, e justo
A' sombra, que ali faz aquelle arbusto.

Tu, maviosa a chôros, e a clamores,
Tu, Venus (Venus só na formosura)
Luz de meus olhos, unicos amores
D'esta alma, e seu prazer, sua ventura,
Que, reclinada, amarrotando as flôres,
Descanças em meu peito a face pura,
Ouve-me os ais, e as queixas de outro amante,
Que ao teu no ardente extremo é semelhante.

Céos! (assim começou, e eu escondido
Entre as copadas arvores o ouvia)
Por vós em duras mageas convertido
Vejo em fim todo o bem, que possuia :
A' Candida Filena estar unido
Julgastes que um pastor não merecia:
A mais doce prisão de Amor partistes.
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

Mal haja a lei dos fados inclemente!
O seu poder, o seu rigor praguejo :
Morte! Geral verdugo! Estás contente?
Já saciastes o sôfrego desejo?....
Mas Filena inda é viva, inda me sente
Suspirar nos seus braços : inda a beijo!...

Ah meus olhos, morreu : sem alma a vistes.
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

Em ti, cara Filena, a sepultura
Tem de Amor, tem das graças o thesouro ;
Ali te arranca a morte acerba, e dura
Da mimosa cabeça as tranças de ouro :
Eis terra, eis cinza ; eis nada a formosura...
Ah ! Que não pude perceber o agouro
Com que esta perda, oh fadas, me advertistes.
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

Um dia, ha tempos, Lénia, a feiticeira,
Me disse : *Grande mal te está guardado !*
Não m'o quiz declarar, e ave agoureira
De noite me piou sobre o telhado :
Cuidei que perderia a sementeira,
O rebanho, o rafeiro... ah desgraçado !
Perdeste mais, e a tanto inda resistes !
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

A tua meiga voz, o teu carinho
Maior falta me faz, minha Filena,
Que lá no bosque ao rouxinol sósinho
Da preza amiga a doce cantilena ;
O teu branco, amoroso cordeirinho,
Mal que se viu sem ti, morreu de pena !

Balar saudoso, oh montes, vós o ouvistes.
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

O meu rebanho definhou de sorte,
Depois que te perdi, que anda cahindo ;
Sécca estes campos o halito da morte
Desde que ella sumiu teu gesto lindo !
Rogo-lhe vezes mil, que me transporte
Lá onde, como estrella, estás luzindo,
Lá onde alegre para sempre existes.
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

Já pelas selvas, ao raiar da aurora,
Caçando, as tenras aves não persigo ;
Tudo me anceia, me enfastia agora,
Nem soffro os que por dó vem ter comigo !
Figura-me a saudade a toda a hora
Ternas delicias, que logrei contigo.
Ah ! Quão depressa, gostos meus, fugistes !
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

Como as formigas pelo chão, no estio,
Ou como as folhas pelo chão, de inverno,
No afflicto coração, que em ais te envio,
Jazem penas crueis, quaes as do inferno :
Ora me sinto arder, outr'ora esfrio,
Desfaz-me em ancias um veneno interno :

Talvez meus pés, oh viboras, feristes !
Ajuda, triste lyra, os versos tristes.

Nos troncos, e nos marmores gravemos
Memorias de Filena idolatrada,
Tão digna dos suspiros, e de extremos,
De tantos corações, tão cubiçada :
Amor ! Amor ! Seu nome eternizemos....
Ai, que me falta a voz ! Socorro, amada ;
Conforta-me dos céos, aonde assistes !
Não mais, oh triste lyra, oh versos tristes.

III

IDYLLIO PHARMACEUTICO

GRINAURA, OU O AMOR MAGICO

Já, da noite ametade annunciando,
O gallo vellador tinha cantado ;
Regongavam nas serras as rapozas,
Carpíam pelas arvores os mochos,
E no sordido lago as rans coaxavam.
Por entre densas, pluviosas nuvens,
Prenhes de raios, transluzia apenas
Semi-morto clarão da frouxa lua.

Entregue ao somno ó racional jãzia
Ou nos braços de amor, ou solitario,
Sobre cama de feno, ou leito de oiro,
Segundo teus caprichos, oh Fortuna,
Com que dás tudo a um, a outros nada.
Só n'um bosque de viboras coalhado,
Fertil de sombras, sombras dos infernos,
N'um ermo, onde não ha pégada humana,
Que dos Magos noctivagos não seja,
Velava um d'elles, o amoroso Elmano,
Pérto de turvo e rápido ribeiro,
Que do atro seio de horrorosa gruta
Com rispido sussurro ia correndo.
Phantasmas infernaes, que a negra noite
Arroja á terra, sacudindo o manto,
Vagavam por ali: Górgonas, Furias,
Que o pavoroso Barathro vomita,
Que exalam peste das crueis entranhas,
As serpes, as melenas apanhavam
Em torno do infeliz, queixoso amante,
Influindo-lhe a raiva, a dôr e a morte.
No centro da terrivel assembléa,
Com carrancudo aspecto o malfadado
Só tinha em ti, Crinaura, os pensamentos!
Tu lhe negavas o fulgar suave
Com que teu rosto os céos abrilhantaram;
Longe estavas, cruel; porém suppriam
Aos olhos corporaes os olhos d'alma;

Longe estavas, cruel, porém pasmado
Na fantastica imagem de teu gésto,
Que vivamente amor lhe debuxava,
D'esta maneira os ares atroava :

ELMANO

Potentes versos meus, arte divina,
As tartareas cavernas invadistes,
Commovestes Sumano, e Proserpina,
Hydras, Cerastes, Furias attrahistes ;
Da fresca lua a face cristalina
Com tenebrosas nuvens denegrastes,
Do mais as fêras n'esta horrivel matta,
Só não podeis vencer Crinaura ingrata.

Versos ! Versos ! Oh dadiva celeste !
Apinhando os delphins ao som da lyra,
O musico Arion remir podeste
Das cubiçosas mãos, em que cahira !
Desarraigaste as arvores, soubeste
As penhas derreter ! Amor te inspira,
Amor a força tua em mim dilata,
E não has-de vencer Crinaura ingrata !

Versos ! Versos ! Nas ermas sepulturas
Com graça pelas Graças influida,
Furtando as almas das prisões escuras,
Tornais ás cinzas o calor, e a vida :

A Dite, revogando-lhe as leis duras,
Tirais a nimpha, do áspide mordida:
Tanto pódes, oh arte aos deuses grata!
Só não triumpharás d'aquella ingrata!

Ah! Sim, tentemos outra vez a sorte;
A ternura porfie, a paixão teime;
Deixae-me, oh Desenganos, longe, oh Morte:
Deus Phebo, teu fervor minha alma queime!
Eia, Venus, e Amor, dae-me um transporte
Digno de vós: oh filho! Oh mãe! Valei-me,
Não só, não só por mim, de vós se tracta:
Vós venceis, se eu vencer Crinaura ingrata.

Solte-se a véa, principie o encanto;
Versos! Versos! Crinaura! Eu t'os envio.
Eis nas plumas do Zephyro o meu canto,
Eis Iris sobre o ar humido, e frio:
Cessa o berro da rã, do mocho o pranto,
Ficam mudas as Furias, mudo o rio:
Lá mostra a lua a face prateada,
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

Esta semente, de fragancia bella,
Aos raios veneravel como o loiro,
Planto aqui: flores mil brotarão d'ella
Subito... ah! Eil-as, é feliz o agoiro:

Accendamos tres vezes esta véla,
Crestêmos á terceira este bisoiro :
Minha mestra m'a deu, Canidia, a fada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

As amoras silvestres espremamos
N'este vaso de Alceo, magico experto ;
Sobre o licor sanguineo desfaçamos
Folha a folha este cravo meio-aberto :
Misturemos-lhe agora o mel, e os ramos,
Que torrei, que moí, remedio certo
Contra o negro lacráo : não falte nada
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

Pondo este roto véo, que era de Circe,
Depois batendo o pé, Lámia podia
Converter-se em morcégo, e restituir-se,
A' fórma natural, quando queria :
Eis o buço de lobo : a sabia Tirse
Com elle assombros mil tambem fazia :
Já com isto em serpente a vi mudada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

Puz a seccar debaixo de um penedo
Crescida e gorda rã, que apanhei viva ;
Dos ossos lhe guardei : pondo-lhe o dedo
Qualquer amante, seu amor se aviva ;
Tem a virtude, em fim, tem o segredo
De amansar lobos : a caduça Oliva

Com elles das mãos d'um foi já tirada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

A torta vara, com que Ilêo fazia
Milhões de espectros negrejar nos ares,
Com que ao minimo aceno embravecia
Placidas auras, bonançosos mares :
Párte do incenso, que Medéa impia
Dava da horrivel Hécate aos altares,
Guardo n'aquella gruta, ao sol vedada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

Falta a cinza (eil-a aqui) do corvo branco,
Que Licidas caçou, que tanto estimo :
Dos feridos com ella o sangue estanco,
E os quasi mortos, em querendo, animo,
Eis a admiravel planta, com que arranco
As mais cravadas settas, eis o limo,
E esta concha no Euphrates apanhada.
Trazei-me, versos meus, a minha amada.

Produzi, meus encantos, vosso effeito
Para gloria de Amor, e gloria minha ;
Venha curar o mal, 'que me tem feito,
Aquella, em cujos olhos me mantinha :
Trazei-a....ah ! Que prazer me inunda o peito,
Que luz, que objecto para mim caminha !
Que força occulta as forças me restaura !
Basta, meus versos : ali vem Crinaura.

IDYLLIO

A SAUDADE MATERNA

Ai ! Ella os olhos com qué o ar serena
Na misera mãe postos, que endoudece,
Ao duro Sacrificio se offerece.

CAM. LUS. CANT. 3.º

Não longe da louçã, da flórea margem,
Por onde ameno se esperguiça o Tejo,
E abrilhanta os crystaes em sóes estivos ;
Dos jardins Ulysséos não mui distante
(Qual d'elysios vergeis visinho o Averno)
Sitio jaz, que parece em negras sombras
Summir-se á natureza, ou não ser d'ella !

Ali jámais os lépidos Prazeres
(Meigos socios d'amor, quando é ditoso)
Ousaram d'exercer mimosos bríncos :
Oh myrthos ! Oh rosaes ! Oh Paphios bosques !
Ali não floreceis, ali não voam
Perfumes vossos a encantar o olfato :
Nem teus quebros por nem teus gorgeios,
Cantor da Primavera, e dos Amores,
Geram ternura, melodia exhalam,

Ao medonho lugar negreja em roda
Selva de esguios, funeraes cyprestes,
Que a profunda raiz no chão da morte
(Fieis ás cinzas) espantaneos ferram.
Em circulo forrando o escuro albergue
Da Tristeza, e do Horror, sustem na rama
Aves de pranto, de pavôr, de agoiro,
Que o dia aborrecendo, amando a noite,
Vivem nas trévas, e nas trévas morrem,
Que sitio para a dôr ! Para o queixume
D'aquelles, a que a vida é pezo, é jugo !

Ali, carpindo, suspirando, errante,
Sósinha, ao desamparo, a triste Analia,
De olhos fitos nos céos, aos céos pedia
Em lagrimas, em ais vãmente anciosa,
Seu mais doce penhor, seu bem mais doce.

«Nunes, que a possuis, que m'a invejastes,
Era digna de vós, eu d'ella indigna ! »

(Soluçando a miserrima exclamava)

«Mas valham prantos meus o que eu não valho ;
Oh Fado ! Oh céu ! Restituí clementes
A suspirada filha á mãe saudosa,
Os genios divinaes, que em vós adejam
(Candida imagem da innocencia della)
Travem d'alma gentil, que entre elles brilha,
Sobre as plumas de neve ao mundo a tornem ;
E com ella, e comsigo á morte as sombras,
Aos sepulchros o medo esmaltem, doirem :

No despojo mortal, famoso, e charo,
Soltando almo calor, bafejo ethéreo,
Acordem graças, ensinem vida !
Não careces, oh céu, de seus encantos,
E dos encantos seus carece o mundo :
Por ella a triste mãe não só pranteia,
Por ella está carpindo a Natureza,
Que o dia ornava c'os sorrisos d'ella !
Os campos da existencia, em cujo seio
Foi momentanea flôr, na ausencia murcham
Da linda producção, que os enfeitava !
Espinhos lhe deixaes, levaes-lhe as flores !
Oh Fado ! Oh céu ! Restitui clementes
Ao saudoso universo, á mãe saudosa
As delicias de amor, de amor sagrado.
Mais um milagre vos mereçam prantos :
Sê lagrimas de sangue obtel-o podem,
Por lagrimas de sangue o quero, oh numes !
No coração materno extremos fervem,
Capazes d'isto (oh céos !) de mais, de tudo....
Mas ai triste ! Eu delyro ! Ai triste ! Eu sonho !
Da morte a fêrrea lei não se derroga :
Nas paginas fataes é tudo eterno !
O que se escreve ali jámais se risca !
Mãe chorosa, infeliz, um fructo gemes,
Penas sem fructo ; em lagrimas te mirras,
Em ais te esfalfas, e o destino é surdo !
Pezada escuridão me enlute a vida,

(Vida tão negra, que arremede a morte)
Noites, bem noites os meus dias sejam,
Em quanto eternos sóes lá são teus dias,
De um puro, e doce amor, oh doce prenda,
Espírito sereno, alma querida,
Que no mundo em ti mesma o céu geravas!
Ah! Tu folgas em mim, sem ti eu gemo,
Como a viuva, solitaria rôla,
Em sons carpidos apiedando as selvas!
Não roce os labios meus nem mais um riso;
Meu terno coração ralai, saudades....»

Aqui desprende um ai, que aos astros vôa;
Em súbito desmaio os olhos cerra,
(Os olhos, a que Amor victorias deve)
E cae sem voz, sem côr, sem luz, sem alma.

Em torno a terra lhe gemeu piedosa,
As plantas sepulchraes com dôr vergaram;
E vós, aves do luto, aves da morte
Em menos agro som, porém mais triste,
Como que as leis embrandecer tentaste,
As leis terriveis, de inviolavel firma!

Tudo penou, tremeu, fez tudo extremos
No mal de Analia.... e que faria Elmano,
Ouvindo á voz da Fama o caso acerbo?

Sagrou com debil mão no leito infausto
A' cinza amada lutosos versos;
E quasi reviveu para choral-a.

EPISTOLAS

I

Ao Illm.º e Exc.º Sr. Marquez de Pombal

Só conheço de ti grandeza, e nome,
Magnanimo Pombal, jámais teus olhos
Com doce, amavel, usual brandura
De meus destinos a humildade honraram;
Sempre Fortuna, de meu mal sedenta,
Vedou que, em teu louvor pulsando a lyra,
Arremessasse o canto além dos tempos,
E em premio fosse de te dar meus hymnos
Comtigo reluzir na eternidade:
Declive espaço, que entre nós se estende,
Frouxo alento abatia ao vate ancioso,
Quando apenas tentava o cume excelso,
Onde, recta uma vez não caprichosa,
Te ergueu, te anima, te laurêa a Sorte.
Hoje porém, senhor, que má Ventura
Golpes e golpes, sobre mim desfecha,
Hoje que férrea lei de negros fados
Me esmaga o coração, me enluta os dias,
Ao desmedido espaço a dôr se arroje,
Lenitivo benéfico implorando,

Vence o longo intervalo, a ti se eleva.
Dá-me tão alto jus tua alta fama,
Minha tribulação tem jus tão alto :
Perante as almas que a virtude accende,
E' grave intercessor a ádversidade :
O mortal infeliz, o desvalido
Invoca o generoso, o pio, o grande ;
O grande, o pio, o generoso abriga
Das furias do Destino o malfadado.

Cárcere umbroso, do sepulchro imagem,
Caladas sombras de perpetua noite
Me anceiam, me suffocam, me horrorisam.
Não rebelde infracção de leis sagradas,
Não crime, que aos direitos attentasse
Do Solio, da moral, da natureza,
N'este profundo horror me tem submerso.
A calumnia fallaz, de astucias fértil,
Urdu meus males, affeou meu nome,
Mil e mil vicios extraiu do Averno.
Minha fama, senhor, que honrada, illesa,
Vagava o seio de Ulysséa altiva,
Foi pelo estygio bando assalteada :
Bramindo lhe ennegrece a tez lustrosa,
Torna-lhe a nivea côr da côr do abysmo :
Doira zelo impostor paixões damnadas ;
Delatores crueis com arte envolvem
Vis interesses no ext'rior brilhante
Da razão, da justiça e da verdade ;

Cae a Innocencia, victima da Inveja,
Dos zoilos o rancor de mim triumphá.
Eis-me vedado ao sol, vedado ao mundo,
Eis a reminiscencia apenas traça
O quadro do universo á minha idéa ;
Que, se aos olhos illusos déra assenso,
Julgára que inda os céos, que inda as estrellas
Não tinham rebentado á voz do Eterno,
Que a antiga escuridão que o cahos informe
No que hoje é Natureza inda reinava ;
Que na mente immortal do rei dos fados
Inda em mudo embryão jazia a terra.
Memoria e dôr minha existencia provam,
Porém dôr e memoria o ser me azedam,
E a Desesperação, desfeita em pranto,
Inutil vida aborrecendo, anhéla
A paz, e o somno do insensível nada.
Sobre meu coração tormentos fervem,
E pela phantasia exacerbados
Se embebem no pavôr da morte horrenda.
De um lado em traje infame a vil Affronta,
Sórdido espectro, me affogueia o resto,
A doce Patria de outro lado afflicta
Um doloroso adeus me diz carpindo :
Aqui e ali mil pallidos phantasmas,
Prole do Medo, com visagens feias
Série me agoirant de amargosos damnos.
N'estes horrores a existencia pasma,

O exercicio vital em ocio fica,
Sentidos, forças o terror me absorve.
Tal é, genio preclaro, a ordem triste
De meus funestos, nebulosos dias,
Dias marcados no volume eterno
Pela tórrida mão da Desventura.

Ah! No maligno seculo corrupto
Em que o duro egoismo abrange a terra,
Inda restam, senhor, ao desditoso
Benignos corações, que se repartam,
Que para os seus prazeres só não vivam,
Que sintam, que venerem, que pratiquem
Lei no altar da Razão por Jove escripta,
Lei na infancia do mundo ao mundo imposta :
« O homem favor e asylo ao homem preste,
« Mutua beneficencia os entes ligue. »
Teu grande coração colheu taes dotes
No thesouro onde os zela a natureza,
Mesquinha de seus dons co'a terra ingrata.
Além da condicção o heroico exemplo
Em teu peito arreigou feliz semente,
Da qual se ergueram generosos fructos.
O varão providente, o pae da patria,
O assombroso Carvalho, o luso Atlante,
Cuja vista mental descortinava
Os sumidos arcanos tenebrosos
Onde sagaz politica se entranhã :
O decantado heroe, que d'entre as cinzas,

D'entre os dispersos, lugubres estragos,
Effeitos de fenómeno terrível,
Mais ampla fez surgir, surgir mais bella
A vasta fundação dos gregos duros ;
Que de soberbas torres majestosas,
De ingentes, sumptuosos edificios
Os hombros carregou d'alta Lisboa :
O politico excelso, a cujo aceno
Vinham, prenhes de fulgidos thesouros
Alterosos baixeis arfar no Tejo,
E a risonha Abundancia dadivosa
Da fausta Lusitania enchia os lares ;
O zelador fiel do altar, do throno,
O escudo, o creador das leis, das artes ;
Aquelle, enfim, senhor, que o véo soltando
Em que etherea porção jazia envolta,
Vive nos corações, nos céos, na fama,
Teu memoravel pae te abriu a estrada,
Por onde foste ao pólo, em que és luzeiro.
Nos elysios curvada a sombra illustre,
Olhos fictos em ti, de lá te acêna,
De lá te influe espiritos sublimes,
Prestante emulação com que o renovas.
Heróe, fructo de heróe, protege, ampara
Ente oppresso, infeliz, que a ti recorre ;
Lava-lhe as manchas da calumnia torpe ;
Ao throno angusto da immortal Maria
Com lamentosa voz dirige, alteia

Do misero Bocage os ais, e as preces :
Desfaze a treva, que lhé espanca o dia,
Rompe as correntes, cujo som medonho,
De Phebo os gratos sons lhe descompassa,
Tremendo ao feio estrondo a voz, e a dextra.

Já tocaste, senhor, da gloria o cume,
Socios (inda que raros) tens comtudo :
D'elles póde isolar-te um grau mais alto,
Grau onde o Fado occulta o bem que imploro.
Das avarentas mãos sóbe a arrancar-lhe
O defeso penhor, minha ventura.
N'isto é virtude transcender o extremo :
Remindo um triste de oppressão tão crua
As balisas transpõe da heroicidade.

II

*Ao Illm.º e Exc.º Sr. Marquez de Ponte
do Lima*

Se aos miseros, senhor, não é vedado
No abysmo em que os confunde a desventura,
Seus males exprimir, chorar seu fado :

Minha consternação, minha amargura,
Vae demandar em ti sagrado asylo,
Acolheit'a efficaz em ti procura.

Tem as angustias enfadoso estylo,
Mas tu, attento ás leis da Humanidade,
Tu não te has-de enojar, senhor, de ouvir-o,
Outros querem louvor, eu só piedade,
Piedade ; — que a perder o gosto á fama
Até já me ensinou a adversidade!

De ethereo dom, qu'espíritos inflamma,
A chamma nos suspiros se evapora,
Ou se apaga nas lagrimas a chamma.

Dos louros, que cingi, não cuido agora ;
E' meu único objecto o lenitivo
Da tenaz afflicção, que me devora.

Em carcere, a que o sol medroso, esquivo,
Seu lume bemfeitor jámais envia,
E onde sómente a dôr me diz que vivo :

Na idéa, com que apenas sei que ha dia,
Encarando, senhor, tua gradeza,
Tua alma generosa affavel, pia :

D'entre as sombras da noite, e da tristeza
Vendo luzir mil dons, com que a Ventura
Se uniu, por gloria tua, á Natureza ;

A Sorte se me ant'olha menos dura,
Pondero o teu favor, saudavel porto,
Contra os horrores de procella escura :

Por vil calúmnia moralmente morto,
A' physica extincção darei o alento,
Se imaginario fôr este conforto :

O rumor que me ultraja, é frandulento ;

Senhor, meu coração não jaz corrupto,
Corrupto não está meu pensamento.

Detesto o falso, o ingrato, o dissoluto ;
Do triste, do infeliz não olho ao damno
Com ferreo desamor, com o rosto enxuto :

Vejo a copia de um Deus no soberano,
Curvo-me ás aras, e em silencio adoro
D'alta religião o eterno arcano :

Sim erros commetti, mas erros choro ;
Não com pranto sagaz, que a vista illude ;
Da abjecta hypocrisia ardis ignoro.

O brilhante character da virtude,
Arma contra os aspérrimos destinos,
Tem cultos meus : o imparcial me estude.

Na quadra das paixões, dos desatinos,
Se deixei de cumprir fiel, e exacto,
Preceitos veneraveis, sãos, divinos ;

Não sou para com Deus só eu o ingrato ;
Muitos, que me ennegrecem, que me alfeiam,
São talvez meu modelo ou meu retracto.

Remorsos devorantes não me anceiam :
Mais fraqueza do que indole, meus vicios
As forças da razão me não sopeiam.

Eis, senhor, porque espero achar propicios
Teus influxos comigo, e que derrames
Por minhas afflicções teus beneficios.

De mordazes insectos vis enxames
Me ferem, me envenenam ; vão lançando

Sobre o character meu labéos infames :

Embebe o coração flexivel, brando,
Na maviosa dôr, que em mim suspira,
Que em mim por teu soccorro está chamando.

O Deus a que um só ai remove a ira,
O eterno, o bemfeitor, o omnipotente
Doce clemencia na tua alma inspira.

Se appraz aos céos um animo innocente,
Tambem é grato aos céos o arrependido ;
Uma lagrima extingue o raio ardente.

Deixa pousar, senhor, no attento ouvido
A queixosa, tristissima language,
As supplicas, e os ais de um perseguido.

Do susto, da oppressão, do horror, do ultrage
Sólta, restaura com piedade intensa,
Os agros dias do infeliz Bocage.

Teu braço, teu poder meus fados vença,
Como atras nuvens de vapor maligno,
Rebate o sol co'a fulgida presença :

Ganha-me a compaixão do heróe benigno,
Do principe immortal, que em nós impéra,
Não só de um throno, de mil thronos digno.

Tolhe-me ás furias da calumnia fera,
Que o premio singular, premio sublime,
O que o mundo não dá, nos céos te espera.

Teu peito de meus males se lastime ;
Erros tenho, não crimes, commettido ;
O erro exige perdão, castigo o crime.

Inda que da ventura és tão querido,
Inda que o céu te ergueu o excelso estado
Mais é valer, senhor, ao desvalido,
Mais é tornar feliz um desgraçado.

III

A Gertruria

Cá do pé das gangéticas ribeiras,
Inimigas da paz, e da alegria,
Cá d'entre serpes, tigres, e palmeiras :
A ti, bella Gertruria, Elmano envia
Seus gemidos ternissimos e ardentes,
Sobre as cinzentas azas da agonia.

Se o teu fiel character não desmentes,
Se inda em teu coração não teve entrada
A variedade, o vicio dos ausentes ;

Se do voto reciproco lembrada,
Suspiras por me vér, como suspiro
Por dar-te beijos mil na mão nevada ;

Chorando escutarás o que profiro :
Estes queixumes vãos, que entrego aos ares,
Estes inuteis ais, que d'alma tiro.

Do santo abrigo de meus deuses lares .

Pela Sorte cruel desarraigado,
E exposto em fragil quilha a bravos mares ;
Sobre as espaldas do Oceano inchado,
Dirijindo tristissimo lamento
Contra o céo, contra Amor, e contra o Fado ;
Debalde conjurando o rouco vento,
Em vão pedindo a Tethis sepultura
Nas entranhas do mádido elemento :

Puz, finalmente, os pés onde murmura
O placido Janeiro, em cuja areia
Jazia entre delicias a ternura.

Ali, como nas margens de Ulysséa,
Prendendo corações brincavam, riam
Os filhinhos gentis de Cytheréa ;

Mil Graças, que a vangloria trocariam
Em vergonhosa inveja á tua vista,
Usurpar-te meus cultos presumiam ;
Eis olham como facil a conquista ;
Mas a fé me acompanha, a fé me alenta,
E constancia me dá, com que resista.

Este combate a gloria me accrescenta :
Conhece-se o valor do navegante
Em tenebrosa, horrisona tormenta.

Contemplando na idéa o teu semblante,
Indo evitar o escolho, onde naufrága
O coração mais livre, e mais contente ;

Um virtuoso amor nunca se apaga :
O tiro de outra mão não faz emprego

Aonde a tua abriu tão doce chaga.

Sempre no mais cruel desasocego,
Sempre comigo mesmo em viva guerra,
A's vastas ondas outra vez me entrego.

Os negros furacões Eólo encerra,
Até que aos froxos olhos se me offreça
O bruto Adamastor, filho da Terra.

Vê-me o monstro, que ainda não se esquece
Da nossa antiga audacia, e logo exclama
Com voz horrível, que trovão parece :

« Oh tu, que de uma van, caduca fama,
De uma illustre chiméra ambicioso,
A estrada vens saber do affeito Gama ;

Tu, dos servos de Amor o mais ditoso,
Se as desordens fataes da louca idade
Te houvesse reprimido o céu piedoso ;

Tu, que de uma terrestre divindade
Memorando os encantos, e os agrados,
Delyras entre as garras da saudade ;

O modélo serás dos desgraçados,
Porque mais, oh mortal, a vêr não tornas
Meigos olhos, por Venus invejados.

As correntes de lagrimas, que entornas,
Os suspiros, que exhalas de contin'o,
A singular paixão, de que te adornas,

Nada revoga as ordens do Destino :
Que eu de opáca procella estenda o manto
Quer, e ao fatal decreto a fronte inclino ;

Mas a tua afflicção move-me tanto,
Que os olhos meus, a permittil-o a Sorte,
Saberiam, por ti, que coisa é pranto.

Das entranhas do inferno arranco a morte,
Que a lei do Fado, a meu pezar, me obriga
A que a vida miserrima te córte.

Mares, lambei dos céos a base antiga,
Morra Elmano; adejai, dragões do Averno,
Sobre o veloz baixel, onde se abriga!

Disse dos nautas o inimigo eterno,
E aos ares arrojou no mesmo instante
Medonhas trévas, pavoroso inverno.

O céu troveja, Eólo sibilante
Ora aos abysmos, ora aos astrós leva
Entre as azas da morte o lenho errante:

Sobre elle o mar violento a furia cava.
Rebentam cabos, não governa o leme,
Consternada celeuma ao ar se eleva.

Em tanto horror meu coração não teme,
Antes se alenta, agradecendo ao Fado
Um bem que implora, — a morte, que não teme.

« Parcas! (eu grito) oh deusas, que a meu lado
Andaes brandindo as fouces carniceiras,
Inclinae para cá seu gume hervado:

O golpe em mim descarregae ligeiras,
Em quanto off'reço á candida Gertruria
O final pranto, as vozes derradeiras.

Céos! Que prodigio! O vento applaca a furia.

E a teu nome adorado a propria Morte
Não ousa, em dâmnio meu, fazer injuria ;

Teu nome vence a cólera da Sorte :
Torna a luz, foge a sombra, e já mil vivas
Os muros vão ferir da etheréa corte :

Só eu choro o prazer, que tu motivas,
Só eu sinto escapar d'este perigo,
Só eu culpo as estrellas compassivas.

A prospera derrota assim prosigo,
Até que vejo, e pizo a sepultura
Dos tristes, que não tem na patria abrigo.

Aqui vae sempre a mais minha amargura,
Aqui, pela Saudade envenenado,
Como espectro acompanho a Noite escura :

Aqui ninguem me attende, (oh negro fado !)
Nem deuses, nem mortaes, ninguem me attende :
Tão molesto se faz um desgraçado !

Só teu suave nome, a quem se rende
O proprio deus de amor, algum momento
Meu pranto enfréa, minhas ancias prende.

Sou qual febricitante, que sedento
Em libar fresca taça allivio gosa,
Affagando com ella o soffrimento.

Ai gesto encantador, face amorosa,
Que me inspiraste da paixão mais pura
A doce chamma, a chamma deleitosa !

Que torrente de gosto, e de ternura
Fizeste borbulhar no meu semblante,

Em quanto o permittiu minha ventura!

Qual na cálida sésta o caminhante,
Que em despenhada fonte, amena, e fria
Matar o vivo ardor vae anhelante:

Tal nas azas do jubilo eu corria
A saciar em ti, vista adoravel,
O sequioso amor, que em mim fervia.

Oh lúbrico prazer! Fortuna instavel!
Apenas fui feliz, fui desgraçado:
Oh catastrophe acerba, e deploravel!

Mas tu, Gertruria bella, idolo amado!
Tu, meu unico bem, cuja mudança
Me faria acabar desesperado,

Por piedade não percas da lembrança
O terno adeus, e as lagrimas, e os votos,
Com que elle vigorou minha esperança.

Vê que entregue ao furor de horriveis Nótos,
Vim, só por me fazer de ti mais digno,
A climas, do meu clima tão remotos.

Semblante, para mim sempre benigno,
Reserva-me um sorriso: elle sómente
Póde o meu astro serenar maligno;

Elle só me fará viver contente:
Só n'elle está suspensa a minha gloria,
Só d'elle o meu socego está pendente:

Voemos para o templo da Memoria,
Nossa fidelidade ao orbe espante,
E sirva de modélo a nossa historia;

A todo o baixo espirito inconstante
Para castigo apontem-lhe a firmeza
Do triste Elmano, e de Gertruria amante;
Obra a mais singular da natureza,
Erario dos seus dons, conheça o mundo,
Que és tão rara em amor, como em belleza;
Abundá nas saudades, em que abundo,
Manda-me lá d'esses ditosos lares
Nas azas da ternura um ai profundo.
Não tope densa nuvem pelos ares,
Que a fortaleza, que o calor lhe tire:
Venha, ah! Venha, apesar de immensos mares,
E em meus ouvidos, fatigado, expire.

IV

A Josino

Josino, meu Josino, a cujo lado
Gozei de alegres, venturosos dias,
Em quanto o quiz Amor, e o quiz o Fado:
Socio meu, que era attento, e mudo ouvias
A minha branda Lyra maviosa,
Ora a seus ternos sons teu canto unias:
Tu, que da linda Marcia carinhosa

Inflammas com mil osculos ardentes
As faces côr de neve, e côr de rosa;

Tu, que no ingenuo peito não consentes
O vicio, que por lei da natureza
Mapeha, e corrompe os corações ausentes ;

Tu, que adorando as aras da Belleza,
Tributas aos altares da Amisade
Puros incensos, exemplar firmeza ;

Tu, que d'esta alma occupas ametade,
Ouve o tremulo som, com que suspira
Dentro d'ella a tristissima saudade.

Desde que a existencia expuz á ira
Do fero mar, meu peito não socega,
Meu pensamento esfalfa-se, delyra :

Indomavel paixão, que a todos cêga,
De teus conselhos falta, honrado amigo,
A' desesperação minha alma entrega.

Louco fui, não pensei (mil vezes digo)
Que em horas se trocassem de tormento
Horas tão doces que passei contigo ;

Fiei-me de um fugaz contentamento,
Devendo conhecer, que os bens do mundo
São qual o subtil pó, que espalha o vento ;

Por isso agora afflicto, e vagabundo,
Estranho tanto o mal, por isso agora
De lagrimas sem fim meu rosto inundo ;

Por isso, na paixão, que me devora,
Invoco a muda paz da sepultura,

Da suspirada morte a feliz hora.

Miseros gostos! Misera Ternura!

Que sempre, injusto Amor, teus servos tenham
Queixumes, que formar contra a ventura!

Uns, adorando ingratas, que os desdenham,
Tarde no escuro abysmo, em que descança
O desengano horrivel, se despenham:

Outros, chorando a pérfida mudança
De uma alma desleal, enfurecidos
Co'a morte arrostam, que no inferno os lança:

Outros, emfim, como eu, correspondidos,
Depois em longa ausencia amarga, e crua
Arrancam das entranhas mil gemidos:

Tal, fraudulento Amor, é a lei tua,
Lei que o fado approvou para que a terra
A si mesma se entregue, e se destrua.

Ah! Josino fiel! Que horror faz guerra
Aos tristes olhos meus n'estes lugares,
Onde me poz a Sorte, onde me encerra!

Sem medo á furia dos terriveis mares,
Vim do culto, benefico occidente
Viver com tigres, habitar palmares:

Aqui torrida Zona abafa a gente,
Ferve o clima, arde o ar, e eu o não sinto,
Que tu, fogo de Amor, és mais ardente:

Aqui vago em perpetuo labyrintho
Sempre em risco de vêr maligno braço
No proprio sangue meu banhado, e tinto;

**Mas caso dos perigos eu não faço,
E que posso temer, quando procuro
Rasgar da fragil vida o tenue laço ?**

**Enche-me sim de horror o culto impuro
Idolos vãos, sacrilegos altares,
Vis ceremonias d'este povo escuro.**

**Eterno Deus! Não longe dos teus lares.
Tépida nuvem de maldito incenso,
Dado ao negro Satan, perturba os ares.**

**Que tolerancia tens, monarcha immenso !
Por mais crimes, senhor, que o mundo faça,
Tudo releva teu amor intenso.**

**Désce, ah désce dos céos, potente graça !
Diffunde a santa luz, a santa crença
Pelos cegos mortaes, que o erro enlaça.**

**Volto, Josino, a tí, Lethal doença
Do Bárathro surgiu, veio intimar-me
A antiga, universal, cruel sentença :**

**Negras fauces abriu para tragar-me ;
Porém cedeu, rugindo, á voz divina,
Que a vida, a meu pesar, quiz conservar-me ;**

**Eis que pérfida mão cabal ruina,
(Sepultando o dever no esquecimento)
A todos nos prepara, e nos destina :**

**Rasgado o peito c'um punhal cruento,
Ia baixar o teu choroso amigo,
Qual victima innocente ao monumento :**

Uma alma infame, um barbaro inimigo

Da fe, das leis, do throno, um deshumano
Crêdor de eterno, de infernal castigo,

Tendo embebido seu furor insano
Na falsa gente Brachmam inquieta,
Que amaldiçôa o jugo lusitano,

Contra nós apontava a mortal setta,
Mas estorvou o inevitavel tiro
A mão divina, poderosa, e recta :

Desenvolveu-se o crime, inda respiro;
E já destes, oh réos de atroz maldade,
Em vis theatros o final suspiro.

Eis, amigo, a recente novidade,
Que da remota Gôa ao Tejo envio:
Nasurchas, deveis azas da Saudade.

A quem tem da tua alma o senhorio,
Offreço n'uma fêvida lembrança
Provas do affecto em que jámais esfrio.

Dize á minha dulcissima esperança,
A' suave prisão d'esta alma afflicta,
Que no meu coração não ha mudança ;

Que estou gemendo aqui, bem como grita
Pelo perdido, aligero consorte
Viuva rola, que a floresta habita ;

Que é a minha paixão, paixão tão forte,
Que ha de na escuridão da sepultura
Volver-me as cinzas, sup'rior á morte ;

E que espero, apesar da ausencia dura,
Por milagre d'Amor, que os meus gemidos

Voando aos lares seus, aos seus ouvidos,
Lhe vão justificar minha ternura.

v

*A' Ill.^{ma} e Exc.^{ma} Snr.^a D. Mariana Joaquina
Pereira Coutinho.*

Piedosa, excelsa heroína,
Tu, que em transcendente altura,
Com alma quasi divina
De uns evitaste a ruína,
De outros creaste a ventura :

Tu, que em formosa união
Com refulgente nobreza
(Accidental condicção)
Ligas mais alta grandeza,
Grandeza do coração :

Tu, que á mãe do luso estado,
Chorada, augusta rainha,
Mereceste honroso agrado,
Colhe os ais que te encaminha
Triste victima do Fado.

Teus brandos, faceis ouvidos,
Ouvidos ha tantos affeitos,
Senhora, a attender gemidos
De roucos, anciados peitos,
Pela desgraça opprimidos :

Teu fervor, tua piedade,
Com que viva ao céu te elevas,
Abriguem minha anciedade,
Versos nascidos nas trévas,
Entre a dôr, e a adversidade :

Pezado grilhão me opprime,
Duro carcere me fecha,
Tecem-me de um erro um crime,
E a vil calumnia não deixa
Que a compaixão se lastime.

Sombra, qual o averno, escura
Impiôs zoilos derramam,
Em vida de crimes pura :
As cadeias me forjaram,
Forjaram-me a desventura.

Eis doloso, eis negro véo
Meu são character encerra ;
Monstros me pregôam réo,

Tornam-me odioso á terra,
Fingem-me rebelde ao céu.

Desesperada agonia
Aggrava mais minha sorte,
E a meus olhos, noite e dia,
Gyra o phantasma da morte
Co'a turva melancolia.

Desparziu preces em vão
Angustia, que em mim se exalta ;
Mas no centro da afflicção
Conheço que inda me falta
Invocar teu coração.

Esse adoravel thesouro
Thesouro da natureza,
Furtado ao seculo de oiro,
Póde expellir-me a tristeza,
E o mal peor — o desdouro.

Não te imploro, alta matrona,
Como aquelle, a quem o enxame
De vicios mil desabona,
E em si cáe depois que infame
Sobre o delicto resona.

Eu, desvalido mortal,
Ludibrio da sorte injusta,
Amei sempre, avesso ao mal,
As leis da virtude augusta,
As leis da recta moral.

Se casuaes erros fiz
(Socios da idade imprudente)
Meu desvario infeliz
No coração innocente
Não teve infesta raiz.

Da vaidade activo ardor,
Que o peito inexperto inflamma,
Das musas suave amor,
Sêde implacavel de fama
Me sumiram n'este horror.

Em versos não baixo, ou rude
A teu animo propicio
Já sagrar louvores pude :
Se grato me fôra o vicio,
Eu não cantára a virtude.

Meu crime é ser desgraçado,
Ou talvez não ser indigno
De attrahir da Fama o brado:

Um bando inerte, e maligno
Da inveja me fere armado.

Risonhas, ternas Camenas
Sobre mim lançavam flôres
Viçosas, brandas, amenas,
E com benignos favores
Affagavam minhas penas.

Dom divino, almo, e lustroso,
(Que a raros e céu dispensa)
Azedou tropel damnoso :
O mérito é grave offensa
Ao coração do invejoso

Alma gentil não presumes
Que exaggera altivo abalo
Torpes, sordidos ciumes ;
Se de mim com gloria fallo,
Honro a dadiva dos numes.

Mas á triste, á maviosa
Phrase da consternação
Já volve a voz lamentosa ;
Mais cubiço a compaixão,
Q'um nome, que mal se gosa.

Não te interêsse o valor
(Se algum tem) do vate afflicto,
Commove-te o dissabor,
A desgraça, o pranto, o grito,
Que demandam teu pavor.

Exerce efficaz valia,
Que me serene a fortuna,
Irosa fortuna impia:
Para guarida opportuna
Meus ais, minhas ancias guia.

Pelo misero intercede;
Que a ti recorre em seus males,
Que prompto auxilio te pede:
O que pódes, o que vales,
Por minhas angustias mede.

Dá-me a luz, que respirei
No seio da humanidade;
Roga que se abrande a lei,
A que a doce liberdade
Submisso e mudo curvei.

Que, ainda que rôta a lyra
No chão desprezível jaz,

**E a musa, que já delyra,
Sem hãrmonia, sem paz,
Em vez de cantar suspira:**

**No meu estro aniquilado
Revivendo a morta chamma,
Te daria eterno brado,
Se ha muito o grito da Fama.
Não te houvera eternisado.**

VI

*Ao Illm.º Snr. José Caldeira D'Ordaz e Quei-
roz, Barão de Castello Novo, etc. etc.*

**Ao que luziu na fama, ornando a patria
Co'as artes marciaes, que a patria munem,
E os dons com que Minerva illustra o globo ;
A aquelle, que depondo o terreo nada
E' scentelha da luz, que forma os astros ;
Accesa no esplendor de um Deus, luz tudo ;
A aquelle, em cujo espirito apurado
Reflecte um sol immenso, um dia eterno ;
Ao sublime D'Ordaz, ao genio grande**

De que és herdeiro em título, em virtudes,
Esta não baixa offrenda eu destinava,
Grato aos sorrisos, ás caricias grato,
Com que em mais doce, mais serena idade
Cingiu nos braços a innocencia minha.

Minha innocencia, que estranhada, errante
Trilhava o medo da existencia os campos !...
Elle o meu protector, meu pae foi elle....
Mas da vida é theor, que o bem não dura,
E quem riu um momento, espere o pranto !...

Os fados, (ah !) vibrando a' ferrea destra,
Os fados avarentos o arrancaram
D'entre os mortaes, que honrava e que instrua;
Mas D'Ordaz vive em ti, D'Ordaz, e a gloria
Nos seus, sendo qual és, heróes não morrem ;
E o que na voz commum de ti resôa
Exige do philosopho, e do vate
Louvor que honra o que o dá, e o que o recebe.

A ti, e aos manes do guerreiro illustre,
Vaé pois minha oblação, composta de hymnos ;
Não indignos de ti ; — que as Musas viram
Sorrir-se para alguns a Eternidade :
Teu solido favor lhe alteie o preço,
E todos ficarão crédores d'ella.

VII

Ao Ill.^{mo} Snr. Sebastião Xavier Botelho

..... Carmina pòssumus
Donare, et pretium dicere muneris.

HORACIO.

Ao gran Vate Salacio o vate Elmano,
Como elle devedor á Natureza,
Mas não como elle devedor ao Fado,
Cá dos lares tristissimos, que habita,
E onde quasi evapora em ais o alento,
Se é que a póde enviar, saude envia.

Acolhe, doce amigo, ás Musas dado,
Acolhe ingenuos sons de afflicta Musa,
Que entre flôres outr'ora, entre delicias,
Entre os sonhos de Amor, verdade ás vezes,
Cópia do céo, no candido regaço
De alvas, fagueiras, perigosas Lílias,
Passou dias de gloria, instantes de oiro,
Do Tejo transparente á margem bella
Cantando a vida, como o cysne a morte.

Comtigo fallo, que do Pindo houveste
O solemne idioma, o tom dos nubes,

A voz, que longe vae, que longe sobe,
Que sôa além do mundo, além dos tempos ;
Fallo contigo, a ti, que tens na mente
O thesouro brilhante, inexaurível,
O igneo fóco de altívolas idéas,
Em que Jove reluz qual é no Olympo ;
Fallo contigo, a ti, que tens na mente
Poder de eternizar e eternizar-te.

Estranho não será nos teus ouvidos,
Aos milagres da Lyra, e do estro afeitos,
Que, ufano do que foi, blasone um Vate,
Já claro como tu nos dons de Phebo.

Contra a nobre altivez, que em mim resurge,
Huyve o zoilo mordaz, injurias ladre ;
De rôjo pela terra a vil serpente,
Da aguia, que arrosta o sol, deteste os vôos ;
Sejam no tribunal do vulgo inerte ,
Sombra o fulgor, o entusiasmo insanía ;
Veja olhados d'ali qual ocio inutil
Seus mil suôres o immortal de Smýrna ;
A cega Opinião, que reina em tudo,
Ponha embora a nivel Marões, e Bavios,
Que eu, tu, e alguns (quão raros !) já vingando
Cumes, e cumes de entrepostas serras,
Trilhamos fadigosa estrada immensa,
Que vae da Natureza á Eternidade.

Dignamente de nós fallar podemos,
Não se ata o dezar nosso ao nosso alarde :
Quem de celestes dotes se gloria
Honra menos a si do que honra os numes.
E se a turba sem nome, avêssa aos vates,
Este firmado orgulho em mim condemna,
Bem da minha altivez meus ais a vingam ;
Bem descontado está nos meus desastres,
E nos tormentos meus a gloria minha ;
Tormentos que me agouram tenue resto
Ao que é mais duração do que existencia.

Entre os damnos de Amor, e os da Ventura
Quasi lenho agitado em altas ondas,
E entre negros tufões, que oppostos bramam,
De um lado, sobre nuvem côr do Averno,
Olho a deusa do mal, do horror, do pranto ;
Vejo o que tu não vês, nem vêr mereces,
(E nem eu mereci) vejo a Desgraça,
De ameaço no rosto, a mão no raio,
A meu peito assestando o tiro, a morte,
Mas sem de audaz vigor despir meu peito.

De Ulna ingratições eis d'outro lado
Contra mim, como Furias, arremettem.
Aqui cerradas trévas me apavoram,
Esmorece o valor, naufraga o siso,

**Soçobra o coração : para a minha alma
Nas procellas de Amor não ha Santelmo.**

Preza a tantos martyrios a Indigencia
Os apura, os irrita, os desespera :
E' ella, caro amigo, é mais que Phêbo
Quem me arranca do espirito enlutado
O metro carpidôr em que a deploro,
Qual nas margens do Tibre ao Venusino.

Tuas virtudes, teu caracter grande
Na patria, que honras, a experiencia acclama ;
Mas tenho a meu favor para invocar-te
Jus mais alto: és feliz, sou desditoso.

CANÇÕES

O Adeus

Suave habitação da minha amada,
Das graças e de Amor! Feliz morada,
Onde as mãos da Ventura
C'roáram minha fé singela, e pura;
Onde inflammado exp'rimentou meu peito
Que ha no mundo tambem prazer perfeito:

Leves Favonios, leves passarinhos,
Que, poisados nas flôres e nos raminhos,
Em silencio me ouvistes
Canções alegres e suspiros tristes,
Porque inda o mais ditoso, em quanto adora,
Canta umas vezes, outras vezes chora:

Tejo, que á minha voz abonanças,
Que, para me attender, nem murmuravas,
Quando injustos ciumes

Me arrancaram mil prantos, mil queixumes ;
Quando á bella constancia de Gertruria
Fiz com suspeitas vans cruel injuria :

Antiga patria minha, e lar paterno,
Penates, a quem rendo ùm culto interno ;
Lacrimosos parentes,
Que inda na ausencia me estareis presentes ;
Adeus ! Um vivo ardôr de nome, e fama
A nova região me attráe, me chamma.

Oh vós, que nos altares da Amisade
Votastes exemplar fidelidade,
Vasconcellos, Couceiro,
Liz bemfeitor, Andrade prazenteiro,
Vós, que em doce união viveis comigo,
Ouvi o terno Adeus de um terno amigo.

Os mares vou talhar, cujos furores
Descreve o grão cantor, por quem de amores
Inda as musas suspiram :
Aquelles mares, onde os Gamas viram
Do rebelde, horrendissimo gigante
Os negros labios, o feroz semblante.

Quer a sorte, propicia a meu desejo,
Manda-me a Honra, cujas aras beijo ;
Que com fêrvido brio

Contemple os muros da invencivel Diu,
D'onde, oh Silveiras, Mascarenhas, Castros,
Foi soar vossa fama além dos astros.

Nos climas, onde mais do que na historia
Vive dos Albuquerque a memoria,
Nos climas, onde a guerra
Heróes eternizou da lysia terra,
Vou vêr, se acaso a meu destino agrada
Dar-me vida feliz, ou morte honrada.

Suffocae vossa dôr, porque os gemidos
Só ás desgraças é que são devidos ;
E, a pezar da ternura,
Considerae que é solida ventura
Seguir de altos varões o illustre exemplo ;
Por espinhos se vae da Gloria ao templo.

Adeus, socios fieis ; e tu, querida,
Cujos olhos n'est'alma, á tua unida,
O primeiro empregaram
Amoroso farpão, que disparáram,
Abafa os tristes candidos suspiros,
Com que me vibras perigosos tiros.

Por entre a chuva de mortaes pelouros
A nua fronte enriquecer de louros,
Eu procurø, eu desejo,

Para teus mimos desfrutar sem pejo ;
Pois quem d'este esplendor se não guarnece,
Não é digno de ti, não te merece.

Eu te levo, meu bem, no pensamento ;
Não armes contra mim n'este momento
O novo, o doce encanto,
Que recebem teus olhos de teu pranto ;
Generosa paixão de ti me affasta :
Adeus, Gertruria, adeus ! não chores, basta.

Canção, fica segura
Nas mãos da nympha lacrimosa e bella ;
Serás consolação, e allivio d'ella :
Pelos olhos da mãe Cupido o jura.

II

O Ciúme

Agora, que ninguem vos interrompe,
Lagrimas tristes, innundae-me o rosto,
Mais do que nunca, assim o quer meu fado :
Em quanto o game de mortal desgosto
Me não retalha os amargosos dias,

Debaixo d'estas arvores sombrias
Grite meu coração desesperado,
Meu coração captivo,
Que só tem nos seus ais seu lenitivo.

Alterosas, fructíferas palmeiras,
Vós, que na gloria equivaleis aos louros,
Vós, que sois dos heróes mais cubiçadas
Que aureos diademas, que reaes thesouros,
Escutae meus tormentos, meus queixumes,
Meus vovenosos, infernaes ciumes,
Ouvi mil penas, por Amor forjadas,
Mil suspiros, mais tristes
Que todos esses, que até aqui me ouvistes.

Aquelles campos, apraziveis campos,
Que além verdejam, de meu mal souberam
A desgraçada, mas suave origem:
Ali de uns olhos os meus ais nasceram,
Ali de um meigo, encantador sorriso,
Que arremeda o sereno paraizo,
Brotaram mil infernos, que me afflijem,
Que as entranhas me abraçam,
Que meus olhos de lagrimas arrazam.

Ali de uns labios, onde as Graças brincam,
Ouvi suspiros, grangeei favores;
Ali me disse Anarda o que eu não digo;

Ali,volvendo os ninhos dos Amores,
Cravou n'est'alma para sempre accêza,
As perigosas frechas da belleza;
Ali do proprio mal me fez amigo,
 Ali banhou meu rosto
Parte do coração, desfeita em gosto.

Novas campinas testemunhas foram
De nova gloria, de maior ventura,
Tal, que julguei, logrando-a, que sonhava:
Entre as doces prisões da formosura,
Entre os candidos braços deleitosos,
Meus crestados desejos amorosos
No alvo rosto, o pejo affogueava,
 No nectar... ah! que eu morro,
Se em vós, furtivos extasis, discorro!

Amor! Amor! Teus jubilos excedem
Da loira abelha os engenhosos favos;
Mais gratos são, que as flôres, teus sorrisos:
Gostei todos os bens que aos teus escravos
Fazem tão leve a rigida cadeia,
Tão doce a chamma que no peito ondeia:
Mas oh! Cruéis teus dons, cruéis teus risos,
 Principio do tormento,
Que já me tem delido o soffrimento.

Miseravel de mim! Qual o piloto,

Que lêra nos azues, filtrados ares
Indícios de uma sólida bonança,
E eis que vê de repente inchar os mares,
Vestir-se o céu de nuvens, d'onde chove
O fogo vingador, que vibra Jove ;
Tal eu, quando suppuz mais segurança
 No meu contentamento,
O vi fugir nas azas de um momento.

Anarda, Anarda perfida ! Teus olhos,
Onde Amor traz escripta a minha sorte,
Teus mimos por mim só não são gosados !
Oh desesperação, peor que a morte !
Oh damnados espiritos funestos,
De horridos vultos, de terriveis gestos,
Moderae vossa queixa, e vossos brados,
 . Que as penas do profundo
Tambem, tambem se encontram cá no mundo !

Vêr outro disputar-me o caro objecto,
Em cujas lindas mãos puz alma e vida,
Não me arranca suspiros : o tormento,
Que no peito me faz mortal ferida,
O maior dos tormentos, oh perjura,
E' vêr, que de outrem soffres a ternura,
E' vêr, que dás calôr, que dás alento
 A seus mimos, e amores
C'um riso, precursor de mil favores.

Tu não foges de mim, tu não te esquivas
D'estes olhos, que em ti captivos andam,
Delicias, onde pasma o pensamento,
Doces instantes meu ciume abrandam;
Mas ah! Não é só minha esta ventura,
Meu vaidoso rival a tem segura.
Que indigna variedade! Em um momento
Teus olhos inconstantes
Acarinham sem pejo a dois amantes!

Honra, Virtude, Aggravo, e Desengano
Me gritam n'alma, que sacuda os laços,
Que tanto soffrimento é já vileza;
Ouço-os, protesto desdenhar teus braços,
Protesto, ingrata, converter meus cultos
Em mil desprezos, irrisões, e insultos:
Mas ah! Protestos vão, baldada empreza!
Sou a amar-te obrigado;
Não é loucura o meu amor, é fado.

Canção, vae suspirar de Anarda aos lares;
Mas, se não lhe firmares
O instavel coração, deixa a perjura,
E iremos socegar na sepultura.

*Ao Exc.^{mo} Snr. Luiz de Vasconcellos e Sousa
Vice-Rei do Estado do Brazil, etc.*

Musa, tu, que até'gora ao som do vento
Ao som dos crespos, inquietos mares,
Soltaste um vão lamento,
De mil queixumes povoaste os ares,
E' tempo já: consola-te, respira,
E dignos versos ao teu vate inspira.

Não vou cantar de corações guerreiros
Impias façanhas, barbaras victorias:
Os heróes verdadeiros,
Não são esses, que adquirem torpes glorias,
Bebendo o sangue dos mortaes afflictos,
Na guerra atroz, nos hórridos conflictos.

Pacífico varão do céu mimoso,
Alma das almas exemplar brilhante,
Um coração piedoso,
Um grato gesto, um placido semblante,
Digno de amor, de submissão, de affecto,
Vae ser do meu louvor sublime objecto.

Sim, Vasconcellos: o teu nome egregio.

Que o orbe incensa, que a verdade acclama,
Que ao pé do Solio regio
Conduz mil vezes a volatil Fama,
Na minha ingenua voz farei que sôe,
Que toque ao proprio céu, que aos astros vôe.

Se de teus immortaes antepassados
Tu não fóras, senhor, fiel transumpto ;
Se a teus lustres herdados
Um genio sup'rior não vira junto,
Não te cantára : o sangue sem virtude
E' vão phantasma, que os mortaes illude.

Grande te fez a próspera Fortuna,
Grande te fez a sábia Natureza ;
Ellas querem què se una
Em ti alta virtude, alta nobreza ;
E aos duplicados sons que em ti diviso
Duplicado louvor será preciso.

Não só da fama nos patricios lares
Ouvi contente resoar teus vivas :
N'estes mesmos logares
Com palavras de jubilo excessivas
Te ouço cantar, por bocas que não fingem,
Por almas lisas, que meu lado cingem.

De santa gratidão ternos indícios

Mostram nos olhos, nas acções, nas frentes,
E aos claros céos propícios
Mandam votos purísimos, e ardentes;
Mandam vozes de amor, e de lealdade
Pela tua cabal felicidade.

Eu, dos braços paternos arrancado,
E pela furia de soberbos mares
Sacudido, arrojado
A remotos, incognitos logares,
Onde talvez que me apparelhe a Sorte
Depois de infausta vida infausta morte :

Eu finalmente, com respeito interno,
Meus frouxos olhos nos teus olhos pondo,
Teu amavel governo,
Tua justiça, teus costumes sondo;
E digo então : — Senhor ! só tu podias
Tornar brilhantes os meus turvos dias :

Só tu, digno d'estatuas de alabástro,
Digno de brônze, que os heróes distingue,
Melhorarás meu astro,
Astro infeliz, que o meu socego extingue :
E poderás soltar minha alma preza
Entre as sombras da livida tristeza.

Abatidos mortaes erguer da terra,

Formar ditosos, consolar aquelles

A que a sorte faz guerra;
Ser pae, ser protector, e abrigo d'elles,
E' virtude immortal, gloria perfeita,
A quem do Tempo a fera mão respeita.

Se de Tito a lembrança inda hoje dura,
Se o mundo o canta, se inda lhe erguem templo

A saudade, a ternura,
E' porque foi da probidade exemplo:
E' porque elle julgou perdido o dia
Em que algum beneficio não fazia.

Se do Magno Alexandre os sabios fallam
Não é, não é, senhor, porque os seus braços
Altos muros escalam;

E' sim, porque tirou de indignos laços,
E de entre as garras de um destino impio
A régia próle do infeliz Dario.

Se a Mantuana sonora lyra
Ao prófugo Troyano eleva tanto,

Não é porque elle inspira
Aos Gregos susto, aos rutulos espanto;
E' porque d'entre as mortes, e os assombros
O já curvado pae salvou nos hombros.

Viver debaixo do teu jugo brando,

Sentir as leis do teu poder suave,
Teus meritos alçando
Ao palacio de Jove em metro grave ;
Oh que risonha ! que benigna estrella !
Se o pensal-a é prazer, que fôra o têt-a !

Surdo o Fado a meus aís, e a minhas mágoas,
D'este ameno paiz me quer distante ;
Manda que eu busque as águas
Onde se banha o válido gigante,
Irmão dos ímpios, que gerára a terra,
Que ao pae dos deuses declararam guerra.

Mas inda lá n'esses logares broncos,
De miseros mortaes ~~miser~~ asylo,
Sobre duraveis troncos
Teu nome escreverei com terno estylo,
Mostrando que não é lisonja infame
Que move a minha voz a que te acclame.

Oh ditoso Brazil, provincia bella,
Que vês na mão do heróe, que te domina,
Toda a força d'Aquella
A que o rapido Tejo a frente inclina :
Vem de novo com férvidos louvores,
Vem aticar meus tremulos clamores.

Vem... Mas basta, Cancão : que mais pretendes ?
Onde vaes arrojarte ? Ah ! não prosigas :
D'uns dons que mal compr'hendes
Que poderás dizer, por mais que digas ?
Não escapas do assumpto, que proclamas ;
Só pertence aos Camões fallar dos Gamas.

ELEGIAS

I

A morte do Principe D. José

Levou a cruel Morte, sem ter pejo,
Aquelle bello moço, a quem tributo
Esperavam pagar o Indo, e o Tejo.

BERNARDES, Eclog. I.

Eu vos saúdo, oh tumulos annosos,
Onde a Tristeza c'ò Silencio mora
Entre cinzas, e espectros pavorosos:

Salvè, bosque medonho, onde a canora
Philomela infeliz a injuria antiga
No curvo ramo solitaria chora:

Oh Noite, cujo véo meus ais abriga,
E vós, Manes, Phantasmas, socios d'ella,
Vêde a que extremos a paixão me obriga!

Paixão louvavel, justa, e não aquella
Que ás almas a razão, e a liberdade
Destróe, da vida na estação mais bella.

Mudos objectos, feia soledade,

Só vós encheis meu sôfrego desejo :
Longe, longe de nós a claridade.

Porém que escuto, céos ! Oh céos ! Que vejo !
Ah Musa minha !... E's tã ? Vem, vem, prantêa
O caso que gelou de mágoa o Tejo.

Velêmos sobre a fria, agreste arêa;
Em quanto nos ornados aposentos
Venturosos mortaes o somno enlêa.

Vê, se é proprio o logar para lamentos,
Repara: que espèctaculo ! Que espanto !
Môchos ! Larvas ! Cyprestes ! Monumentos !

Celebrem nossos ais, e nosso pranto
O commum bemfeitor, (ah negra sorte !)
O herôe pio, em quem Lysia perdeu tanto :

Aquelle fructo singular, que a morte
Arrancou de alta planta generosa,
Que Deus abençoou no tronco forte ;

Aquelle, cuja face magestosa
Inda entre as mais gentis se distinguia,
Qual entre as flôres se distingue a rosa ;

Aquelle, que te honrou, sabedoria,
Que tantas, tantas vezes, oh pobreza,
A víbora fartou, que te roia ;

Aquelle, que do cume da grandeza
Baixava a consolar-nos, attentando
Que todos somos uns por natureza ;

Aquelle genio raro, affavel, brando,
Que está na ethérea abóbada fulgente,

Astro novo, entre os astros scintillando ;
Aquelle, que era o pae da lusa gente,
Nosso bem, nosso amor, nossa esperança,
Principe n'alma, principe excellente ;
José, que em doce paz no céu descansa,
Em quanto o povo seu, já delirante,
Em vans, perdidas lágrimas se cansa.

Triste povo ! E mais triste eu, que distante
Não pude acompanhar teu choro afflicto
N'aquelle amargo, lutuoso instanté !

Triste povò ! E mais misero eu, que habito
No remoto Cantão, d'onde, Ulysséa,
Não pôde a ti voar meu debil grito !

Miserrimo de mim, que em terra albêa,
Cá onde muge o mar da vasta China,
Vagabundo praguejo a morte fêa !

Que rigorosa lei, que horrivel sina
Me estorvou que escutasse os ais extremos
D'aquella alma real, antes divina ?

D'aquelle augusto peito, onde vivemos,
D'aquelle coração, que idolatramos,
D'aquelle bemfeitor, que já perdemos !

Mas pois que nós, oh Musa, não lográmos
O doloroso bem de estar presentes
Ao fim do moço heróe, que tanto amamos ;

Já que não vimos consternadas gentes
Ferindo os rostos, e ferindo os ares
Com freneticas mãos, com ais-ardentes :

Já que não vimos nos pomposos lares
A meiga mãe, carpindo, ora ante o leito
Do filho, ora do Immenso ante os altares ;

Já qué não vimos de paixão desfeito
O fiel coração da esposa amante
Em lagrimas sahir do ancioso peito ;

Já que não vimos o preclaro infante,
Prezando mais o Irmão, que a monarchia,
Traçar a interna mágoa no semblante ;

E o bom principe, em fim, já na agonia,
Estas vozes soltar, balbuciante,
Pondo os olhos na esposa, que o perdia :

A mão, que nos uniu tão docemente,
Ordena, amada, que de ti me aparte :
Seja feita a vontade omnipotente.

Despindo o pó, minh'alma alegre parte,
Mas crê, que, voluntaria, só podêra,
Querida esposa, por um Deus trocar-te ;
Não chores, não suspires... ah ! Pondêra
Que o teu amado, o teu contentamento
Não morre, vae viver lá n'outra esphera ;

Chamado ao summo bem do firmamento,
Vou morar entre os justos, por clemencia
D'aquelle, que subjuga o mar e o vento.

Louva, louva comigo a providencia,
A sacrosantã lei, que tem disposto
Esta do mundo necessaria ausencia.

Nadando em mares de ineffavel gosto,

Vendo os céros angelicos sagrados,
Em cada rosto lograrei teu rosto.

Poder, que move os céos, que rege os fados,
Ha-de appacar a dôr que te flagella,
Annuir a meus rogos inflammados...

Deixa voar minh'alma, oh alma bella,
Adeus... Pae... Redemptor... sê... sê comigo...
Adeus... — eis expirou nos braços d'ella.

Já que não pude, oh Musa, este castigo,
Este damno fatal á humanidade,
Comtigo vêr, e deplorar contigo,

Pela imaginação, pela saudade
A nós, (tristes de nós!) se represente
O effeito da geral calamidade.

A mente o pinte; que não pôde a mente?
Como se goza o bem no pensamento,
Tambem no pensamento o mal se sente.

Oh colossos de aéreo fundamento!
Phantasmas, illusões, que o mundo prêza!
De que servis no fúnebre momento?

Porque blasona a tímida grandeza,
Se é victima do abutre carniceiro,
Filho do inferno, horrôr da natureza?

Que bens herdamos nós do pae primeiro?
A culpa? A morte? Abominosa herança!
Mal haja o negro munstro lisongeiro!

Ai próle da magnanima Bragança,
Quão cedo te sumiu na eternidade

A pavorosa mão, que os raios lança!

Commettêste sacrilega maldade,
Para... ah! Cessa, mortal, mortal insano,
Treme, ajoelha, adora a divindade!

Não pôde (a Razão diz) ser um tyranno
Esse, que fez o barro intelligente,
Que o filho deu por ti, genero humano.

O rei dos reis, o padre omnipotente
Alma, que o mundo vil não merecia,
Comsigo quiz no céu resplandecente.

Cala-te, oh dôr... Silencio, oh agonia!
E vós, que os prantos da paixão mais nobre
Verteis do moço heróe na cinza fria;

Vós, que beijaes o mausoléu, que o còbre,
Oh lusos! Consolae-vos: inda temos
Quem préze o sabio, quem soccorra o pobre.

Basta, basta, não mais, não mais extremos:
No irmão vereis José resuscitado,
João restaurará quanto perdemos.

Inda ha-de ser por todos tão cantado
O novo successor no throno augusto,
Quanto José no tumulo é chorado.

Nação, fiel nação, desterra o susto:
Outro heróe, outro Atlante a monarchia
Nos firmes hombros susterá robusto.

E tu, mãe do teu povo exceisa e pia,
Que inda desfeita em lagrimas contemplo
Na revolta, enlutada phantasia:

Sóbe; constante, da Memoria ao templo;
Lá vale mais que um sceptro uma alma forte,
Sé da conformidade o santo exemplo.

A' triste, cara irmã, que invoca a morte,
Vae docemente o pranto reprimindo;
Pinta-lhe a gloria do feliz consorte,
Que entre ós anjós está, cantando e rindo.

H

A *Olinta*.

Colei di gioia trasmutossi, e rise,
E in atto di morir, lieto e vivace
Disparca: s'apre il cielo, io vado in pace.

TASSO, GER. LRA. Cant. XII.

Olinta jaz na terra,
Comtigo, oh Noite, para sempre mora,
E Amor grita, Amor chora,
Chora o fagueiro Amor, que lhe brincava
Nos melindrosos braços,
Movendo aos corações sanguinea guerra;
Eil-o já delirante; a eburnea aljava,
Arco, venda, farpões eis em pedaços

Sobre o frio, o medonho
Logar sagrado, aonde
Com ar inda risonho

O seu, e o nosso bem se nos esconde ;
Na terra occulto jaz mais um thesouro
Por decreto da sorte :

D'aquella tenra vida o fio d'ouro
Quão cedo rebentou nas moãs da Morte !...
Ah Morte inexhoravel, que te nutres
Em ruinas, em ais, em sangue, em pranto !
Mais negra que os infernos, mais faminta
Que os famintos ábutres !

Oh tu da humanidade horror, e espanto,
Levaste-lhe o melhor, levaste Olinta :
Olinta, em cujas faces delicadas
Corações attrahiam

As rosas sobre neve desfolhadas,
Que de virgineo pejo se accendiam
Ao brando assalto da menor fineza ;
Olinta, em cujos olhos que encantavam,
Ufana se revia a Natureza !
Olhos ! Flamma celeste, a que voavam
Açorados, ternississimos desejos
E onde, quaes borboletas, se crestavam,
Dando suspiros, dando-vos mil beijos,
Olhos ! Olhos ! Oh dôr ! E estaes fechados !
Estaes de opácas névoas eclipsados !
Olhos suaves, olhos milagrosos,

Com vossos deleitosos
E fróxos movimentos,
Daveis flôres aos prados,
Alento aos corações desesperados,
Enfreaveis os ventos,
Removieis das rochas a dureza,
Trangredieis as leis da Natureza,
E não podeis sahir d'esse lethargo!...
Oh doidas illusões! Oh desvarios!
Oh desengano amargo!
Olhos tristes, sem luz, olhos já frios,
A morte não se rende á Formosura:
Não, jámais torna a si, jámais desperta
Quem dorme, como vós, na sepultura.
A Desesperação que nunca acerta
No que faz, no que diz, porque não pensa,
N'esta alma, de afflicção, de amor perdida,
Loucuras proferiu. Não ha quem vença
O monstro, que executa a lei da Sorte:
E' um contracto a vida,
Que fez o justo céo c'o mundo ingrato,
E tu d'este contracto
E's fatal condição, terrivel morte,
Que restitues a materia ao nada!
O rei, que os povos como os filhos ama,
E que de bemfeitor, de pio a fama
Préza mais do que a púrpura sagrada,
Castigando com lástima o delicto,

Reinando em corações, qual novo Tito ;
Aquelles, que entre bando lisongeiro,
 Servil, e dependente,
Se presumem do raio omnipotente
Livres, seguros, co'a Fortuna ao lado,
 E de mais pura massa
Que o fragil barro do varão primeiro :
Aquelles, que com ar divinizado,
Insensiveis aos gritos da Desgraça,
Envolvidos em lúcido brocado,
E tendo a mansidão por um desdouro,
Para vós olham, 'miseros, e pobres,
(Ricos talvez de espiritos mais nobres)
Qual para o mundo o Sol do carrro de ouro,
Todos hão-de sulcar (Oh morte ! Oh fado !)
 Esse horrendo Oceano
Da nunca fatigada eternidade :
Lá verão que no mundo á voz do Engano
Traz o filho da terra hallucinado,
Que no mundo não ha felicidade ;
Todos, todos hão-de ir por lei superna,
 Inviolavel, eterna,
Dormir nas trevas, como Olimta dorme...
Mas ah ! Filha cruel do Érebo enorme,
 Mudo espectro horroroso,
Verdugo universal ! Não te enganaste
Ao menos, quando a foucê preparaste
 Contra o peito mimoso,

Cujos thesouros, que o purpúreo pejo
A' sombra do véo candido zelavas
Do expiador, sollicito desejo,
Meu pensamento audaz apenas via,
E inda eu vél-os assim não merecia !
Nem sequer desviaste a mão ferina
Uma vez parecendo-te divina,
E isempta das pensões da natureza
Aquella rara, e candida belleza !
O magico volver doś olhos puros,
Que viam seus escravos quantos viam
Os olhos, ante quem se derretiam
Os penedos, os marmores mais duros ;
A longa trança, a face transparente,
Tão meiga para nós, como innocente,
A rubra, intacta bôca, as mãos nevadas,
A flôr da gentileza, a flôr dos annos,
As pathéticas vozes, já truncadas,
Que não feriram só peitos humanos,
Que essas montanhas estalar fizeram,
Ao menos não podêram,
Hórrido monstro, monstro famulento,
Teu golpe demorar por um momento !
Monstro, monstro voraz, que nos tragaste
Todo o bem, todo o gosto
N'aquelle singular, benigno rosto,
Para que nos deixaste
Cá n'esta solidão ? Mortaes, choremos,

A vêr se á força de chorar morremos :

Por Olinta querida

Em lagrimas de amor se esgote a vida !

Fervam suspiros, fervam pelos ares,

E criem nossos olhos novos mares.

De um bem, que áspera lei de nós desterra,

A falta, a perda qual de vós não sente ?

Mundo, suspiros, lagrimas, oh gente !

Olinta foi-se, Olinta jaz na terra.

Gritemos... sempre em vão, tristeza, e luto

Nos volva em noite o dia,

Gritemos... sempre em vão... porém qu'escuto !

Céas ! Estrellas ! Que súbita harmonia,

Que nunca ouvido tom, que ethéreo canto

Me faz balbuciar no meu lamento,

Me faz a meu pezar conter o pranto !

Desencrespou-se o mar !... Nem boie o vento t

Soava aquelle arroyo... eil-o calado,

E como que se ri de gôsto o prado !

Oh pasmo ! Oh maravilha !

Este canto... este som... não é terreno....

Vem do céu, vem do céu, que tão sereno,

Olhos meus, nunca vistes ;

Nectar consolador minh'alma rega...

Porém que nova luz nos ares brilha !

Que resplendôr me cega !

A' vista d'elle o sol despe a belleza !

Como á vista do dia a tocha accêza !

Que é isto, coração ! Lagrimas tristes,
Recuastes, fugistes !

Que doçura ! Que encanto !

Este som faz que em extasis me sinta !...

E' verdade, é verdade : os anjos oiço...

Mas é digno um mortal de ouvir-lhe o canto ?...

Humanos, escutaes ? Oh céos ! Olinta !

Olinta ! é illusão do pensamento...

Não, não é... que portento !

Humanos, atenção : — « Na côrte immensa

Do rei, que vibra os raios vingadores...

Prostrada... aos pés divinos...

Olinta... goza já... da recompensa...

Das palmas... da virtude... os seus louvores

Sobre as azas dos hymnos

Como sôam no céu... na terra sõem...

Consolae-vos, humanos...

Mais suspiros... não võem ;

Vosso nescio queixume... a Deus insulta...

Longe... de olhos profanos...

Que não merecem... vê-la, aqui... se encerra...

Aqui... das virgens... entre... o côro exulta...

Consolae-vos... humanos...

Olinta está no céu, não jaz na terra. »

Ah ! Que o verso adoravel emmudece,

E a luz celestial desaparece !

Deus ! Oh Deus ! Será sonho ?

Será sonho, oh mortaes, o que escutamós ?

Não, não é, que inda o prado está risonho,
Que o limpido regato inda não anda,
Nem Zéphyro bafeja os arvoredos,
Nem bate o mar nos ingremes penedos.

Ah ! Bemdito o Senhor, que nos abranda
Esta saudade, que mortal julgamos.

Prazer, oh mundo ! canticos; oh gente !

Olinta está nos céos, e lá piedosa

Desde os aureos degráos do throno eterno

Do nume omnipotente

Nos chama para o bem de que ella goza.

Lá faz estremecer o horrendo inferno,

Lá prende, orando, o braço justicoso

D'aquelle, mais que os seculos annoso,

Que, farto de soffrer nossos delictos

Quasi, quasi infinitos,

Me faz-crèr a Razão, que já queria

Mostrar-nos, oh mortaes, quanto podia,

Lançando-nos ás testas criminosas

Irresistivel, pavoroso estrago :

A barbara invasão, que opprimiu Roma,

Hórrida furia, que arrazou Carthago,

Ou chuva ardente, que innundou Sodoma.

Scenas terriveis, - scenas lutosas,

Olinta é quem de nós vos affugenta,

Olinta a mão sustém, que nos sustenta...

Ah ! Gratidão, Saudade ! A nossa amada

Seja, seja cantada ;

Versos, em vez de lagrimas lhe dêmos,
Do cedro vividouro
Com seu nome adorado o tronco honremos;
De beijos, e de rosas
Cubra-se o cofre, cubra-se o thesouro
D'aquellas sacras cinzas preciosas;
E depois que do peito amortecido
A nossa fragil vida transitoria
Voar nas azas do final gemido,
Vereis quão terna Olinta nos recebe
Lá n'essas fontes de ineffavel gloria,
Onde mais quer beber quanto mais bebe.
Longe da nossa idéa, oh bens mundanos!
Sim, desde agora vos armamos guerra.
Orae a Olinta, não choreis, humanos:
Olinta está no céo, não jaz na terra.

III

A' morte da Rainha de França

Seculo horrendo aos seculos vindouros,
Que ias inutilmente accumulando
Das artes, das sciencias os thesoiros,
Seculo enorme, seculo nefando,

Em que das fauces do espantoso Averno
Dragões sobre dragões vem rebentando :

Mãrcado foste pela mão do Eterno
Para estragar nos corações corruptos
O dom da humanidade, amável, terno.

Que fataes producções, que azedos fructos
Dás aos campos da Gallia abominados,
Nunca de sangue, ou lagrimas enxutos !

Que horrores, pelas Furias propagados,
Mais e mais esses ares ennevôam,
Da Gloria longo tempo illuminados !

Crimes, soltos do inferno, a terra atrôam,
E em torno aos cadafalsos lutuosos
Da sedenta Vingança os gritos sôam.

Turba feroz de monstros pavorosos
O ferro de impias leis, bramindo, encrava
Em mil, que a seu sabor faz criminosos.

A brilhante nação, que blasonava
D'exemplo das nações, o throno abate,
E de um senado atroz se torna escrava.

Por mais que o sangue em ondas se desate,
Nada, nada lhe accorda o sentimento,
Que as insanas paixões prende ou rebate ;

Vae grassando o furor sanguinolento,
Lavra de peito em peito, e d'alma em alma,
Qual rubra labareda exposta ao vento :

Não cede, não repousa, não se acalma,
E a funesta, insolente liberdade

Ergué no punho audaz sanguínea palma.

Barbaro tempo ! Abominosa idade,
A's outras eras pelos Fados preza
Para labéo, e horror da humanidade !

Flagellos da virtude, e da grandeza,
Réos do infame e sacrilego attentado,
De que treme a Razão, e a Natureza !...

Não bastava esse crime ? Inda o damnado
Espirito, que em vós está fervendo,
Á nossos parricidios, corre ousado ?

Justos céos ! Que espectáculo tremendo !
Que imagens de terror ; que horrivel scena
Vou na assombrada idéa revolvendo !

Que victima gentil, muda, e serena
Brilha entre espesso, detestavel bando,
Nas sombras da calumnia, que a condemna ;

Orna a paz da innocencia o gesto brando,
E os olhos, cujas graças encantaram,
Se volvem para o céu de quando em quando :

As mãos, aquellas mãos, que semearam
Dádivas, premios, e na molle infancia
Com os sceptros auríferos brincaram,

Ludibrio do furor, e da arrogancia
Soffrem prisões servis, que apenas sente
O assombro da belleza, e da constancia.

Oh Justiça dos céos ! Oh mundo ! oh gente !
Vinde, acudi, correi, salvae da morte
A malfadada victima innocente !...

Mas ai! Não ha piedade, que reporte
A raiva dos terriveis assassinos;
Souo da tyrannia o duro córte.

Já cerrados estaes, olhos divinos,
Já voando cumpriste, alma formosa,
A ferrea lei de asperrimos destinos.

Do rei dos reis na côrte luminosa
Revés o pio heróe, por nós chorado,
Que da exçelsa virtude os louros goza.

Na mente vos observo; eil-o a teu lado
Implorando ao Senhor, que os maus flagella,
Perdão para seu povo allucinado.

Despido o véo corporeo, oh alma bella,
No seio de immortal felicidade,
Só sentes não voar mais cedo a ella.

Em quanto aos monstros d'hórrida maldade
Murmura, a seu pezar, no peito iroso
A voz da vingadora Eternidade.

Desfructa summa gloria, oh par ditoso,
Logra em perpetua paz jubilo immenso,
Que o mundo consternado e respeitoso
Me aprompta as aras, te dispõe o incenso.

Offerecida ao Snr. Joaquim Pereira d'Almeida na morte de seu pae.

E' todo o mundo um carcere, em que a Morte
Os miseros viventes guarda, encerra,
Para n'elles cumprir-se a lei da Sorte :

Ou baça enfermidade, ou tôrva guerra
Vão co'as ferinas garras pavorosas
Tornando pouco a pouco a êrmo a terra :

De dia em dia as lagrimas saudosas
De afflictos corações estão regando
Marmoreas campas, urnas lutuosas :

Males e males em terrivel bando
Vagam por toda a parte do universo,
Peste, veneno, horrores derramando :

Cáe o eximio varão como o perverso,
A morte pelo effeito os dous eguala,
O modo com que os fere, é que é diverso.

A'quelle a voz de um Deus do céu lhe falla ;
O remorso, de crimes carregado,
A este o coração golpeia, e rála :

Da chamma divinal affogueado
Um cravando no empyreó os olhos ternos,
Ergue de almo futuro o véo doirado :

Outro, mordido de áspides internos,

Se entranha em feio abysmo, e vê que passa
De mal finito a males sempiternos.

A mão, que as frageis vidas desenlaça,
Ao pio é, pois, suave; — ao impio dura;
Flagello traz a um, ao outro graça!

Que importa que na terrea sepultura
Baquêe o corpo, a victima do nada,
Se triumphá nos céos uma alma pura?

Se na radiante, olympica morada,
C'o fulgôr, que do Eterno reverbéra,
Como o sol resplandece illuminada!

Vê negrejar ao longe a ténue esphéa,
Onde o cego mortal vagueia ufano,
Nota quanto differe o que é, e o que era:

Por entre a cerração de antigo engano
Contempla como nutre, e como cêva
Vão tropel de illusões o orgulho humano:

Como o barro servil se abstráe, se eleva,
Como a hallucinação, como a loucura
Lhe abafa o pensamento em densa trêva:

Como o bem, como a paz, como a ventura
No mundo não são mais que um fátuo lume,
Que doira mal o horror da vida escura.

Graças, graças ao bom, propicio nume,
Que aliza com a dextra omnipotente
A' fouce matadôra o férreo gume!

Dos céos, oh Morte! és dávida, eminente,
E's precioso bálsamo divino,

Que cerra as chagas do infeliz vivente.

Morte, se padecer é seu destino,
Se o torna a febre ardente, a dôr aguda
Sem alento, sem voz, sem luz, sem tino:

Se um salutar bafejo lhe não muda
Em manso allivio tão penoso estado,
Dita não é que tua mão lhe acuda?

E' sim. Pela afflicção desaccordado,
Ia affrontar teu nome em meu lamento,
Oh mimo celestial, oh dom sagrado!

Sumido na tristeza o pensamento,
Teus favores, teus bens desconhecia,
Fonte de perennal contentamento;

Estrada, que a virtude aos astros guia,
Guia ao reino immortal, ditoso, e puro,
Onde nunca interrompe a noite ao dia.

Chave, e porta do incognito futuro,
Dôce amiga fiel, que nos franqueás
Dos céos lustrosos o invisivel muro:

Já voou meu terror, já não me ancêas,
Em risonhas idéas se tornaram
Carrancudas visões, imagens fêas;

Razão, verdade a mente me aclararam,
E de teus mil phantasticos horrôres
A medonha apparencia em mim doiraram:

Ah! Verta o meu pincel vistosas côres
Que adocem, que mitiguem da saudade
O terno pranto, os fêrvidos clamores!

Ouço gemer a filial piedade,
Férem meu peito os éccos da tristeza,
Ingénuas expressões da humanidade.

Deixemos suspirar a natureza ;
E os estoicos, ou bárbaros, embora
Se paguem de uma apathica dureza.

Labéo da especie humana é quem não chora ;
Por leões dovorado em selva escura
Aprenda a conhecer a dôr, que ignora.

Solta-te em ais, dulcissima ternura ;
De um virtuoso pae, tu, próle amante,
Deves banhar-lhe em pranto a sepultura :

Mas não seja a paixão tão dominante,
Que insulte a sacra mão, que já da terra
O attraiu luminoso, e triumphante.

Se o mundo é campo de continua guerra,
E os céos habitação de paz serena,
Mingúe o dissabor, que em vós se encerra.

A força da razão sujeite a pena ;
Na vontade de um Deus consiste o Fado ;
Louvem-se o mal e o bem, que o Fado ordena.

O semblante caído, consternado
Erguei da terra, erguei, filhos saudosos
De um respeitavel pae, amante, e amado.

Recordae seus dictames proveitosos,
A mão, que vos guiou para a virtude,
Sem temer-lhe os caminhos espinhosos.

Em vez da pompa van, que attráe, illude

Inchados corações, e enfeitada a morte
Na cega opinião do povo rude :

Um ardor firme, um ávido transporte
De alcançar o que os sábios chamam glória,
E que é no mar da vida o fixo norte,
Honrem as cinzas, honrem a memoria
D'esse, que do mundano, atroz conflicto
No céu desfructa singular victoria.

Isto exige de vós, e n'alma escripto
Sempre deveis trazer o insigne exemplo,
Que honrosa obrigação vos tem prescripto.

Com os olhos em vós do ethéreo templo
A causa da afflicção, que vos devora,
Como que, absorto em extasis, contemplo :

Como que ao ente excelso, ao Deus que adora,
Ao Senhor, mais que os seculos antigo,
Amplios favores para vós implora.

Oh tu, meu bemfeitor, meu caro amigo,
Que contra o desprazer no affavel seio
D'alta philosophia achaste abrigo :

De um grato coração de mágoa cheio
Acolhe o terno, o candido tributo,
Que a Musa, gloria minha, e meu recreio,
Te offrece, envolta no funéreo luto.

A' morte do Snr. João dos Santos Bersane

O sabio não vae todo á sepultura ;
Não morre inteiro o justo, o virtuoso ;
Na memoria dos homens brilha, e dura :
Em quanto o nescio, o inutil, o ocioso
Vão, ignoradas victimas da morte,
Sumir-se no sepulchro tenebroso.

Jonio feliz, bom pae, fiel consorte,
N'este dia, em que o véo mortal despiste,
Dias eternos te confere a Sorte.

Se longe do universo errado e triste
Triumphas teu espirito fulgente,
Immortal entre nós teu nome existe,

Da etherea habitação ao Omnipotente
Reflecte o resplendôr da gloria tua
Na tua prole honrada, e descontente.

Em lagrimas no peito lhe fluctua
O coração de angustias macerado,
Posto que o ledo empyreo te possua.

Eis o character, que aos mortaes foi dado ;
Como que o bem do amigo nos magôa,
Quando o gosto de o vêr nos é vedado.

Na dextra a palma tens, na fronte a c'roa ;

Tens (assegura a fê) porque a virtude
De jus nos almos céos se galardôa.

Mas, por mais que s'esmere, e lide, e estude,
Quem á dôr accõmmoda o soffrimento?
Quem ha que á natureza o genio mude?

Corra o pranto de amor, sõe o lamento,
Té que a paixão nos ais evaporada
Deixe livre folgar o entendimento.

Então tua familia consternada
Vendo na idéa teus serenos dias,
Alma vinda do céu, e ao céu tornada :

Vendo as dignas acções, virtudes pias,
Com que assombros e exemplos semeaste
Na carreira vital, quando a seguias :

Vendo que os sabios, que a sciencia honraste,
Que o mundano esplendôr tiveste em pouco,
Que os perversos carpiste, e os bons amaste,

Enfreados seus ais no peito rouco,
De ineffavel prazer sentindo o encanto,
Dirá : — « Quem te lamenta, é cego, é louco.

Perdôa á nossa dôr, e ao nosso pranto,
Soffre as mostras fieis do amor mais terno ;
E orando pelos teus, que amavas tanto,
Graças lhe adquiere do monarcha eterno. »

A' morte do Marquez d'Angeja

Multis ille bonis flebilis occidit ;
Nulli flebitor quam tibi.....

HORACIO.

Pranteia, oh lyra triste, amadas cinzas ;
O digno de chorar-se as Musas chorem.
Em seu templo fatal, sombrio, horrendo
Mais um negro trophéo suspende a Morte ;
Em lagrimas, em ais, em lutos novos
A fereza brutal recreia o monstro :
Roubou mais um thesouro á natureza,
No seio universal deu mais um golpe.
Oh fado ! Oh céos ! Oh dôr ! Noronha é morto,
Noronha, o moço illustre, a flôr da patria.
Pranteia, oh lyra triste, amadas cinzas ;
O digno de chorar-se as Musas chorem.
Dias de aurea existencia ! Oh puros dias !
Infancia, elysios d'alma inda recente,
Quadra celeste de innocência, e riso,
Quaes os filhos da luz, Noronha, ornaste !
De carinhosa mãe no gremio doce
Em sereno repouso affigurava
Fugido á flórea Chypre um dos Amores,

Que, já com aza inerte, ali pousando,
No caro, idóneo encôsto adormecêra ;
Mas por entre as gentis, infantes graças.
Um gesto, um não sei que, viril, sublime,
Era de alto futuro imagem bella.
No tenro aspecto não mentiu a imagem,
Fiel o annuncio foi ; mas ah !... Mentiram
De longos dias esperanças faustas,
E duração de flôr tolheu mil fructos.
Pranteia, oh lyra triste, amadas cinzas,
O digno de chorar-se as Musas chorem.

Já na sazão vital, que os erros brota,
Que ás vezes na vontade arraiga os vícios,
Sementes de que surge a dôr, e o crime :
No tempo em que a razão succumbe, outreme,
Ao vaivem das paixões, ao choque, á lucta,
O mancebo exemplar sustêve-as firme,
Vedando ao coração que vícios fôssem.

Oh tu, Beneficencia, oh tu, Piedade,
Sentimentos de um Deus, moral de um nome !
Almos, ethéreos dons ! Outr'ora amigos
De florecer na terra, e de enfeitá-la,
A' corrompida estancia agora esquivos !
Noronha vos gozou, Noronha, o vosso,
N'alma suave, como as flôres bella,
Meigo affagava da indigencia o rógó :
Não era estéril dó, nem vão suspiro,

O auxilio inefficaz, que dava aos tristes :
Das mãos saia o ouro, e d'alma o pranto.

Carrancudo favor, que de agro genio
A custo vem, que á sua origem sabê,
E a miseros mortaes, prestando, amarga :
Espinheiro favor, pezado, acérbo,
Mais insulto que allivio ao mal, que geme ;
Esse methodo atroz, character feio,
Dos nadas pelo orgulho entumecidos,
Ou do aváro infernal (se a Natureza
Acaso alguma vez lhe diz que é homem)
Esse, até na virtude afferro ao vicio,
Ah ! nunca desluziu semblante amêno,
Ente querido, que merece as mágoas,
As mágoas, que a saúdade extráe da lyra,
E que ao sepulchro seu chorosas vôam.
Pranteia, oh lyra triste, amadas cinzas,
O digno de chorar-se as Musas chorem.

Guerreiro, que respira, anhêla estragos,
A quem no duro ouvido alegres sôam
Os baques d'amplos muros, de árduas torres,
A quem da humanidade é glória o pranto,
E são musica os ais, e o sangue é nectar ;
Execrando mortal, cruento, infrene,
Que na voz o trovão, na dextra o raio,
Brama, sumido em pó, sumido em fumo,
E, torrente o suor, e os olhos brazas,
E braza o coração, que as furias sopram,

Por entre esquadras cem vae solto em mortes ;
Este, da natureza horror e infamia,
E' peste das nações, é tigre, é monstro.

Carpido objecto meu, carpido objecto
(Ramo da planta, de que reis são tronco,
E ramo de que lagrimas são fructo)
A fama dos heróes estrême, Augusta,
A herdada intrepidez, o avito exemplo,
Os annaes, o esplendôr, e o bem da patria
Cingiram-te de Marte ás leis ferrenhas,
A's leis, a que repugna um doce instincto,
Uma alma como a tua, um ser de nume.
Ah ! Se vivesses, que prodigios fôram,
Que altos prodigios teus, materia aos vates !
Se invasora ambição, se iniqua força
Tentassem profanar sagrados montes,
(Onde no lenho excelso um Deus foi visto,
E um grande rei, por elle aos lusos dado)
Em teu genio sem par, teu marcio brio
Impenetravel muro a patria houvera !
Aquelles, de que foste o pae, e o chefe,
Que a pêrda tua eterna em vão deploram ;
Aquelles, que adestraste á gloria, ás armas,
De ti volviam tanto, ou mais na idéa :
Nutri ao pensamento este aureo sonho,
E o sonho se esvaiu, se foi contigo.
Pranteia, oh lyra triste; amadas cinzas, -
O digno de chorar-se as Musas chorem.

Ai deusas dos heróes, dos sabios deusas!
Artes, que o possuistes, que o perdestes!
Sois vós, que ao mausoléo gemes em torno?
Vós sois; eu lá vos ouço, eu lá vos vejo.
Cortado por miserrimos suspiros
Palpita o grato nome em vossos labios,
E ferve o coração com elle em choro.
Afflictas laceraes os véos, e as tranças,
E éccos mil despertando em grito e grito,
Responde Lysia toda ao som funesto:
Tanto a pátria perdeu! Tal é seu damno!
Pranteia, oh lyra triste, amadas cinzas;
O digno de chorar-se as Musas chorem.

De imagens festivaes desenlaçada,
Amando a côr da morte, a côr do abysmo,
Se aos tumulos arranco a phantasia,
Não é para dourar-lhe as atras sombras;
E' para sepultal-a em mais pavores,
E dar-lhe a nova dôr materia nova.
Eis da grandeza, da virtude os lares,
Os lares paternaes, a estancia cara,
Onde o cortado em flôr caiu sem vida.
Qu'espectaculo, oh céos! Oh céos! Que objecto!
Em ancias, em soluços, em clamores
A dolorosa mãe desfaz o alento!
No pólo transparente os olhos pondo,
Da ternura o penhor, delicia, encanto,
O filho em vão reclama aos astros surdos!

Ah! Como é penetrante a dôr materna!
Um ai diz mais ali, que mil em outrem.
Pranteia, oh lyra triste, amadas cinzas;
O digno de chorar-se as Musas chorem.

Qu'espectaculo, oh céos! Oh céos! Que objecto!

A mãe desanimada! O pae sem alma!
Sem alma o triste irmão! Sem alma o grande,
O magnanimo, e forte, o caro a todos,
A quem n'um aureo nó, quasi paterno,
Summa, ineffavel mão prendeu contigo,
Oh candido mancebo, em vão chorado,
De tantos corações saudade eterna!

Aquelle, que das leis, e que da patria
Nos hombros, novo Atlante, o peso esteia,
Tam firme em tudo o mais, co' a dôr não pode!
Depois de haver tragado o fel do transe,
Que ha poucos lhe arrancou porçoens da vida,
Constancia de rochedo (ah!) fôra um crime.
Suspirem corações amargurados;

Não é, não é de ferro a Natureza:

E' muito que a ternura em ais se exhaure,
Quando as garras crueis de negros males
Se enterram na raiz do sentimento?

Até féros liões, perdendo a prole,
No lybico sertão de magoa rugem.

Pranteia, oh lyra triste, armadas cinzas.

O digno de choras-se as Musas chorem.

Porém qual de improviso acode á mente,

Acode ao coração favor piedoso !
Celeste refrigerio abrange, aclara
Espiritos, que a dôr sumia em trevas !..
Que assombro !.. Que portento ! E's tu, deidade,
E's tu, Religião ?..... Tu és, tu fallas,
Arcanos divinaes tu me franqueias ;
Da humanidade oh mãe, dos céos oh filha !
 Já novo cortezão de um rei mais alto,
Mais alto, muito mais que os reis do mundo;
Noronha de immortal no grau brilhante,
De sol em sol vagueia, e de astro em astro,
É todo resplendor, delicia é todo,
Porção de etherea luz : — de lá co' um riso
(Qual no florente Abril não tem a Aurora.)
Aos seus, que inda no céu lhe são mais caros.
De amor perenne, immenso, os dons envia,
Em golpes da saudade esparge o nectar,
E sara os corações de angustia enfêrmos.
Terno pae ! Terna mãe ! Não mais suspiros,
Exultae, revivei, familia excelsa.
Quem no mundo carpis, no empyreo folga ;
Torne-se em gôsto a magoa, o pranto em hymnos
Não chores, lyra triste, amadas cinzas ;
O digno de cantar-se as Musas cantem.

DECIMAS

Improviso — A' morte de Socrates

Terá fim, mas não sei quando.

Socrates, rei da rasão,
Empunha a fatal cicuta,
E da morte á extrema lucta
Não lhe treme o coração:
Supportou-lhe a gradação
Com um ar sereno, e brando;
Dos discipulos ao bando
Disse: « eu morro e não me queixo;
E a memoria, que vos deixo,
Terá fim, mas não sei quando. »

Defender os patrios lares,
Dar a vida pelo rei,
E' dos Lusos valorosos
Caracter, costume e lei.

GLOSA

Fernando avilta o braço
De eternos avós herdado ;
Fernando, a delicias dado,
Perde gloria, e coração :
Eis o primeiro João
Surge fausto entre os azares ;
Dissipa torpes pezares,
E vae co'a tremenda espada,
Co'a gloria resuscitada
«Defender os patrios lares.»

Correm tempos, e o destino
De Lysia outra vez se altera :
No berço Bellona fera
Bafeja real menino .
Cresce, e infausto desatino
O move contra Mulei :
Ai! Segue-o submissa grei,
Lusas mãos pendões desferem,
E até na injustiça querem
«Dar a vida pelo rei. »

Cae o moço miserando
Sobre as bárbaras areias;
Rebenta o sangue das veias,
Inda victoria anhelando :
Ferreo jugo, intruso mando
Nos turva os annaes lustrosos :
Serie de tempos nublosos,
Que a Roma cadeias lança,
(Bem como os da gloria) herança
« E' dos Lusos valorosos. »

Rompe emfim de Lysia o somno,
Alto impulso repentino,
E o renovo bragantino
Reluz no remido throno:
Oh lusos ! Celeste abono
Verifícae, merecei ;
Duro assalto removei :
Jus vos dão para a victoria
Um Deus, a razão, a historia,
« Character, costume, e lei. »

Quem pode deixar de amar ?

Amor, doce flamma acceza
Nos céos, pela mão de Jove,
Agita, transporta, e move
O seio da Natureza :
O leão despe a fereza,
Se o vem leôa affagar,
No salso bojo do mar
Arde o mudo nadadôr ;
O mundo todo é amor,
« Quem pôde deixar de amar ? »

Lilia, se vê genios duros,
A ataca-los se resolve,
E com ar mágico volve
A elles os olhos puros:
Eis que vê soberbos muros
Sobre a terra baquear ;
Lilia, depois de ganhar
Immensos louros, que ajunta,
Com um sorriso pergunta ;
« Quem pode deixar de amar ? »

Perguntei á Natureza
No seu alcançar sublime,
Qual era o mais torpe crime
Que infectava a redondeza !

Ella, que meus cultos préza,
E me franqueia o altar,
Respondeu-me a prantear,
E exhalando um ai ancioso:
« Ah! É o mais criminoso
« Quem póde deixar de amar? »

Mandou o supremo auctor
Ao mundo esta paixão doce,
Para que alimento fosse
Da terrea machina Amor:
De tudo se fez senhor,
Em tudo erigiu altar,
Quem a Amor pertende obstar
Transgride uma lei divina,
E o fim do mundo machina,
« Quem póde deixar de amar. »

EPIGRAMMAS

I

A um glutão que murmurava do auctor

Dizem que Caldas glutão
Em Bocage afferra o dente :
Ora é forte, admiração
Ver um cão morder na gente !

II

Pedi pelo amor de Deus
Dez reis um mendigo a um nobre.
Respondeu-lhe o cavalheiro :
«Que nunca trazia cobre.»

Eis por «excellencia» o triste
Nova supplica começa.
Enternece-se o fidalgo,
Poê-lhe nas mãos uma peça.

III

A Morte se enfatiou
De surgir do Orco profundo,
Exclamando : « Não estou
Para tornar mais ao mundo ! »
Disse um médico : « Eu lá vou. »

IV

Concluiu pintor famoso
Um certo retrato humano,
E a taful sequaz de Apollo
O foi mostrar muito ufano.

Para o painel apontando,
Lhe disse: « Amigo, que tal ?
Deveis gabal-o, que vós
Conheceis o original.

Foi ditosa a pincelada !
Nunca retractei tam bem,
Nunca pintei como agora !... »
Pergunta o poeta : — « A quem ? »

V

Uma terra dizem que ha,
Onde a fome acerba, e dura,
Cabo dos medicos dá :
Porque é isto ? E' porque lá
Pagam sómente quem cura.

VI

De que é que só do marido
Laura tem reputação :
Este merito subido
A quem o deve ? Eu duvido
Se á cara, se ao coração.

VII

Definição do oiro

Faço a paz, sustento a guerra,
Agrado a doctos, e a rudes,
Gero vicios, e virtudes,
Torço as leis, domino a terra.

VIII

Bernardo, envolto em lemiste
Insulsas nenias recita ;
Ao riso ninguém resiste ;
E o vate funereo grita :
« Não riam, que é cousa triste ! »

IX

Quanto és, Dido, desgraçada
Com dois maridos no mundo !
Foges, morrendo o primeiro,
Morres, fugindo o segundo.

X

Epitaphio

D'Elmano eis sobre o marmore sagrado
A lyra, em qué chorava, ou ria Amores.
Ser d'elles, ser das Musas foi seu fado :
Honrem-lhe a lyra vates, e amadores.

XI

Á cara de uma estanqueira

Cara, cara, cara, cara,
Cara, cara, e continúa !....

Que revolução é esta ?
Anda pela terra a lua ?

Custa a ver qualquer planeta
Com telescópio de cá ;
Ver-se-hia a cara de Helena
Sem telescópio de lá.

xii

Ao nariz da mesma

Deu a estanqueira um espirro ;
Gritam os vizinhos seus,
Julgando ser terremoto :
« Misericórdia, meu Deus ! »

Nariz, nariz, e nariz ;
Nariz, que nunca se acaba,
Nariz, que se elle desaba,
Fará o mundo infeliz ;
Nariz que Newton não quiz
Descrever-lhe a diagonal ;
Nariz de massa infernal,
Que, se o calculo não erra,
Posto entre o sol e a terra
Faria eclipse total !

A um canapé antiquissimo

Quando a velha antiguidade
Por esta caza passou,
Disse a este canapé :
Sua bençam, meu avô.

Quando Deus formou o mundo
Em seis dias, como é fé ;
Ao septimo descansou
Aqui neste canapé.

xiv

(De Marcial)

Se me lembro, Elia, tiveste
De bellos dentes a posse :
N'uma tosse dois se fôram,
Fôram-se dois n'outra tosse.

Segura noites, e dias
Pôdes tossir affartar ;
Pôdes, que tosse terceira
Já não tem que te levar.

XV

« No mundo ha gloria suprema. »
Roncava Euclidico auctor.
« Qual é ? » diz taful da gema.
« Quál é ! » torna o scismador...
« É resolver um problema.

XVI

Laura divertiu-se muito
N'uma funcção menos má.
« Qual foi o divertimento ?
— « Não ter o marido lá.

XVII

Homem de genio impaciente,
Tendo uma dôr infernal,
Pedia para matar-se
Um veneno ou um punhal.

« Não ha (lhê disse um visinho
Velho, que pensava bem)
Não ha punhal, nem veneno ;
Mas o medico ahi vem. »

XVIII

Com tam má gambia andas tanto,
Tanto d'aqui para ali !

Procurador, não me enganas :
Tu procuras para ti.

XIX

Lê-se n'uma sepultura
De antiguidade Affonsina :
« Aqui jaz quem não jazera,
Se jazesse a medicina. »

XX

Um geometra zombou
Ao ver que amante infeliz
Por linda moça expirou ;
Mas ao sabio o que o matou ?
Não dar c'o valor de um xiz.

XXI

« Fabio, o meu dilecto amigo,
(Dizia Alpheu consternado)
Dos medicos mais insignes —
Está já desamparado. »

— « Oh ! » (sáe d'ali um sujeito,
De circumspecta presença)
« Feliz, se o desamparassem
No principio da doença ! »

APOLOGOS

1.

O corvo e o pavão

Passeando o pavão com ufania,
E' fama que dissera ao corvo um dia :
« Repara quanto devo á natureza,
Olha que lindas côres, que viveza !
Que adorno, que matiz ! Olha este rabo !
Em mim não ha senão ; e tu, diabo,
Negro como um carvão, como um bisoiro,
Inda és, de mais a mais, ave de agoiro ! »
O corvo que na lingua não tem papas,
Lhe responde : — « Essas penas são mui guapas,
Mas, para refrear teu desvario,
Observa d'essas pernas o feitio. »
Ainda (quem dará credito a isto ?)
As pernas o pavão não tinha visto ;
Mas que muito, se ha gente, e gente grave,
Que em seus olhos não vê nem uma trave ?

O macaco declamando

Um mono, vendo-se um dia
Entre brutal multidão,
Dizem lhe deu na cabeça
Fazer uma prégação.

Creio que seria o thema
Indigno de se tractar;
Más isso pouco importava,
Porque o ponto era gritar.

Teve mil vivas, mil palmas,
Proferindo á boca cheia
Sentenças de quinze arrobas,
Palavras de legua e meia.

Isto acontece ao poeta,
Orador, e outros que taes :
Nescios o que entendem menos
É o que celebram mais.

O cão de fralda e a raposa

N'um dos pés arranhado um cão fraldeiro
Temeu chegar ao transe derradeiro ;
O medico chamou, poz-se de cama,
E a dôr encareceu como uma dama ;
(Porque neste melindre, ou nesta balda
Uma dama equivale a um cão de fralda).
Era então a raposa arteira, e fina.
Entre os brutos doctora em medicina.
Entrou n'um passo grave, um ar sisudo,
E em tom de quem dizia : — Eu saro tudo ! —
Tendo-lhe visto o pé, que lhe doía,
Perguntou ao doente o que sentia.
Depois de se esfalfar com sôfa prosa,
Concluiu : « A molestia é perigosa ;
Mas hei-de conseguir a grande empreza
De ajudar, ou vencer a natureza. »
E' certo que logrou tam alta sorte,
E' certo que a venceu, mas foi co'a morte.
Tendo emplastros, e purgas decretado,
E com mil beberagens, misturado
Mil gordos aphorismos de Avicena,
Ou de Averroes, seguin-se-lhe a gangrena,
Que tornando mortal a arranhadura,
O cãozinho encaixou na sepultura.

Assim que o duro medico feroz
O mandou visitar a seus avós,
Sem pejo, sem temor, sem pranto, ou ais,
A paga foi pedir aos tristes paes.
Clamaram: — « Inida a terra te não traga!
O filho nos matastes, e queres paga!... »
« Que? (responde a raposa) « Ora essa é bella!
E o trabalho que eu tive, é bagatella?
Dar vida não está na nossa mão:
Tanto nos rende o morto como o são. »

IV

O Tigre e a Doninha

Pezou sempre o beneficio
Porque a vaidade offendeu,
Principalmente se um grande
De um pequeno o recebeu.

Lembra-me agora uma historia
Sucedida entre animaes,
Uma historia, que se applica
Bellamente aos racionaes:

Ia um tigre muito ufano,
Fiado na garra e prêza,

Crendo que a tudo excedia
No reino da natureza.

Desta idéa hallucinado,
Incauta planta foi pôr
Em perfida rede, armada
Por experto caçador.

Preso, lucta sem proveito,
Tenta em vão desenlear-se ;
Lida, revolve-se o bruto,
E o que faz é apertar-se.

Estancando-se-lhe as forças,
Perdida enfim a esperança,
Cessa, e do peito raivoso
Horrendos bramidos lança.

Ao tempo que elle arquejava,
Por aquelle sitio vinha
Demandando agrestes fructos
A leve, experta doninha.

Estremece, ouvindo o monstro
Envolto na rede urrar ;
Foge, porém curioza
Põe-se de longe a olhar.

O tigre, que a vé, que sabe
Quanto é versada em roer,
Despe a soberba, e lhe roga
Que o venha ali soccorrer.

Tanto adoça o tom pezado
Da rude, extrondosa voz,
Que segura a desprende-lo
Parte a doninha veloz.

Affinca o subtil dentinho
No tenaz, urdido laço ;
Róe aqui, róe acolá,
E o desfaz em breve espaço.

Livre das prisõens' apenas
A fera ingrata, e medonha,
Do que deve ao pequenino
Fraco animal se envergonha.

E accêza em feróz orgulho,
Carregando-se na frente
(Com receio de que a triste
O caso na selvas conte).

Deita-lhe a garra damnosa,
A débil vida lhe extráe...

Ninguém acuda ao malvado,
Se no precipício cae.

O leão e o porco

O rei dos animaes, o rugidor leão
Com o porco engraçou, não sei porque razão.
Quiz emprega-lo bem para tirar-lhe o sorna;
(A quem torpe nascer nenhum enfeite adorna)
Deu-lhe alta dignidade, e rendas competentes,
Poder de despachar os brutos pretendentes,
De reprimir os maus, fazer aos bons justiça.
E assim cuidou vencer-lhe a natural preguiça;
Mas em vão, porque o porco é bom só para assar,
E a sua occupação dormir, comer, fossar.
Notando-lhe a ignorancia, o desmazêlo, a jneuria,
Soltavam contra elle injuria sobre injuria.
Os outros animaes, dizendo-lhe com ira:
«Ora o que o berço dá, somente a cova o tira!»
E elle, apenas grunhindo a vilipendios taes,
Ficava muito enxuto. Attenção n'isto, oh paes!
Dos filhos para o genio olhae com madureza.
Não ha poder algum, que mude a natureza:
Um porco hade ser porco, inda que o rei dos bichos
O faça cortezão pelos seus vãos caprichos.

SATYRA

PENNA DE TALIÃO.

(Ao Padre José Agostinho de Macedo)

Ta nil invicta dicis, faciesve Minerva
HORAT. ART. POETICA.

Invidia rumpantur ut ilia Codro.
VIRG. ECLOG. 7.º

Satyras prestam, satyras se estimam,
Quando n'ellas Calúmnia o fel não verte,
Quando voz de censor, não voz de zoilo
O vício nota, o merito gradúa ;
Quando forçado epitheto affrontoso
(Tal, que nem cabe a ti) não cabe áquelles
Que já na infancia consultavam Phebo.
Elmiro de Pariz, Cotins, são vivos
No metro de Boileau, mordaz, mas pulchro ;
Codros, Crispinos, Clovienos soam
No latido feroz do cão de Aquino,

D'esse, cuja moral, mordendo, imitas,
E cuja phantasia em vão rastejas.
Nos igneos versos que Venusa illustram;
Nos que d'eterna fama honraram Mantua,
Envoltos no ludibrio existem Bavios,
Mevios existem; e a existencia d'elles,
Se pudesse durar, seria a tua.
Refalçado animal, das trévas socio,
Depõe, não vistas de cordeiro a pelle!
Da razão, da moral o tom, que arrogas,
Jámais purificou teus labios torpes,
Torpes do lodaçal, d'onde zunindo
(Nuvens d'insectos vis) te sobem trovas
A' mente erma de idéas, nua de arte.

Como has-de, oh Zoilo, eternizar meu nome,
Se os Fados permanencia ao teu vedaram?
Se a ponte, que atravessa o mudo rio,
Que os Vates, que os heroés transpõem seguros,
Tem fatal boqueirão, por onde absorto
Irás ao vilipendio, irás ao nada,
Ficando em cima illeso, honrado o nome,
Que em dicterios plebeus, em chulas phrases,
Debalde intentas submergir contigo?
Empraza-te a Razão; responde, e treme:
Do philosopho a tez, a tez do amante,
Meditativo aspecto, imagem d'alma;
Em que fundas paixões a' essencia minam
(Paixões da natureza, e não das tuas):

O que parece em mim, á vista abjecto,
A mesta pallidez, o othar sombrio,
O que a preterição desengenhosa
Dos sujos trivios na language aponta,
Que importa, oh Zoilo, ao litterario mundo ?
Que importa descarnado, e macilento
Não ter meu rosto o que alicia os olhos ?
Em quanto nedio, e rechonchudo, á custa
De vão festeiro, estúpida irmandade,
Repimpado nos pulpitos, que aviltas,
Afôfas teus sermões, venaes fazendas
(Cujos crédores nos elysios fervem !)
Trovejas, enrouqueces, não commoves,
Gelas a contrição no centro d'alma !
Ostentas ferreo numen, céos de bronze ;
E, e cada berro minorando a turba,
Compras n'aldeia do barbeiro o voto :
Ali triumphas, e a cidade enjoas.

Tu, de cerebro pingue, e pingue face,
Pharisaica ironia em vão rebuças
Com que a penuria ao desvalido exprobras :
Que tem co'a Natureza o que é da Sorte ?
Ou dá-me o plano d'attrair-lhe as graças
Mas sem que roje escravo ; ou não profanes
Indigencia, e moral, quaes tu não citas.

Pões-me de inutil, de vadio a tacha,
Tu, que vadio, errante, obeso, inutil,
As praças d'Ulysséa á tóa opprimes ;

Ou do bom Daniel na térrea estancia
Peçonhas d'invectiva espremes d'alma,
Que entre negros chapéos, também negrejas:
E ante o caixeiro boqui-aberto arrotas,
Arrotas ante o vulgo a *encyclopedia* :
Fadas, e agouras o esplendor, que invejas ;
Arranhas mortos, atassalhas vivos,
Insultas a grandeza, a immuniidade
Do eterno Mantuano, e dás a Estacio
Um grau, que entregue ao deus, que ardendo em estro,
De Thebas o cantor tentar não ousa,
Quando á musa da morte enfreias os vôos,
E quer que a Eneida cá de longe adore.
Da preferencia atroz inda não pago
Das Graças ao cultor, de Amor ao vate,
De Nasonia elegia aos sons piedosos,
Que o Ponto ouviu com dôr, com mágoa o Tibre,
Versos prépões, sarmatico-latinos,
Versos, que inda ao burel, e ao claustro cheiram,
E que, affrontoso a ti, de applausos cr'óas,
Só por distarem de teus versos pouco,
Sanguisuga de putridos auctores,
Que vais com cobre vil remir das tendas.
Em quanto palavroso impões aos nescios,
E a credulo tropel roncando affirmas
Que revolveste o que roçaste apenas ;
(Fallo das artes, das sciencias fallo !)
Em quanto a estatua da Ignorancia elevas

Os dias eu consumo, em vélo as noites
Nos desornados, indigentes lares ;
Submisso aos fados meus, ali componho
À pesada existencia honesto arrimo,
Co'a mão, que Phebo estende aos seus, a poucos.
Ali deveres, que não tens, nem prézas,
Com fraternal piedade acato, exerço ;
Cultivo affectos á tua alma extranhos,
Dando á virtude quanto dás ao vicio ;
Não m'envilece ali d'um frade o soldo :
Ali me esforça ao genio, as igneas azas
Coração bemfazejo, e tanto, e tanto
Que a ti, seu depressor, protege, acolhe ;
Que em redondo character te propaga
A rapsodia servil, poema intruso,
Pilhagem, que fizeste em mil volumes,
Teu pejado armazem d'alheios fardos,
Onde a Monotonia os meche, os volve,
E onde teimosa apostrophe se esfalfa.
Já c'os céos entendendo, e já co'a terra.

Inda não me elevei do Pindo ao cume
Com fama, que assuberbe os summos vates ;
Porem, graças ao dom, que não desdouras
Co'a birra estulta de emperradas trovas,
Vou sobranceiro a ti, de longe te ólho ;
E na publica voz, que se não merca,
Elmano a cysne aspira, Elmiro é ganso,
É ganso, que patinha, e se enlameia

Em pôdres lodaças, paúes do Lethes,
A circulos pueris, a vãos Narcisos,
A Lucrecias na sala, e Lais na alcova,
E inda ás séreias do tempo os «bravos» poupo;
Insulso rimador de facho e settas,
Nugas não douro, não mendigo applausos
De vacuas fronte, plagiarias linguas ;
Não sou, nem de improviso, o que és d'espaco!

Claro auditorio meu, vingae-me a gloria!
Vós, que em versos altisonos mil vezes
Me viste ir voando ás fontes do Estro,
Dizei, se me surgiram Grecia, Roma
Nas promptas explosões do entusiasmo?
Se a razão, e a moral, se as leis, se a patria
Do metro destemido objectos foram,
Ou das Marilias de hoje o riso ensosso,
Dos olhos o commercio, e não das almas,
O melindre sagaz, lição materna,
E a mercantil firmeza, a cem votada?
Dizei?... Mas contra ti sobeja Elmano;
Teus huyvos, teus latidos não me aterram:
Sou do novo triface Alcides novo;
Inda não farto de arrancar-o ás sombras,
As tres gargantas levarei de um golpe;
E se a canina espuma, ou sangue infecto,
Monstros gerar, que multiplique a morte,
Das Furias o tição lhes tórre as fronte.

Braveja, detractor, braveja insano!...

Arde, blasphema em vão, de algoz te sirva
Tenaz verdade, que te rõe por dentro.

Na voz deprimes o que admiras n'alma!

Se provas queres, eu te exhibo as provas

Do que teu coração desdiz dos labios.

Traze á mente o logar, e a vez primeira

Em que, dado á tristeza, e curvo aos ferros,

Olhaste, ouviste Elmano, e grande o crêste,

Quando inda os vôos tímido soltava

Na immensidade azul que aos astros guia;

Quando (não como por systema o finges,

Mas só da natureza endereçado)

Seguia o rasto de amorosos cysnes,

Pousando muito áquem do grau que occupa :

Ainda carecente da ignea força

Que á patria deu Leandro, Ignez, Medêa,

O Antro dos zelos, de Arenêo e Argira

A historia, que o sabor colheu de Ovidio

Na dicção narrativa, experta, idonea,

E o mais ás Musas grato, e grato a Lysia.

Da estancia, onde nem sempre habita o crime,

Epistola sem sal, por ti guizada,

Em taes louvores incluiu meu nome :

Versos escuta, que negar não podes ;

Estylo é teu, monotonia é tua ;

O que n'elles se envolve, escuta, em premio

Da empreza, que tomei, de os pôr na mente:

«Do centro d'esta gruta triste, e muda,

«Fecundo Elmano, pelas Musas dado,
«O prisioneiro Elmira te saúda,
«De teus aureos talentos encantado ;
«De ti só falla, só por ti suspira,
«Em teu divino canto arrebatado...;
Quem fertil nomeaste, e quem divino,
Hoje é servil, monótono, infecundo,
De texto opimo interprete ingoiado ?
Co'a idade e estudo o genio em todos cresce;
E em mim desfalleceu co'a idade, e estudo ?

Responde ao teu juiz, ao são criterio,
Réo de leza razão ! Trazer á patria
Nova fertilidade em plantas novas.
Manter-lhe ás flôres, conservar-lhe os fructos,
Quaes eram no sabor, na tez, na fôrma,
Sendo o tronco, a raiz, a copa os mesmos,
Sem que os extranhe, os desconheça o dono,
E' fadiga vulgar ? Não tem mais preço
Do que esse, que os carros galardôa
Do gallego boçal nos ferreos hombros ?
Verter com melodia, ardor, pureza
O metro peregrino em luso metro,
Dos idiotismos aplanando o estôrvo,
D'um, d'outro idioma discernindo os genios,
O character do texto expor na glosa,
Proprio tornando, e natural o alheio.
E' ser bugio, ou papagaio, Elmira ?
Confronta originaes, e as copias delles ;

Verás se a Musa, que de rastos pintas,
No vôo altivo o Sulmonense atinge,
Castel transcende, e com Delille hombraia.
Citas um verso mau, mil bons não citas ?
Citas um verso mau, que não transforma
Em mattos os jardins ? E' natureza
Estarem par a par espinhos, flôres.
E não sabes, malevolo, que a regra
Une a tenues objectos simples phrases ?
Se imparcial, se critico escrevesses,
Centenas d'aureos versos apontaras,
Sem de um só deduzir sentença iniqua:
D'Ausonia o quadro, ou venerando, ou bello,
Com justa, sabia mão presentarias ;
— Idades centos blasonando ao longe
Co'a ruina immortal da excelsa Roma ;
Ante as aras carpindo Amor, Saudade,
E ao céo medrosas lagrimas furtando ;
Aos amigos dos homens, e aos numes
Na terra verdejando elysios novos ;
Correntes sem rumor, como as do Lethes,
Os males na memoria adormecendo,
E em marmores, corynthios alvejantes
O grande Fenelon, e o grande Henrique. —
Se o rival de Virgilio (o que proclamas,
Porque de Gallia é filho, e não de Lysia,
A cujo seio, em que borbulham genios,
Chamas com lingua audaz) esteril d'elles !

Se o rival de Virgilio ouvisse os versos
De interprete fiel, não rude escravo,
Honrara co'um sorriso uteis suores.

Pede ao molle Belmiro, anão de Phebo,
Ao que ergues uma vez, e mil derrubas ;
Pede ao vampiro, que a ti mesmo ha pouco
Nas tendas, nos cafés deveu sarcasmos ;
Pede ao bom Melizeu, d'Arcadia Fauno,
De avelada existencia, e mente exhausta,
Que affectas lamentar, e astuto abates,
Que por alfeloa tróca os sons d'Euterpe,
(Os sons da sua Euterpe, e não da minha)
Dize ao teu côro, de garganta indocil,
(Sem que esqueça o pygmeu no corpo, e n'alma)
Dize dos còrvos de Ulyssêa ao bando
Que, interpretes qual fui, d'eximios vates,
Não pagos de ir no rasto o vôo alteem :
Ou tu mesmo apresenta, offerece á crise
De gordo original versão mirrada ;
Sulcado o Estacio teu de unhas minhas,
De muitas que soffreste, e que aproveitas ;
N'elle, oh magoa ! oh labéo ! Por ti mudados
A pompa na indigencia, o luto em riso ;
Mostra em teus versos as imagens suas
Tibias, informes, encholhidas, mortas :
Desdentado leão, leão sem garras,
Que á longa idade succumbiu, rugindo ;
Mas leão, que de perto, inda é terrivel,

E que no quadro teu vale um cordeiro.
Ousa mais : a Lusíada não sumas,
Que o numero de versos fez poema,
Tal, que seu mesmo pae sem dôr o enterra.
Expõe no tribunal da Eternidade
Monumentos d'audacia, não d'engenho ;
O prologo alteroso, em que abocanhas
Do luso Homero as veneraveis cinzas,
E não de inepto, de apoucado argúas
Quem, porque teme a quêda, encolhe as azas ;
Quem de ephmeros « vivas » não contente,
Chegando a mais que tu, se atreve a menos.

Nem somente Melpomene dispensa
Gran nome, nem Caliope sómente.
Como os Voltaires, na memoria vivem
Lafontaine, Chaulieus, subsistem n'ella :
Todos tem nome, e grau ; tu mesmo o dizes,
Contradictorio, tumido versista.
Thema, que escolhes, genero, que abraças,
Não te honra, nem desluz : no desempenho
O lustre, a gloria estão. Tem jus á fama
O yate, ou cante heróes, ou cante amores ;
Com tanto que de Phebo as leis não torça,
Aos mais varios assumptos ajustadas.
Co'a materia convém casar o estylo :
Levante-se a expressão, se é grande a ideia ;
Se a ideia é negra, a locução negreje ;
E tenue sendo, se atenúe a phrase.

Segue o que tens de cór, mas não practicas,
Serás o que não és, o que não foste,
Quando das Musas no Almanak.... ai triste!
Que a par de seus irmãos morreu de traça,
Forjaste de uma freira equorea nympha,
Jacinta de um Tritão fingiste acceza:
Chamaste grande, harmonico a Lereno,
Ao fusco trovador, que em papagaio
Transformaste depois, havendo impado
Com tabernal chanfana, alarve almôço,
A expensas do coitado orango-tango,
Que uma serpe engordou, cevando Elmiro.

Os teus vicios em rosto aos mais não lances,
Tu, furia, tu, dragão, que entornas peste,
Por systhema, por habito, e por genio.
Os sette, que detrás, em que te aggravam?
Querias par a par subir com elles,
Nas azas do louvor a ignotos climas?
Que disseras, mordaz, quando a mimosa,
Quando a celeste Catalani exhala
Milagres de ternura; e de harmonia,
Sim, que disseras, se ultrajando a scena,
De rouquenha bandurra um biltre armado
Ante a assembléa estatica impingisse
Solfa mazomba, hispanico bolero?
Pois isto, oh Zoilo, tam improprio fôra,
Como annexar teu nome aos sette, e aos outros,
Que do silencio meu não colhem manchas,

Nem carecem de mim, por si famosos,
E ha muito em lyra eterna ao pólo erguidos.
Verdade! Rectidão! Vós sois meus numes!

Vê se as adoro, oh Zoilo! eu amo Alcino,
Filinto, Corydon, Elpino eu louvo;
Todo me apraz Dorindo, Alfeno em parte;
Nas trevas para mim reluz Tomino;
Nos genios transcendentos me arrebatô,
Prezo alumnos phebeus, desprezo Elmiros.
De alta justiça que mais prova exiges?
Tu, que de iniquo e parcial me increpas?
Tu, que em vez de razões opprobrios vibras
Perante um mundo, que te sabe a historia!
Tu, que affeito á moral dos Tupinambas,
Tens ampla consciencia, onde Amizade,
Onde Amor, e outros vinculos sagrados
São nomes vãos, phantasticos direitos;
Tu... mas lingua de bronze, e voz de ferro
Mal de teus vicios a expressão dariam,
Indomito molosso, ardido ex-frade.
E' contigo a razão qual é co'as ondas
Arte, e saber de naufrago piloto:
Serás qual és, e morrerás qual vives.

Prosegue em detrair-me, em praguejar-me;
Porque Delio dos « prologòs » te exclue:
Pregoa, espalha em satyras, em lojes
Que Zoilos não mereço, e sê meu Zoilo:
Chama-me de Thisyphone enteado,

Porque em femeo-belmirico falsete
Não pinto os zelos, não descrevo a morte,
Erra versos, e versos sentençaia :
Condena-me a cantar de Ulina, e d'anmos ;
Aggrega o magro Elmano ao fulo Esbarra ;
Ignora o «baquear» que é verbo antigo ;
Dos Sousas, dos Arraes somente usado ;
Metonymias, synedoches dispensa ;
Da-me as pueris antitheses, que odeio ;
D'estafador de anaphoras me encoima ;
Faze (entre insanias) um prodigio, faze,
Qual anda o caranguejo andar meus versos ;
Supõe-me entre barris, entre marujos,
(De alguns talvez teu sangue as veias hoare!)
Mas não desmaies na carreira ; á vante,
Eia, ardor, coração... vaidade,ao menos.
As oitavas ao «Gama» esconde embora ;
N'isso nem perdes tu, nem perde o mundo ;
Mas venha o mais ! Epistolas, sonetos,
Odes, canções, metamorphoses, tudo...
Na frente pões, teu nome, e estou vingado.

FIM

NOTAS DO AUCTOR

À Satyra antecedente

Pagina 257 verso 5. — Quando forçado epitheto affrontoso.

O epitheto de «tolo» que na satyra me dá Elmiro.

Pag. 260 v. 13. — E quer que a Eneida cá de longe adore.

Nec tu divinam Æneida tenta:

ESTACIO, Thebaid.

Pag. idem v. 18. — Versos prepões sarmatico-latinos.

O ex-frade tem desenterrado das tendas, e lojas de confeiteiros, elegias, e outros versos de Jesuitas polacos, que denodadamente preferere a Ovidio.

Pag. 261 v. 15. — A rapsodia servil, poema intruso.

«Contemplanção da Natureza» poema para o

auctor, e rapsodia para mim, e para todos os conhecedores.

N'esta fastidiosa compilação usurpadora apostrophe clama de seis em seis versos, pouco mais ou menos, desaloja o rancho das irmans, e fica ali como vilão em casa de seu sogro.

Pag. 263 v. 8. — Olhaste, ouviste Elmano; e grande o crêste.

O satyrico, antependo os meus versos de algum dia aos de hoje, affecta comtudo esquecer-se dos elogios, que me fez, e escreveu, sendo ainda frade graciano.

pag. 265 v. 16. — Co'a ruina immortal da excelsa Roma.

Veja-se o poema dos «Jardins» no canto IV.

Pag. 266 v. 8. — Pede ao bom Melizeu, d'Arcadia Fauno.

Elmiro, incapaz de açaimar a maledicencia, que o caracteriza, exprobra a penuria ao resequido Melizeu, em vez de lhe notar unicamente o sestro com que antepõe um pau de alfeloá ás composições Euterpicas, com que podia afamar-se entre os Hurons, mui affeioados a poesias d'este gosto.

Pag. idem v. 14. — Sem que esqueça o pygméo no corpo, e n'alma.

Todos sabem a applicação antiga d'aquelle
meu verso :

Quintanilha, pygméo no corpo, e n'alma ;

Se houver todavia quem a ignore, declaro
que pertence a um nojento homunculo, en-
genhador de miudezas metricas, a quem o
esquecimento de uma virgula arruinou um
soneto, e que propaga, e palméa a satyra de
Elmiro ; porque nunca fiz a injustiça de ga-
bar os seus nadas. *Tantum sufficit hoc.*

Pag. idem v. 20. — Sulcado o Estacio teu,
de unhasdas minhas.

O indigno traductor de Estacio me rogou
mil vezes que lhe castigasse a versão, onde o
caracter e a phrase do original padecem in-
clemencias.

Pag. 267 v. 2. — Ousa mais ; a Lusjada
não sumas.

Movito d'Elmiro aos seis mezes : obra em
que a gloria de Camões é enxovalhada no pro-
logo, e resarcida no mais. O auctor a sumiu.

Pag. 268 v. 5. — Forjaste de uma freira
equorea nympha.

Em um dos «Almanachs» citados ha um
idyllio piscatorio de Elmiro, em que uma
nympha do mar se chama Jacinta ; nome que,
junto com a pessoa, próva o gosto do auctor.

Pag. idem v. 8. — Ao fusco trovador, que em papagaio.

Metamorphose de Lerenó em papagaio, no tempo em que Elmiro almoçava com elle, e d'elle: accção que advoga pela moral do clérigo-prégador, tão superfluo como os insectos.

Pag. 269 v. 7. — Nas trevas para mim reluz Tomino;

Falo de Sanctos e Silva, cujo estro, ás vezes assombroso, o consola de um desastre como o de Homero, e Milton.

Pag. 270 v. 3. — Erra versos, e versos sentença.

Veja-se na satyra de Elmiro a linha —

Rasteiras copias de originaes suberbos.

NOTAS (*)

Às

POESIAS SELECTAS DE BOCAGE

ESBOÇO BIOGRAPHICO

Pag. 6

Sua mãe era de origem franceza . . .

Descendia de Antonio Ledoux du Bocage, natural de Cherburgo, na Normandia, que

(*) ADVERTENCIA. O meu amigo Francisco Gomes da Fonseca, editor d'este livro, encarregando-me de escrever a biographia de Bocage e de rever as notas, que para esta edição escreveu ha doze annos o snr. Silva Ferraz, deu-me tambem plena auctorização de cortar, e substituir por outras, as que eu julgasse menos necessarias.

Em virtude desta auctorização supprimi as que me pareceram de menos importancia, e escrevi outras, que vão assignadas com as minhas iniciaes J. V., valendo-me para a maior parte d'ellas da ultima edição de Lisboa.

Porto, setembro de 1864.

J. V. Pinto de Carvalho.

em 1704 viera servir na marinha portugueza no posto de capitão de mar e guerra, e poucos annos depois fora promovido a Vice-Almirante.

E' aqui logar de dar noticia d'uma celebre poetiza, que occupou um logar imminente no mundo litterario, e pertenceu á familia do nosso poeta. Era madame du Bocage. — Marie Anne Lepage; mulher de Fiquet du Bocage, tio do nosso poeta.

Imitou em verso o *Paraizo perdido* e a *Morte de Abel*. Compoz um poema, intitulado as *Sciencias e as letras* e uma tragedia, as *Amazonas*; porem a sua obra prima é o poema a *Colombiada*, que mereceu ser elogiado por Voltaire — o maior vulto litterario d'aquella época.

Pertenceu ás Academias Arcadicas de Roma, Bolonha, Padua, Lyon, Rouen, e depois d'uma longa existencia de 91 annos de permanentes triumphos morreu no principio d'este seculo, tres annos antes de Bocage.

Haviam-lhe os seus admiradores dado por divisa esta legenda — *forma, Venus; arte, Minerva*.

J. V.

Pag. 11

E alguns dizem que emprehendera a composição d'uma epeia.

Diz-se que o assumpto delineado por Bocage era o descobrimento da America.

Sobre se elle teria ou não forças para desenvolver convenientemente este grandioso assumpto diz o snr. Rebello da Silva :

«Se nos guiarmos superficialmente pelo que ficou de Elmano, parece licito duvidar. Se de mais perto contemplarmos alguns longes dos seus hymnos, notando a invenção original, que vislumbra através do tecido mythologico, não faltam motivos para acreditar que sim.»

Outros apontam mais dous assumptos; a tomada de Lisboa e as acções gloriosas praticadas na India pelo grande Affonso de Albuquerque.

Sobre isto porem nada ha de positivo.

J. V.

SONETOS

Pag. 28

O sol, é a que illumina o throno horrendo
D'essa, que anima os ávidos-amantes

São dous versos ambos ellipticos. No primeiro subintende-se a palavra — lua. — No segundo — noite.

Pag. 30

Mentes, mentes, injusto Mantuano!
Dido infeliz foi victima do esposo,
Foi victima da fé, não do troyano.

Este soneto é mythistorico. Nestes ultimos versos allude o poeta ao celebre anachronismo, de que uza Virgilio na Eneida, fazendo o troyano Eneas coetaneo de Dido, fundadora de Cartago. Este anachronismo foi tambem aproveitado por Metastasio, que compôz um drama, cujo assumpto é o tragico fim dos amores de Eneas e Dido, inventados pelo Mantuano.

Pag. 31

A que nasceu das ondas, . . .

E' Venus, que a mythologia diz que fora gerada da espuma do mar.

Pag. 35

Este soneto parece ter sido feito quando Bocage estava proximo a buscar terras da Azia.

Pag. 37

Este soneto foi feito em Macau, e offerecido a snr.^a D. Maria de Saldanha Noronha e Menezes, e a suas filhas.

Pag. 38

Qual o misero vate de Corina
Nas tomitanas praias desterrado

Compara-se Bocage com Ovidio, que foi desterrado por Augusto para Tomes na entremi-

dade do Ponto Euíinio, porque, dizem alguns, a uma filha do Imperador, chamada Julia, sob o pseudonimo de Corina, endereçara o poeta sulmonense algumas elegias lascivas.

Esta opinião é apenas uma conjectura, por quanto a cauza verdadeira do desterro de Ovidio, sempre dissimulada por elle — é um problema indissolúvel, e mui forte devia ella ser, para que nem Augusto, nem Tiberio se movessem ás continuas supplicas de perdão, que o desterrado lhes fizera.

J. V.

Pag. 39

Estou vendo Sepulveda affamado.

Este e os seguintes versos alludem ao lastimoso naufragio de Manoel de Souza Sepulveda, acontecido em 1553 no cabo da Boa Esperança. Escapando com sua espoza, filhos e outros companheiros do furor das aguas, internaram-se no sertão, dirigindo-se para o rio de Lourenço Marques, onde os portuguezes vinham commerciar; porem encontrando-se com uns selvagens, que se fingiram amigos, commetteram a imprudencia de largar as armas. Vendo-os desarmados accometteram-nos os selvagens e expoliaram-nos de tudo, inclusive, dos vestidos, e, fazendo alguns portuguezes resistencia, foram mortos.

Sepulveda vendo a mulher e os filhos cravados na areia para encobrir sua nudez, expostos a um calor abrazador, e devorados pela fome e pela sede, corre em todas as direc-

ções a buscar agua para refrigeral-os, e algum alimento: nada encontrando volta para os seus e acha a espoza e os filhos mortos de calor, de fome e de sede.

Em vista de tão horrorosa scena, foge desvairado pelo dezerto e não mais d'elle houve noticia.

Dos seus companheiros: uns morreram, outros ficaram escravos dos selvagens, até que passados annos foram resgatados por um mercador portuguez de Moçambique, que lá foi comprar marfim.

Este desastroso successo inspirou a Jeronymo Corte Real um bello poema epico.

J. V.]

Pag. 46

Eu vim c'roar em ti minhas desgraças.

Foi feito á cidade de Goa, onde, como se vê do esboço biographico, o auctor despedindo as agudas settas da sua satyra contra muitos magnates d'aquella cidade, soffreu por isso crueis perseguições.

J. V.

Pag. 54

Queimando o véo dos seculos futuros.

Este soneto allude ás profecias de Daniel nos cap. VII, IX etc.

Pag. 55

Voaste alma innocente, alma querida.

Ferdinand Dinis tradusindo este soneto cré que elle celebra uma grande desgraça; succedida ao poeta. Talvez porem fosse desgraça succedida a outro, que se lastimasse e pedisse a Bocage a lamentação de uma morte, que nada lhe importava. Não era isso raro n'aquelle tempo.

Pag. 67

Co'a mente juvenil, sublime, alada.

Este soneto foi dedicado a Nuno Alvares Pereira Pato Moniz, poeta e litterato distincto, natural de Lisboa. Tornou-se celebre pela polemica, que sustentou por alguns annos com José Agoslinho de Mecedo, ferindo-se mutuamente com pungentes epigramas em folhetos impressos e manuscritos, tanto em proza, como em verso. Sendo o mais notavel escrito desta contenda o poema heroi-comico — Agoslinheide — com que Pato Moniz fulminou o seu adversario, e que por alguns é tido como um dos melhores da nossa litteratura.

Abraçando as ideas liberaes da revolução de 1820, foi eleito deputado por Setubal ás côrtes de 1822-1823, onde se tornou notavel, tomando activa parte nas questões da época.

Desterrado depois dos acontecimentos de

Villa-Franca para a ilha do Fogo, lá morreu em 1827, segundo dizem.

J. V.

Pag. 68

C' um diadema de luz no Elysio entrava.

Este soneto foi inspirado pela gloriosa morte do Almirante Inglez Horacio Nelson, que na celebre e sanguinolenta batalha de Trafalgar a 21 de outubro de 1805 derrotou as esquadras combinadas — franceza e hespanhola.

Foi um golpe profundo no poder de Napoleão; mas a Inglaterra pagou-o caro — Nelson o seu mais valente e distincto Almirante morreo no meio dos triumphos deste dia.

J. V.

Pag. 73

Oh! triste, malfadada Academia.

Esta Academia é a Nova Arcadia, onde Bocage teve assento, mas d'onde foi expulso, como se vê do esboço biographico.

Pag. 75

Pagara icaria sorte o louco intento.

Bellissima comparação do nosso poeta.

Allude á sorte de Ícaro, o qual diz a fábula que fora encerrado por Minos em um laberintho de Creta, juntamente com seu pae

Dedalo. (D'onde veio chamarem-se assim os labyrinthos.)

Tentando ambos fugir, fizeram umas azas de cera, com que se elevaram voando, com a tenção d'irem pouzar em terra amiga; porem Icaro, desprezando os avisos do pae, elevou-se mais alto, do que devia, de que resultou derreter-lhe o calor as azas e cahir no mar, onde afogou.

Egual sorte teme Bocage, tentando elevar-se á altura da belleza de Jonia para retractal-a.

J. V.

Pag. 76

Vós, oh França, Semmedos, Quintanilhas, Macedos. . . .

Estes, e o Abbade de Almoester, foram os mais temiveis adversarios, com que o nosso poeta crusou as armas.

Exceptuando o primeiro, que não tinha força para medir-se com Elmano, todos os outros lhe apararam os golpes com denodo; e se a satyra de Bocage a todos verberou atrozmente, não lhes resta pequena gloria em terem sustentado o duello com o gigante, sem se confessarem vencidos.

Para se vingar de Belchior Curvo Semmedo, homem de incontestavel talento, teve Bocage de recorrer a um miseravel expediente, qual foi o ridiculisar-lhe a pequenez da estatura. Semmedo jamais lhe voltou as costas; combateu sempre, até que jazendo Bocage no leito,

donde mais se não levantou, foi reconciliar-se com elle.

Com o Dr. José Thomaz Quintanilha viveu algum tempo Bocage em boa harmonia, porem nas guerras da Arcadia encontraram-se face a face, como adversarios. Quintanilha era homem de talento, e fosse porque se respeitassem mutuamente, ou por outro qualquer motivo, é certo que poucas vezes apparecem em guerra declarada.

Joaquim Franco de Araujo, Abbade de Almoster, foi tambem objecto das satyras de Elmano; porem o Abbade tinha talento e facilidade em versejar, e não deixou sem resposta as diatribes de Bocage, embora ellas fossem pungentes, como elle costumava forjal-as.

Estamos chegados ao mais terrivel, pertinaz e valente adversario de Elmano. É José Agostinho de Macedo. Ambos consumidos pela inveja e pelo ciume, os dous poetas declararam-se uma guerra de exterminio. Para derrotal-o desenvolveu Bocage todo o seu talento, e a *Pena de Talião* é a satyra mais brilhante e mais vehemente, que talvez se haja escrito na lingua de Camões.

Reconciliados na ultima enfermidade de Bocage, ainda se dirigiram mutuamente versos laudatorios e J. Agostinho lamentou em sentidos cantos a morte de Elmano; porem passados annos, sendo publicada a — *Pena de Talião* — o ciume e o odio, acudindo-lhe de novo ao coração, levou José Agostinho a cuspir mil improperios, indignos do seu in-

contestavel talento, sobre a memoria do poeta, que abraçara, como amigo, na hora extrema.

J. V.

Pag. 83

Comtigo, alma suave, alma formosa.

Este e outros sonetos foram feitos durante a ultima enfermidade do poeta e dedicados a D. Anna Perpetua, filha (ou irmã) de Antonio Bersane Leite, verdadeiro amigo de Bocage; á qual o nosso poeta consagrara intima afeição nos ultimos tempos da sua vida.

Parece que esta senhora regenerara o coração voluvelde Bocage «captivando-o, na frase elegante do Snr. Rebello da Silva, com os grilhões de flores, que o Tasso presta a uma das suas divas.»

Se é verdadeira (como se acredita) a tradição, que isto nos transmitio, Bocage, se a morte lhe não abrevia a existencia, ligar-se-hia a esta senhora pelos laços do matrimonio.

J. V.

CANTATAS

Pag. 95

Longe do caro esposo Iñez formosa.

Já observou o snr. João Baptista d'Almeida Garret que o assumpto dramático de Ignez de Castro, tantas vezes tentado, ainda não estava tractado.

Entre os poetas porem, que tem cantado esses infelizes amores, parece que deve ter Bocage o primeiro lugar depois do grande epico, que ornou o seu poema com :

O caso triste e digno de memoria.

.....

..... da misera e mesquinha.

Que depois de ser morta foi rainha.

ODES

Pag. 110

Esta ode foi escrita na prisão para implorar a protecção de José de Seabra da Silva, então ministro do reino. Com effeito este ministro, amante das letras e dos seus cultores, interpoz o seu valimento, e ajudado por outros amigos do poeta, conseguiu que os ferros lhe fossem pouco pezados, e alfim pôl-o em liberdade.

Não se limitou a isto a protecção de José de Seabra. Solto Manoel Maria quiz garantir-lhe o pão quotidiano empregando-o na Biblioteca publica ; porem Bocage, inimigo de toda a sujeição e serviço obrigado e prezo, levado pelo seu genio independente, regeitou-o.

Breve conheceu o errado passo, que dera, e
constrangido pela necessidade aceitou um
emprego na officina do Padre José Marianno.

J. V.

Pag. 110

Socrates devorando entre os alumnos
A venefica planta.

Este grande philosopho accusado de cor-
romper a mocidade com as suas doutrinas,
de desprezar os deuses, e introduzir divinda-
des novas, foi condemnado a beber a sicuta,
o que elle fez rodeado dos seus discipulos,
fallando-lhes sempre da immortalidade da
alma, até que o mortal veneno lhe minou
as entranhas e desmoronou a existencia.

J. V.

Pag. 110

Alem Regulo entregue
A's raivas brutas da feroz Carthago.

Attilio Regulo, general romano, sendo ca-
ptivo pelos cartaginezes, foi por elles man-
dado a Roma persuadir ao Senado, que fizes-
se a paz; porem Regulo em logar disto acons-
elhou-lhe o contrario, pelo que os carthagine-
zes, julgando-se escarnecidos o turturaram
e mataram barbaramente. Já Camões fallan-
do do nosso Infante Santo D. Fernando, disse:

Regulo, porque a patria não perdesse
Quiz mais a liberdade ver perdida.

Pag. 110

Aqui o estoico, invicto
O rispido Catão brandindo o ferro,
Lacerando as entranhas
Na gloria abstracto de morrer com Roma.

O suicidio, que perpetrou Catão Uticence,
para se não entregar a C. Julio Cezar, vencedor
de Pompeu, deu assumpto á melhor tragedia
classica, que possuimos, do snr. J. B. d'Almeida Garret.

ODES

Pag. 117 v. 5

Do benigno Santelmo o tenue lume
Reluz no aereo tope.

Santelmo é um fogo electrico, que apparece
na ponta dos mastros por occasião de tormenta.

Vasco da Gama contando a sua viagem ao
rei de Melinde diz tambem :

Vi claramente visto o lume vivo
Que a maritima gente tem por santo
Em tempo de tormenta e vento esquivo
De tempestade escura e triste pranto.

LUSIADAS — CANTO V, EST. XVIII.

Ao som confuso da celeuma os nautas.

Depois das anacreonticas, as odes, em que Bocage sobresahio, são as saphicas. A suave melodia do seu metro devia de agradar ao excellento ouvido do poeta, que por outro lado devia preferir a saudade e ternura, que nestas odes se expressa, ás divagações enthu-siasticas e philosophico — moraes, que fazem objecto das odes pindaricas e horacianas.

Esta ode é dirigida a Lazaro da Silva Ferreira, que foi quem, sendo governador de Macau, proporcionou ao poeta meios de voltar a metropole.

Canora Musa do culto Pindaro.

O metro alcaico despresado pelos nossos modernos escriptores, occupados em fazerem reviver os antigos metros nacionaes, não foi contudo abandonado pelos nossos visinhos da Hespanha. Zorrilla e Avellaneda fizeram com versos alcaicos varias combinações.

Este metro não é desagradavel ; o que é extravagante e de mau gosto é a combinação, de que usa Bocage, com quasi todos os versos esdruxulos, cuja repetição é desharmonica e enfadonha. Mas é em semelhantes estrophes, que os nossos escriptores compozeram odes alcaicas.

EPISTOLAS

Pag. 157

Das epistolas, que Bocage escreveu na prisão, só copiamos duas, ainda que as restantes não sejam inferiores. Como porem tem o mesmo assumpto tornam-se monotonas.

Assim na que dirige a Henrique José de Carvalho e Mello, Márquez de Pombal, filho do grande ministro de D. José, diz o poeta :

Memoria e dor minha existencia provam.

e na que endereça ao Marquez de Ponte de Lima repete :

Em carcere, a que o sol medroso, esquivo
Seu lume bemfeitor jamais envia,
Onde *somente a dor me diz que vivo.*

Pag. 168, v. 2

Sempre no mais cruel desasocego,
Sempre commigo mesmo em crua guerra.

O leitor imparcial não achara inteiramente desarresoada a imputação de estafador de anaphoras e antilheses, com que o nosso poeta foi acimado pelo seu rival José Agostinho de Macedo. E é forçoso tambem confessar que essa profusão de anaphoras e antilheses não serve menos de deleitar o ouvido, que de cobrir ás vezes bastante nudez de pensamentos. Mas estes defeitos, que tornaram

celebre a escola, Elmanista, foram augmentados pelos imitadores de Bocage, os quaes não lhe comprehendendo as bellezas, lhe copiaram os defeitos.

Pag. 174, v. 26

Aqui vago em perpetuo labyrintho,
Sempre em risco de ver maligno braço
No proprio sangue meu banhado e tinto.

Estes versos dão a conhecer o risco, que a vida de Bocage corria em Goa.

Pag. 193, v. 25

Alli me disse Anarda o que eu não digo.

Este verso de poetica ingenuidade exprime mais que quantos lindos ditos e amorosos requiebros podem vir á memoria de um poeta, o poeta ainda amoroso; que para exprimir affectos destes diz o Horacio francez :

C'est peu d'être poete ; il faut être amoureux.

ELEGIAS

Pag. 203

Eu vos saudo, oh tímulos annosos.

Esta elegia foi composta nos arredores de Macau, onde havia um lugar coberto de sepulturas dos Chins.

O príncipe D. José, a cuja morte ella feita, morreu a 11 de Setembro de 1788.

Pag. 218, v. 18

A brilhante nação, que blasonava,
De exemplo das nações, o throno abate,
E de um senado atroz se torna escrava

Allude á sanguinaria republica de 1792-93 ao governo da espoliação, do terror e da guilhotina. D'esta republica de violencias, oppressões, confiscações, emigrações, captiveiros, proscricções e assassinios juridicos, diz Lamartine: « Que não era um governo ; era uma revolução, um desmoronamento completo de uma sociedade finda. »

Pag. 223, v. 26

Ah ! verta o meu pincel vistosas cores
Que adocem, que mitiguem da saudade
O terno pranto, os fervidos clamores.

« Na elegia á morte de Joaquim Pereira de Almeida depois de ter feito uma energica pintura dos differentes modos, porque, a morte se apodera de toda a humanidade, com que ternura não rompe o poeta nesta affectuosa exclamação ! »

Taes são as palavras de J. M. da Costa e Silva citando o terceto acima indicado.

DECIMAS

Pag. 235

Socrates, rei da razão. etc.

Veja-se o poema de Lamartine — *La mort de Socrate* — onde se descreve bellamente a morte philosophica, digna da vida do grande mestre de Platão.

Pag. 236

Fernando avilta o brazão etc.

Esta gloza, bem como outras, que não transcrevemos, foi feita por occasião da declaração de guerra entre Portugal e a Hespanha em 1801.

Os versos 15, 16 e 17 da pag. 237

Oh Lusos ! celestes abono
Venficai, merecei
Duro assalto removei.

Alludem de certo á conquista da praça de Olivença e á entrada do exercito hispano — francez no Alemtejo commandado pelo Principe da Paz D. Manuel Godoy.

J. V.

EPIGRAMMAS

Pag. 240

Disem que o Caldas glotão.

O Padre Domingos Caldas Barboza, presidente da Arcadia, onde tinha o nome de Lorenzo Celynunthino, era grande comilão, brasileiro, e tinha as feições e a côr um pouco amulatadas.

Costumava entoar as suas trovas acompanhando-se em uma viola, pelo que deu á collecção d'ellas o titulo de Viola de Lorenzo.

Alguns amigos e incençadores deram-lhe depois da apparição deste livro a alcunha de Theocrito portuguez. Bocage na guerra com a Arcadia foi sobre elle que descarregou os primeiros tiros, por ser o Presidente. Depois, sempre que o encontrava em alguma reunião fulminava-o com o rediculo, de modo que o pobre homem fugia de Bocage, como o diabo da cruz.

O livro de Lorenzo chegou a Pariz e foi ás mãos Philintho Elysio: o poeta desterrado não pode tolerar, que se profanasse o nome do inspirado cantor dos campos da Sicilia (Theocrito) dando-o ao mesquinho fazedor de trovas auctor da — Viola de Lorenzo, — e despedio-lhe tambem de lá a sua frechada em reforço a Bocage, que já de persi só o tinha bem martyrisado.

J. V.

Bernardo envolto em limiste.

O Dr. Manoel Bernardo de Souza Mello era um pobre poeta de cemiterios, que tecia ne-nias a quantas pessoas ceifava a mão da morte ; quiz a sua má estrella divertir-se com elle, e fel-o sahir d'entre cyprestes para as luetas do Parnaso.

No primeiro vulto, que se lhe apresentou, beliscou-lhe o calcanhar. Infeliz ! O beliscado era Bocage ! Voltou o poeta o rosto e vio o reptil engatinhando-se-lhe nas botas ; sacudio-as e despedio-lhe um soneto epigramatico, que matou pelo rediculo o pobre carpidor de finados. Ainda o mimozeou com mais alguns brindes, sendo este epigrama a ultima pá de terra lançada na campá do aniquilado versejador.

Tanto este, como o Padre Caldas, e José Daniel Rodrigues da Costa, auctor do Almo-creve das pelás, foram umas infelizes creatu-ras, que Bocage cubrio de rediculo, e expoz á gargalhada publica, em todas as partes, que lhe appareciam.

J. V.

EPIGRAMMAS

Pag. 234 — IX

Quanto és, Dido, desgraçada

Este epigramma é traduzido d'est'outro de Ausonio —

Infelix Dido, nuli bene nupta marito ;
Hoc perecente, fugis ; hoc fugiente, peris,

em que o auctor se aproveita do anachronismo commettido por Virgilio na Eneida, o que tambem fez Metastasio na sua tragedia — Dione —

Este mesmo já foi traduzido por Elpino Duriense (Antonio Ribeiro dos Santos) Se nos não falha a memoria era esta a sua versão, ou antes paraphrase :

Infeliz Dido
Tão mal casada
Com dous maridos
Es desgraçada.

Com ambos elles
Mau fado corres :
Morre um e foges,
Foge o outro, e morres.

Felinto Elysio (Francisco Manoel do Nascimento) tinha-o tambem já traduzido em dous versos soltos :

Dido infeliz ! a um e outro mal unida
Morre-te um — foges : foge-te outro — morres.

Pag. 245 — XIII

Estes epigrammas a um canapé velho tem

uma historia engraçada e já muito sabida.

Fôra Bocage visitar o seu amigo José Bersane levando vestidos uns calções novos de seda; chegando á sala assentou-se em um caruncho canapé, que rangeu por todas as juntas e com um prego rasgou os mimosos calções do nosso poeta. Bocage levantou-se e fulminou o canapé com uma tremenda descompostura. «Não tens vergonha, lhe disse Bersane, em estar ahí a descompor o meu canapé em proza vil ! Se lhe soubesses a edade respeitá-lo-ias mais —

Fugio do incendio de Troya,
Lá desse incendio voraz,
Enéas com o pae ás costas,
E o moço Co'aquillo atraz.

Qual historia ! Olha isto ser só do incendio de Troya !

Quando Deus formou o mundo
Em seis dias, como é 'fé ;
Ao septimo descançou
Aqui neste canapé.

Não, senhor, retorquiu Bersane ; sabes mal a idade do meu canapé ; por quanto :

Inda antes d'existir mundo ;
Einda antes de havér Adões
Já elle tinha este préguinho,
Com que rasgava calções.

Ergo, meu amigo, tornou Bocage; fiquemos entendidos e desenganados.

Quando a velha Eternidade
Por esta casa passou,
Disse áquelle canapé:
— A sua benção, meu avô. —

E assim devia de continuar este espirituoso tiroteio, de que nada mais se conserva, o que é sem duvida para sentir, pois mui curiosa seria a collecção de epigrammas que os dous poetas jogaram contra o decrepito canapé.

J. V.

APOLOGOS

Pag. 256

O rei dos animaes o rugidor leão etc.

Não nos consta que nenhum poeta anterior a Bocage escrevesse em alexandrinos, que são para os francezes o que para nos são os hende casyllabos. Ultimamente o Snr. Antonio Feliciano de Castilho n'uma poesia ao Imperador do Brazil, que precede o seu estudo dramatico — Camõens — mostrou quanto proveito pode tirar deste metro um bom versificador.

SATYRAS

Pag. 260

Ou do bom Daniel na terrea estancia.

Assim se chamava um chapeleiro do Rocio,
onde Macedo hia passar as tardes.

Pag. 266

Se o Rival de Virgilio ouvisse os versos

Este rival de Virgilio é Delille, auctor do
poema os jardins que Bocage tradusio.

Pag. 267 v. 2

Ousa mais — a Lusiada na sumas.

Esta Lusiada foi publicada em 1811, com o
titulo de Gama e annos depois refundida, au-
pliada e publicada com o nome de — Oriente.

Pag. 277 v. 7

O prologo alteroso, em que abocanhas
Do luso Homero as veneraveis cinzas.

As douctrinas expendidas por J. A. de
Mecedo, que queria, abatendo o merito da
famoza epopeia os Lusiadas, elevar o do seu
Oriente, foram combatidas por Nuno Alvares
Pereira Fato Moniz. E' originalissima a se-

guinte decima, que então appareceu, e cujo auctor se ignora :

Ao Parnaso quer subir

Novo rival de Camões,

E das loucas pretensões

As Musas se poem a rir :

Apollo, sem se affligir,

D'est'arte diz ao casmurro :

« Pode entrar, que não o empurro,

« Não me vem causar abalo,

« Já cá sustento um cavallo,

« Sustentarei mais um burro. »

ERRATAS

Pag. 26, v. 3 — O sol, é a que etc. deve lêr-se —

O sol e a que. O mesmo erro sahio nas notas.

Pag. 153, v. 14 deve lêr-se — Nem teus quebros
por lá, nem teus gorgeios.

Pag. 178, v. 2 — Ouvidos ha tantos etc. deve ser —
Ouvidos ha tanto.

Pag. 182, v. 5, em logar de pavôr, deve lêr-se —
favôr.

Pag. 210 v. 8, em logar de moãs, deve ser — mãos.

Pag. 240: v. 1 — Dizeem que Caldas, deve lêr-se —
Dizem que o Caldas.

Pag. 245, v. 14 — affartar, deve ser — a fartar. —

Pag. 252, v. 23 — seguiu-se-lhe, deve lêr-se se-
guiu-se-lhe.

INDICE

	Pag.
ADVERTENCIA DO EDITOR	3
ESBOÇO BIOGRAPHICO	5
SONETOS: desde a pag. 9 a	88
CANTATAS: — <i>Medêa</i>	89
— <i>A' morte de Ignez de Castro.</i>	95
— <i>A' morte de Leandro e Hero</i>	102
ODES: — <i>Ao Ex.^{mo} snr. José de Seabra da Silva</i>	110
— <i>Alegorica — Moral: O Quadro da vida humana</i>	115
— <i>Odes Anacreonticas: — A borboleta.</i>	118
— <i>Odes Saphicas: — A Gratidão</i>	124
— <i>Ode Alchaíca.</i>	132
IDILIOS: — <i>idílio maritimo, Tritão</i>	137
— <i>idílio pastoril — Filena, ou a saudade</i>	143
— <i>idílio pharmaceutrio — Crinaura, ou a amor magico</i>	147
— <i>idílio — A saudade materna</i>	153
EPISTOLAS: — <i>Ao Illm.^o e Ex.^{mo} snr. Mar- quez de Pombal</i>	157
— <i>Ao Illm.^o e Ex.^{mo} snr. Marquez de Ponte do Lima</i>	162
— <i>A Gertruria</i>	166
— <i>A Josino</i>	172
— <i>A' Illm.^a e Ex.^{ma} snr.^a D. Mariana Joaquina Pereira Coutinho</i>	177
— <i>Ao Illm.^o snr. José Caldeira D'Ordaz e Queiroz, Barão de Castello Novo etc. etc.</i>	183

	Pag.
— Ao Illm. ^o snr. Sebastião Xavier Botelho	185
CANÇÕES : — <i>O Adeus</i>	189
— <i>O Ciúme</i>	192
— Ao Ex. ^{mo} snr. Lniz de Vasconcellos e Souza, Vice-rei do estado do Brazil	197
ELEGIAS ; — <i>A' morte do Principe D. José</i>	203
— <i>A Olinda</i>	209
— <i>A' morte da Rainha de França</i>	217
— <i>Offerecida ao snr. Joaquim Pereira d'Almeida, na morte de seu pae</i>	221
— <i>A' morte do snr. João dos Santos Bersune</i>	226
— <i>A' morte do Marquez d'Angeja</i>	228
DECIMAS : — <i>A morte de Socrates</i> (improvisó)	235
— <i>Defender os patrios lares — Gloza</i>	236
— <i>Quem pode deixar d'amar? — Idem.</i>	238
EPIGRAMMAS : — <i>A um glotão</i>	240
— <i>Definição do ouro</i>	242
— <i>Epitaphio</i>	243
— <i>A' cara d'uma estanqueira</i>	»
— <i>Ao nariz da mesma</i>	244
— <i>A um canapé antiquissimo</i>	245
— <i>(De Marcial)</i>	»
APOLOGOS : — <i>O corvo e o pavão.</i>	248
— <i>O macaco declamando</i>	25
— <i>O cão de fralda e a rapoza</i>	252
— <i>A tigre e a doninha</i>	253
— <i>O leão e o porco</i>	256
SATYRA — <i>Pena de Talião</i> (ao padre José Agostinho de Macedo)	257
NOTAS DO AUCTOR	271
NOTAS	275

PL
R.F.

JAN 23 1958



